

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
INSTITUTO ECUMÊNICO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

TEOLOGIA E PEDAGOGIA EM DIÁLOGO A PARTIR DE UMA
LEITURA TEOLÓGICA DA OBRA PEDAGOGIA DO OPRIMIDO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Por

Eliseu Roque do Espírito Santo

Em cumprimento parcial às exigências
do Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia

Escola Superior de Teologia
São Leopoldo, RS. Brasil
Junho de 2005

SINOPSE

ESPÍRITO SANTO, Eliseu Roque. *Teologia e pedagogia em diálogo a partir de uma leitura teológica da obra Pedagogia do Oprimido*. São Leopoldo: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, 2005.

Um esforço de diálogo entre teologia e pedagogia a partir de uma leitura teológica da obra *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire. No primeiro capítulo busca-se determinar o método para a leitura teológica. Após a análise do método de investigação temática apresentado por Freire, desenvolve-se a tese de que tal método é adequado para a leitura teológica da referida obra, portanto, descobre-se no método de investigação temática um método excelente para a leitura. Os passos da leitura teológica da obra seguem as orientações do método de investigação temática. O segundo capítulo se ocupa da leitura do mundo, onde não somente o autor, mas também o leitor é alvo de observação. Quanto ao autor da obra, Paulo Freire, percebe-se nitidamente, através das paráfrases de versículos bíblicos, da linguagem usada e dos temas tratados, a influência de sua formação cristã e de sua teologia na formação de seu pensamento político-pedagógico. Nos capítulos terceiro, quarto, quinto e sexto são discutidos os temas geradores numa perspectiva teológica-pedagógica: libertação, comunhão, solidariedade, amor, generosidade, testemunho, esperança, a palavra, imersão, emersão e inserção, homem novo, fé, Deus e mundo. Finalmente é apresentada uma tentativa de problematização da práxis pastoral batista à luz da leitura teológica da *Pedagogia do Oprimido*.

ABSTRACT

ESPÍRITO SANTO, Eliseu Roque. *Teologia e pedagogia em diálogo a partir de uma leitura teológica da obra Pedagogia do Oprimido*. São Leopoldo: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, 2005.

This is an effort to dialogue between theology and pedagogy with a theological reading of the work *Pedagogy of the oppressed*, by Paulo Freire. In the first chapter, a search is made to determine the method of the theological reading. After an analysis of the method of thematic investigation presented by Freire, a thesis is developed in which this method is adequate for a theological reading of the referred to work; therefore one discovers in the method of thematic investigation an excellent method for the reading. The steps of the theological reading of the work follow the directions of the method of thematic investigation. The second chapter deals with a reading of the world, where not only the author, but also the reader are targets of observation. How much the author of the work, Paulo Freire, perceives clearly, through the paragraphs of biblical verses, the language used and the themes dealt with influences his Christian formation and his theology in the formation of his theological-pedagogical thinking. In the chapter three, four, five and six, he discusses the generated themes in a theological-pedagogical perspective: liberation, communion, solidarity, love, generosity, testimony, hope, the word, immersion, emersion, insertion, the news man, faith, God and world. Finally, an attempt at the problem of the praxis of the baptist pastor is presented in light of a theological reading of the *Pedagogy of the Oppressed*.

AGRADECIMENTOS

Quando chegamos ao final de uma obra somos devedores à muitas pessoas. Primeiramente sou grato a Deus que me deu a oportunidade de realizar este curso na EST. Todos dependemos de Deus, mas nós brasileiros e brasileiras dependemos um pouco mais. Freire fala das situações limites que não são naturais, mas históricas, e que geram um clima de desesperança.¹ Foi mais ou menos nesse clima que me dirigi a primeira vez à EST. Não imaginava como poderia pagar o curso. Mas como situações limites exigem atos limites, fui à luta, e realizei o exame de ingresso na esperança de conseguir uma bolsa. Graças a Deus fui contemplado com uma bolsa da CAPES, sem a qual me teria sido impossível chegar até aqui. Portanto agradeço também a todos brasileiros e brasileiras, que com seus impostos e com sua participação política, criam caminhos (CAPES, CNPQ, escola pública, universidade pública e outros) para que os que não "nasceram em berço de ouro" possam estudar.

Agradeço à minha família, especialmente minha esposa Luciane e meus filhos João Marcos e Maria Eduarda, que tiveram que abrir mão da minha companhia e de outras coisas, para que eu pudesse estudar.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Evaldo L. Pauly, que de forma democrática e competente me guiou nesta reflexão.

Finalmente, agradeço a todos e a todas, colegas, professores e professoras que tiveram paciência de ouvir meus comentários sobre o projeto da dissertação e me ofereceram excelentes sugestões.

¹ Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 90-91.

ABREVIATURAS

Escola Superior de Teologia ..EST	Lucas	Lc.
Fraternidade Teológica Latino Americana	João	Jo.
FTL	Atos	At.
Mulheres Cristãs em Ação	Romanos	Rm.
MCA	1 Corintios	1Co.
União de Homens Batistas	2 Corintios	2Co.
UHB	Gálatas	Gl.
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e tecnológico	Efésios	Ef.
CNPQ	Filipenses	Fp.
Coordenação e Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior	Colossenses	Cl.
CAPEF	1 Tessalonicenses	1Ts.
Convenção Batista Brasileira	2 Tessalonicenses	2Ts.
CBB	1 Timóteo	1Tm.
Conselho do Episcopado Latino Americano	2 Timóteo	2Tm.
CELAM	Tito	Tt.
Serviço Social da Indústria SESI	Filemon	Fm.
Institute Ecuménique au Service du Développement des Peuples	Hebreus	Hb.
INODEP	Tiago	Tg.
Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação	1 Pedro	1Pe.
FAO	2 Pedro	2Pe.
Universidade do Estado do Rio de Janeiro	1 João	1Jo.
UERJ	2 João	2Jo.
Movimento de Educação de Base	3 João	3Jo.
MEB	Judas	Jd.
Conselho Mundial de Igrejas	Apocalipse	Ap.
CMI	Ester	Et.
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Jó	Jó
PUC/SP	Salmos	Sl.
Junta de Educação Religiosa e Publicações	Provérbios	Pv.
JUERP	Eclesiastes	Ec.
Gênesis	Cântico dos Cânticos	Ct.
Gn.	Isaiás	Is.
Êxodo	Jeremias	Jr.
Êx.	Lamentações	Lm.
Levítico	Ezequiel	Ez.
Lv.	Daniel	Dn.
Números	Oséias	Os.
Nm.	Joel	Jl.
Deuterônômio	Amós	Am.
Dt.	Obadias	Ob.
Josué	Jonas	Jn.
Js.	Miquéias	Mq.
Juizes	Naum	Na.
Jz.	Habacuque	Hc.
Rute	Sofonias	Sf.
Rt.	Ageu	Ag.
1 Samuel	Zacarias	Zc.
1Sm.	Malaquias	Ml.
2 samuel		
2Sm.		
1 Reis		
1Rs.		
2 Reis		
2Rs.		
1 Crônicas		
1Cr.		
2 Crônicas		
2Cr.		
Esdras		
Ed.		
Neemias		
Ne.		
Mateus		
Mt.		
Marcos		
Mc.		

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
 CAPÍTULO 1	
1. O MÉTODO DA INVESTIGAÇÃO TEMÁTICA	14
1.1 A questão de método para uma leitura teológica	16
1.2 De que consiste o método	22
1.3 O método de investigação temática como método de leitura teológica	35
1.3.1 Os passos para uma leitura teológica	36
A) Leitura crítica do texto	37
B) Leitura do mundo	38
C) A escolha e análise das palavras/temas geradoras	39
 CAPÍTULO 2	
2. LEITURA DO MUNDO	44
2.1 O leitor	44
2.2 O autor	46
 CAPÍTULO 3	
3. O TEMA GERADOR: LIBERTAÇÃO	54
3.1 A libertação como tema bíblico	55
3.2 A libertação como tema central para a teologia na América Latina	56
3.3 O sentido da libertação para Freire	58
3.4 Os obstáculos para a libertação	59
3.4.1 A aderência	59
3.4.2 A prescrição	60
3.5 A proposta de uma educação libertadora	61

CAPÍTULO 4

4. COMUNHÃO/SOLIDARIEDADE, AMOR/GENEROSIDADE, TESTEMUNHO ..	65
4.1 Comunhão/Solidariedade	65
4.1.1 A comunhão como tema bíblico-teológico	66
4.1.2 A comunhão como fundamento para uma ação libertadora.....	67
4.2 Amor/Generosidade	71
4.2.1 O amor/generosidade como tema bíblico- teológico	73
4.2.2 A verdadeira generosidade	74
4.2.3 Auto-compreensão das igrejas de seu papel político e sua postura social	79
4.2.4 Mudança de estruturas versus mudança de consciência	80
4.3 Testemunho	81
4.3.1 O testemunho na perspectiva bíblico-teológica ..	84

CAPÍTULO 5

5.ESPERANÇA, A PALAVRA, IMERSÃO, EMERSÃO E INSERÇÃO	83
5.1 Esperança	85
5.1.1 A esperança como tema bíblico-teológico	87
5.2 A Palavra	92
5.2.1 A palavra como tema bíblico-teológico	94
5.3 Imersão, emersão e inserção	95
5.3.1 Imersão, emersão e inserção numa perspectiva bíblico-teológica	96

CAPÍTULO 6

6. HOMEM NOVO, FÉ/CRENÇA, DEUS, MUNDO	101
6.1 Homem novo	101
6.1.1 De uma perspectiva individualista para uma perspectiva comunitária	102
6.1.2 O papel da religiosidade na construção de uma nova humanidade	103
6.2 Fé/Crença	104
6.2.1 Fé nos homens e mulheres	105
6.2.2 A fé religiosa/fé em Deus	106
6.2.3 A relação entre fé no ser humano e fé em Deus	106
6.3 Deus	107
6.4 Mundo	112
6.4.1 O mundo numa perspectiva bíblico-teológica	113

CAPÍTULO 7

7. IMPLICAÇÕES PARA UMA PRÁXIS PASTORAL BATISTA	114
7.1 O uso da palavra na práxis pastoral batista	115
7.2 A práxis pastoral batista no âmbito do social	118
7.3 A práxis pastoral batista e a onda neoliberal	123
7.4 A práxis pastoral batista no ensino e discipulado	127
7.5 A práxis pastoral batista e a utopia de uma nova humanidade	129
 REFLEXÕES FINAIS	 132
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	 140

INTRODUÇÃO

Minha primeira experiência com a leitura da *Pedagogia do Oprimido* não foi das melhores. Estava no primeiro ano da faculdade de educação, sendo introduzido no universo filosófico-pedagógico de Paulo Freire. Na leitura, não consegui ultrapassar as primeiras trinta páginas. Não por questões ideológicas, motivos que Freire aponta para alguns e algumas não ultrapassarem as primeiras páginas da obra,² mas por dificuldades reais de compreender seus conceitos. Freire me parecia também terrivelmente repetitivo.

Apesar das dificuldades iniciais que tive com a leitura da obra maior de Paulo Freire, suas propostas me fascinavam. O apelo à liberdade, à democracia, ao diálogo, ao amor e generosidade, ressoavam no meu coração de estudante, de brasileiro, de oprimido. Enquanto educando, percebia as contradições em sala de aula: educadores e educadoras autoritários ensinando a pedagogia de Paulo Freire. No entanto essas contradições me trouxeram de volta às suas obras. Era como uma reação ao que estava vendo diante dos meus olhos. Por isso, ao elaborar o trabalho de conclusão do curso de pedagogia, decidi dissertar uma crítica à "Pedagogia Crítico-

² Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 25.

Social dos Conteúdos” à luz da filosofia e pedagogia freireana.³

Após minha “iniciação” ao pensamento pedagógico de Paulo Freire no curso de pedagogia, comecei a tecer algumas relações com outra área de minha vida, meu trabalho como pastor de igreja evangélica batista.⁴ Os pontos de coincidência não são poucos entre os dois campos. A atividade pastoral e/ou qualquer outra ação que queira ser libertadora, deve ser essencialmente pedagógica.

Descobri que o tema libertação e ação pedagógica fazem da práxis pastoral, um lugar de encontro entre a teologia e pedagogia. Ao afirmar e demonstrar que uma ação libertadora necessita ser essencialmente pedagógica,⁵ Freire nos convence que a teologia tem muito a aprender com a pedagogia e a pedagogia muito a aprender com a teologia. Essa aproximação também é possível, porque na Pedagogia do Oprimido, bem como na maioria dos seus escritos, Freire rompe com o modelo cartesiano de fazer ciência e constrói seu pensamento com categorias próprias que transcendem o limite de uma disciplina particular. Temos portanto um ponto de confluência, onde não apenas a teologia encontra espaço especial para diálogo com a pedagogia, mas também as demais ciências sociais.

O presente trabalho busca, através de uma leitura teológica, identificar e intensificar a aproximação entre teologia e pedagogia na e a partir da obra Pedagogia do Oprimido. Queremos saber inicialmente que contribuição a

³ Eliseu Roque do ESPÍRITO SANTO, *Prática pedagógica democrática-prática pedagógica democratizante*.

⁴ Ver informações sobre atividade pastoral e igrejas batistas no capítulo 7.

⁵ Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 54-55.

teologia emprestou à reflexão de Freire, quais os indícios dessa contribuição e de forma dialética, o inverso, ou seja, a contribuição da pedagogia freireana à teologia.

Para iniciar o trabalho era preciso um método para realizar a leitura teológica. Mas qual método? Após considerar algumas opções, que apresento no primeiro capítulo, decidi seguir por um caminho novo.⁶ Por que não utilizar o próprio método de investigação temática de Paulo Freire como método de leitura teológica? Isso não seria tão difícil, já que Freire não apenas criou um método de alfabetização, mas também um excelente método de pesquisa.

Com o método definido, parti passo a passo à leitura teológica da obra.

O segundo capítulo dedico à leitura do mundo onde não apenas procuro apresentar informações sobre a vida e o mundo do autor da obra, mas também algumas informações da minha pessoa como leitor. Essas observações dão pistas para a compreensão dos temas da obra e sua seleção.

No capítulo 3 apresento e discuto o tema gerador, que é libertação, tema principal na obra *Pedagogia do Oprimido*.

Nos capítulos quarto, quinto e sexto, dedico para discussão dos temas geradores: comunhão, solidariedade, amor, generosidade, testemunho, esperança, palavra, imersão, emersão, inserção, fé, Deus e mundo.

⁶ Howard S. BECKER diz: "...prefiro um modelo artesanal de ciência, no qual cada trabalhador produz as teorias e métodos necessários para o trabalho que está sendo feito" (*Métodos de pesquisa em ciências sociais*, p.12.).

Finalmente, no capítulo sete, procuro fazer um esforço de totalização buscando reunir alguns dos achados e aplicar à uma reflexão da práxis pastoral batista. Faço isso porque Freire propõe, em seu método, que após os debates em torno dos temas geradores, todo o material deveria ser reunido e devolvido ao povo como desafios para mais reflexões e ações que pudessem transformar seu mundo.⁷ Ao fazer esse esforço de problematizar a práxis pastoral batista a partir das reflexões de Freire na *Pedagogia do Oprimido*, tento também, sinalizar como a pedagogia libertadora pode auxiliar a teologia na discussão de temas teológicos.

Reconheço que o tratamento dos temas tanto numa perspectiva teológica como pedagógica exigiria, pela riqueza de significados dos mesmos, um tratamento mais exaustivo. No entanto entre a opção de um estudo mais profundo de cada tema e um estudo mais panorâmico de vários temas, optamos pela Segunda, levando em conta os objetivos, o tempo e espaço que dispunha.

Quanto ao referencial teórico, a leitura é feita a partir de um horizonte teológico protestante. A teologia da libertação é, também, parte fundamental do arcabouço teórico deste trabalho como discurso crítico contra uma ordem injusta e opressora e uma teologia desencarnada e descomprometida com a realidade.

Hoje, depois de ler e reler a *Pedagogia do Oprimido*, vejo que a dificuldade inicial que tive ao ler a obra pela primeira vez é semelhante àquela que temos quando estamos diante de um

⁷ Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p.118.

quadro de um grande pintor, queremos entender sua mensagem, mas para captá-la é preciso admirar... admirar... Admirar...

Paulo Freire com sua capacidade de pensar a prática e praticar o que pensava, nos deixou um legado inestimável. Suas idéias nitidamente marcadas por sua fé cristã, trazem consigo a presença do sopro divino. Examinar, admirar, criticar e principalmente criar a partir de suas idéias, é o grande desafio que ele nos deixa. Esperamos que o presente trabalho seja um estímulo a uma compreensão maior dos escritos freireanos e a discussão de seus princípios no campo da teologia e práxis pastoral.

CAPÍTULO 1

O MÉTODO DA INVESTIGAÇÃO TEMÁTICA

Para uma leitura teológica da Pedagogia do Oprimido usaremos o método de investigação temática.⁸ Seguiremos um caminho parecido com o de Michael Löwy no seu estudo sobre a "afinidade eletiva entre o romantismo libertário na Europa central e o messianismo judaico".⁹ Ali, ele, apesar de sua filiação ao marxismo, faz uso da categoria "afinidade eletiva" criada por Max Weber no estudo da relação entre a ética protestante e o capitalismo.¹⁰ Löwy propõe fundar o estatuto metodológico do conceito e usá-lo "como instrumento de pesquisa interdisciplinar".¹¹ Esse mesmo procedimento queremos usar na pesquisa sobre a relação entre o método de Paulo Freire e a teologia evangélica. O método de Freire é mais que um método de alfabetização, é, ao nosso ver, um novo e consistente caminho (método) de pesquisa dos fenômenos humanos,¹² e porque não, também da teologia.

⁸ Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 100.

⁹ Michael LÖWY, *Redenção e utopia*.

¹⁰ Max WEBER, *A ética protestante e o espírito do capitalismo*.

¹¹ *Ibid.*, p. 13.

¹² Andreola comenta sobre linhas de pesquisas interdisciplinares inspiradas na teoria e metodologia dos temas geradores, como pesquisa conscientizante (*enquête conscientizante*) criada no INODEP (1978) e Pesquisa-Ação Educacional (UFESM). Veja em: ANDREOLA, Balduino Antonio. *Interdisciplinariedade na obra de Paulo Freire*. In: Danilo R STRECK, *Paulo Freire*, p. 67-94.

Ao elaborar seu método de alfabetização, Freire desenvolve um método de fazer ciência.¹³ Propõe uma verdadeira revolução epistemológica. Como sempre, preocupado com a coerência entre o que diz e o que faz, Freire elabora um método que não dicotomiza educador(a) e educando(a), teoria e prática, transmissão e produção de conhecimento, conteúdo e processo de aprendizagem, ensino e pesquisa, educação e política, intelectual e gente do povo. Entre muitas, talvez a maior contribuição de seu método, seja mostrar que a ciência não se faz para o povo, mas com o povo.

Por esses motivos a proposta de Freire era e continua sendo revolucionária. Hoje, quase quarenta anos depois, parece mais inovadora que antes. Diante disto, uma questão que temos que considerar é o desafio de tornar concretas as grandes e desafiadoras propostas de Freire para a educação. A questão da escolha dos conteúdos, que tem a ver com a democratização de todo processo de ensino, foi para Freire e continua sendo para educadores progressistas, um grande desafio. Como nos diz Freire:

O problema fundamental, de natureza política e tocado por tintas ideológicas, é saber quem escolhe os conteúdos, a favor de quem e de que estará o seu ensino, contra quem, a favor de que, contra que.¹⁴

Esse modelo de educação, que acredita na liberdade e no povo, com certeza não interessa a quem exerce a dominação e onde o que importa é a manutenção do *status quo*. Uma educação

¹³ Ver: Rejane Aurora MION, Carlos Hiroo SAITO (orgs.) *Investigação-Ação*. Nesta obra destaca-se a importante contribuição do método de Paulo Freire para o campo da investigação-ação.

¹⁴ Paulo FREIRE, *Pedagogia da esperança*, p.53.

problematizadora que parte dos oprimidos, e desmascara a opressão pode se tornar “perigosa” para alguns. Não podendo negá-la, a solução para muitos que se sentem incomodados, é ignorá-la. É comum ouvirmos comentários como do tipo, “a obra de Freire é importante, *mas* para o ensino de adultos”. Assim, sem negá-la, alguns vão reduzindo-a a alguns espaços educacionais, mas nunca aceitando a sua aplicação de uma forma mais generalizada na educação.

Este trabalho busca aplicar o método de investigação temática na tarefa de leitura teológica. Vários aspectos que veremos a seguir, apontam para a consistência do método para os propósitos de uma leitura teológica que almeja contribuir para uma ação pastoral e educacional libertadora.

Vejamos antes o debate em torno dos métodos de leitura teológica aplicados à literatura, o que nos ajudará a ver o estado da arte desse campo de pesquisa.

1.1 A questão de método para uma leitura teológica

Quando iniciamos o estudo da *Pedagogia do Oprimido* com o propósito de realizar uma leitura teológica, não imaginávamos que encontraríamos na própria obra o método para esta leitura. Por tratar-se de uma obra literária, entramos no campo de debate da relação entre teologia e literatura.¹⁵ Devido ao estilo do autor, a obra, pelo seu conteúdo, pode ser

¹⁵ Uma boa revisão sobre o tema teologia e literatura encontramos em: Antonio MAGALHÃES, *Deus no espelho das palavras*. Também encontramos algo parecido em: Adilson SCHULTZ, *Agenciamento teórico-metodológicos para o estudo do lugar do protestantismo no imaginário religioso brasileiro a partir do encontro da teologia com a literatura* (na casa de João Guimarães Rosa). Disponível na Internet: www.est.com.br/nepp/numero_01/index.htm Data de acesso 25.04.2005.

classificada como uma obra científica. Pela sua forma, no entanto, pode ser analisada como uma obra literária. Independente da classificação, temos um ensaio escrito, com uma mensagem e um objetivo, portanto, um texto passível de leituras das mais diversas especialidades.

O diálogo entre teologia e literatura no contexto da América Latina, tem como precursor Pedro Trigo que faz uma leitura teológica da obra de Arguedas, cuja abordagem, observa Gutiérrez, "tem muito de novo, apesar de não faltarem noutras latitudes antecedentes conhecidos e apreciados".¹⁶ Gutiérrez, após considerar o trabalho pioneiro e fecundo de Trigo, se sente motivado a aprofundar as reflexões teológicas da obra arguedeana.

Antonio Magalhães, outro pesquisador da relação teologia e literatura, analisa os trabalhos de Trigo e Gutiérrez e observa que

o romance é lido para confirmar uma crítica social dentro do horizonte da análise social defendida pela Teologia da Libertação, sem maiores conseqüências, porém, para o próprio método dessa teologia. A literatura é usada como denúncia que corrobora todo um projeto já definido, um sistema demarcado e uma utopia delineada. Nela se confirmam as suspeitas que encontramos em outros campos do saber e da análise. Não se pensa que na literatura latino-americana há, por exemplo, interpretações riquíssimas sobre temas diretamente ligados à tradição teológica, sobre formas de conhecimento, memória históricas de mito e possibilidades de uma outra compreensão do próprio fazer teológico.¹⁷

¹⁶ Gustavo GUTIÉRREZ, *Entre Calandras*, p.328. In: Pablo RICHARD (org.), *Raízes da teologia latino-americana*.

¹⁷ Antonio MAGALHÃES, *Deus no espelho das palavras*, p. 83.

Como vemos, a preocupação de Magalhães é com uma análise mais ampla, ou seja, um espectro maior de análise dos temas teológicos. Se preocupa, também, com a questão do método de se fazer teologia que, segundo ele, permanece inalterado. Ao avançar em sua análise, Magalhães comenta as obras de Antonio Manzatto,¹⁸ pioneiro no contexto brasileiro no campo de leitura teológica de literatura, e também, a obra de Luís N. Rivera Págan. Em ambos vê alguma limitação. No caso de Manzatto, observa novamente a questão do método. Para ele o "problema central na obra de Manzatto é sua fixação quanto às formas do conhecimento. A literatura seria algo fixo, e a teologia também".¹⁹ No caso de Págan, observa um avanço em relação à obra de Manzatto por sugerir novas temáticas para a teologia, no entanto, aponta como limite, o fato de não oferecer "orientações hermenêuticas para a construção de um novo método teológico".²⁰

Pelo que parece, a principal preocupação de Magalhães é com a construção de um novo método teológico. Isso porque, vê sérios limites tanto no método da Teologia da Libertação, quanto no das Teologias do Sujeito (Teologia Negra, Teologia Feminista, Teologia Indígena, etc.). O problema do método da Teologia da Libertação, diz Magalhães, está em reduzir a análise da realidade a fatores sociais, econômicos e políticos.²¹ Já nas Teologias do sujeito, Magalhães aponta uma certa redução na visão teológica, tendendo ao que podemos chamar de formação de *gueto*, ou seja, o

¹⁸ Antonio MANZATTO, *Teologia e literatura*.

¹⁹ Antonio MAGALHÃES, *Deus no espelho das palavras* p. 93.

²⁰ *Ibid.*, p. 93.

²¹ *Ibid.*, p. 120.

teólogo ou a teóloga deveria então procurar seu grupo específico para se sentir em casa, ser aceito, ter um *status* definido. Teologia seria uma boa questão de identidade grupal, substituir-se-ia o denominacionalismo ou confessionalismo pelos sujeitos que operam como fatores de vigilância ideológica [...] Esse enquadramento ideológico pode tornar-se uma expressão a mais de mecanismos cerceadores do pensamento teológico.²²

Enquanto a Teologia da Libertação apostou nas ciências sociais como interlocutoras do diálogo entre teologia e o mundo do seu tempo; a Teologia dos sujeitos apostou no sujeito. Razão pela qual Magalhães apostar na interlocução da literatura.²³ A literatura permitiria analisar o fenômeno religioso e a experiência religiosa, ou seja, a matéria prima da fé.

A questão é de como fazer esta aproximação entre teologia e literatura. Para isso é preciso um método, um método de leitura teológica. Magalhães analisa os modelos predominantes, que são os modelos de realização e a teopoética. Observa que o modelo de realização, apesar de manifestar um avanço ao considerar a literatura como um instrumento que pode tornar as narrativas bíblicas "mais acessíveis ao ser humano de hoje",²⁴ falha ao manter a teologia "intocável como reduto da verdade"²⁵. A teologia nesse modelo é a depositária da verdade e apta a responder as questões humanas levantadas na literatura. Quanto ao modelo da teopoética, reconhece suas grandes possibilidades, principalmente no método da analogia

²² Antonio MAGALHÃES, *Deus no espelho das palavras*, p. 115.

²³ *Ibid.*, p. 117.

²⁴ *Ibid.*, p. 148.

²⁵ *Ibid.*, p. 149.

estrutural de Kuschel,²⁶ mas apresenta preocupação com a teopoética semelhante a de Rubem Alves onde teologia e literatura parecem perder suas especificidades.²⁷

Magalhães quer um método onde a Bíblia e a tradição se tornam interlocutoras do diálogo, mas deixam de ser "normativas únicas do saber teológico".²⁸ Propõe o seu método, que chama de "método da correspondência".²⁹ Neste, a teologia dialoga com a literatura numa relação de igualdade sem que se percam as suas respectivas especificidades.

Assim descreve seu método:

a cada elemento considerado da revelação na Bíblia e na tradição teológica, podem ser associados um ou mais na literatura mundial. A cada narrativa considerada compreensão da fé, há que se associar outra na experiência das pessoas e nas interpretações literárias.³⁰

Para Magalhães "Deus tramita no espelho das palavras"³¹ e não apenas na Bíblia e na tradição. Sendo assim, a literatura pode oferecer uma autêntica leitura teológica da vida.

Algumas questões parecem não estar bem claras na proposta de Magalhães. O que busca Magalhães, um novo método de leitura teológica ou um novo método de fazer teologia? Parece que as duas coisas. Ele não parece satisfeito nem com o método da Teologia da Libertação, nem com o das teologias do sujeito. A questão parece ser de mediação, ou seja, de quem será o

²⁶ Karl-Josef KUSCHEL, Os escritores e as escrituras.

²⁷ *Ibid.*, p. 149-150.

²⁸ *Ibid.*, p. 205.

²⁹ *Ibid.*, p. 204.

³⁰ *Ibid.*, p. 204.

interlocutor do diálogo entre a teologia e o mundo. Ele acredita que a literatura possa exercer bem esse papel de mediação.

Mas para que a literatura possa mediar é preciso encontrar esse "Deus que tramita no espelho das palavras". Para isso é necessário um método de leitura teológica da literatura. Aqui encontramos algumas dificuldades, pois Magalhães propõe que a Bíblia e a tradição sejam as interlocutoras desse diálogo. Mas se o diálogo é entre teologia e literatura, como a Bíblia e a tradição vão ser as interlocutoras? Como podem elas ser ao mesmo tempo proponentes e mediadoras? Não faria a Bíblia e a tradição parte da teologia para Magalhães? Ou seria o caso de buscar um outro interlocutor?

Já Kuschel discute os métodos anteriores de aproximação entre teologia e literatura, o confrontativo e o correlativo.³² Aponta no método confrontativo sua fragilidade no fato de ver sempre a literatura e a teologia em conflito, por isso não se abre ao diálogo.³³ Quanto ao método correlativo, vê sua limitação por reduzir a relação entre teologia e literatura a perguntas e respostas. Em lugar destes dois métodos, Kuschel propõe uma síntese superadora, o método de analogia estrutural.³⁴ Através deste método, a aproximação entre teologia e literatura far-se-ia com base de busca de

³¹ Antonio MAGALHÃES, *Deus no espelho das palavras*, p. 207.

³² Paul TILLICH, *Teologia sistemática*. Nesta obra Tillich expõe o método de correlação, e diz: "O método de correlação explica os conteúdos da fé cristã através de perguntas existenciais e de respostas teológicas, em interdependências mútua" (p.58). Segundo Tillich, no método de correlação a teologia de certa forma formula as perguntas e as respostas na existência humana (p.59).

³³ Karl-Josef KUSCHEL, *Os escritores e as escrituras*, p. 221.

³⁴ *Ibid.*, p. 222.

correspondências entre uma e outra, mesmo que essas correspondências surjam naquilo que lhes é estranho.

Magalhães também não quer apenas uma relação de pergunta e resposta. Ele deseja um verdadeiro diálogo entre teologia e literatura, onde uma ensina e aprende com a outra. Ele quer romper com a desigualdade na relação. De acordo com esta perspectiva, o método de investigação temática nos parece sugerir grandes possibilidades.

1.2 De que consiste o método

Freire expõe seu método de forma bem detalhada no seu livro *Educação como prática da liberdade*.³⁵ Na obra *Pedagogia do Oprimido*, manifesta uma evolução do método inicial que a princípio se ocupava apenas da alfabetização (palavras geradoras), agora trabalha também com a pós-alfabetização (temas geradores). Na sua primeira obra Freire lamenta a interrupção de seu programa de alfabetização elaborado no Governo Goulart, que segundo ele, se não tivesse sido interrompido, as equipes de pesquisa teriam partido para o "levantamento temático do homem brasileiro".³⁶ Vemos assim, que Freire estava consciente desde o início, que não tinha construído apenas um método de alfabetização, mas uma teoria do conhecimento.

Grosso modo, o método consistia na escolha de quinze a dezoito palavras geradoras que permitissem trabalhar os fonemas básicos da língua.³⁷ Para a escolha dessas palavras duas etapas eram fundamentais: o levantamento do universo

³⁵ Paulo FREIRE, *Educação como prática da liberdade*, 1983.

³⁶ *Ibid.*, p. 120.

vocabular do grupo e a escolha das palavras geradoras. Após isso, vinha a terceira etapa que consistia na "criação de situações existenciais típicas do grupo".³⁸ Esse era o momento da codificação de situações-problema que seriam posteriormente debatidas pelo grupo e descodificadas (interpretadas).³⁹ As etapas quarta e quinta tratavam da elaboração de fichas-roteiro para uso dos coordenadores do debate e das fichas de decomposição fonética das palavras geradoras para utilização nas aulas de leitura e escrita.

Na Pedagogia do Oprimido, Freire amplia o método dando-lhe um caráter mais universal. Agora não são apenas palavras geradoras, mas temas. Freire denomina sua teoria do conhecimento de "investigação temática". Apesar do processo ser semelhante ao descrito na sua obra anterior, aqui alguns conceitos são melhor explicitados e novas categorias são introduzidas, como por exemplo, os "temas dobradiça".⁴⁰

Alguns aspectos do método são importantes e precisam ser melhor explicitados. Reduzir o método a simples seleção de algumas palavras mais familiares do povo para, então, usá-las na alfabetização, seria uma simplificação gritante.⁴¹ A grande

³⁷ Paulo FREIRE, *Educação como prática da liberdade*, p. 112.

³⁸ *Ibid.*, p. 114

³⁹ O professor Balduino Andreola comenta que a Pedagogia do Oprimido influenciou grandes iniciativas, dentre as quais o *Teatro do oprimido* de Augusto Boal. A técnica teatral do teatro do oprimido é muito semelhante a essas codificações de situações existenciais sugeridas por Freire. Sobre essa informação veja Balduino A. ANDREOLA, *Pedagogia do Oprimido*, (In: FREIRE, Ana Maria (Org.), *A pedagogia da libertação em Paulo Freire*, p. 44.).

⁴⁰ Temas dobradiça são aqueles que não foram selecionados durante a pesquisa, mas que são fundamentais para a articulação de outros temas, e que portanto a equipe de investigação coloca no programa (Paulo FREIRE, *Pedagogia do Oprimido*. p. 116).

⁴¹ É isso que nos adverte Ernani Maria Fiori no seu prefácio na Pedagogia do Oprimido: "As técnicas do método de alfabetização de Paulo Freire, embora

contribuição de Freire estava no *como* e *para que* isso seria feito. Para Freire a pedagogia do oprimido deveria ser feita com ele [ela] "e não para ele [ela]"⁴² e o objetivo era o engajamento deles e delas "na luta por sua libertação"⁴³.

Vejamos alguns princípios "suleadores"⁴⁴ do método:

1. A participação do povo junto com os/as investigadores(as) profissionais em todas as fases da investigação.⁴⁵

Esse primeiro critério é a espinha dorsal do método. É importante frisar que Freire quer a participação do povo junto com os/as investigadores/as durante todo o processo, desde a investigação do pensar do povo que "não pode ser feita sem o povo"⁴⁶, até a fase final que seria a análise da temática encontrada e a organização do conteúdo programático.⁴⁷ O povo contribui com o seu pensar, com o seu "saber de experiência feito",⁴⁸ e, enquanto investiga, começa a perceber a sua realidade.⁴⁹ Já aos/às investigadores/as profissionais lhes cabe coordenar as ações nas suas várias etapas. No processo de descodificação devem problematizar, e, finalmente, proceder o "estudo sistemático e interdisciplinar de seus achados"⁵⁰. A

em si valiosas, tomadas isoladamente não dizem nada" (Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 11).

⁴² Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p.32.

⁴³ *Ibid.*, p.32.

⁴⁴ Uso o termo em homenagem a Freire que o propõe usar em lugar de "norteador". Veja FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*, p. 24. Nas notas (FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*, p.218-220), Ana Maria Araújo Freire explica os motivos ideológicos de Freire evitar o termo mais comum (nortear). Por concordarmos com ele, fazemos o mesmo uso provocativo.

⁴⁵ Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 98.

⁴⁶ *Ibid.*, p. 101.

⁴⁷ *Ibid.*, p. 112.

⁴⁸ *Ibid.*, p.60.

⁴⁹ Por isso Freire afirma: "Muito mais importante, contudo, que a coleta destes dados, é sua presença ativa na investigação [...] a investigação temática se vai expressando como um quefazer educativo" (*Pedagogia do oprimido*, p. 104).

⁵⁰ *Ibid.*, p. 114.

proposta não é educar ou libertar o povo, mas educar e libertar *com* o povo.

2. A valorização da cultura popular e da cultura erudita⁵¹

Alguns/as leitores/as apressados/as chegam a achar que Freire menospreza a cultura erudita, ou seja, os saberes sistematizados de geração a geração. Na verdade esse é um grande equívoco,⁵² o que ele faz é valorizar a cultura popular. Luta contra o que ele chama de autodesvalia,⁵³ situação vivida pelo/a oprimido/a na qual este/esta valoriza o modo de vida e saber do/da opressor/a e desvaloriza o seu. Ao valorizar a cultura (saber) popular, Freire não ignora suas deficiências, pois geralmente ela é marcada por passividade, fatalismo, falta de senso crítico, pensamento mítico e ingênuo. Também não fecha os olhos para os problemas do saber erudito, pois é saber humano, portanto limitado.

Freire propõe uma síntese cultural,⁵⁴ onde

O saber mais apurado da liderança se refaz no conhecimento empírico que o povo tem, enquanto o deste ganha mais sentido no daquela. [...] A síntese cultural não nega as diferenças entre uma visão e outra, pelo contrário, se funda nelas. O que ela nega é a invasão de uma pela outra. O que ela afirma é o indiscutível subsídio que uma dá à outra.⁵⁵

⁵¹ Freire esclarece melhor essa questão na sua obra *Pedagogia da esperança*, p. 86.

⁵² Ele combate veementemente esse equívoco na sua obra posterior, *Pedagogia da esperança*, p. 86.

⁵³ Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 50.

⁵⁴ *Ibid.*, p. 181.

⁵⁵ *Ibid.*, p. 181.

3. A superação das dicotomias a partir do método dialético.

Em contraposição à visão mecanicista dos opressores e opressoras, que dicotomizando o indicotomizável para justificar a contradição e a opressão, Freire propõe uma perspectiva dialética para o seu método.⁵⁶ Assim são vistas as relações entre subjetividade e objetividade,⁵⁷ opressores/as e oprimidos/as,⁵⁸ educadores/as e educandos/as,⁵⁹ homens/mulheres e mundo,⁶⁰ liberdade e condicionamentos,⁶¹ ensino e pesquisa,⁶² saber popular e saber elaborado,⁶³ ação e reflexão⁶⁴. A ênfase de Freire é que esses elementos não sejam considerados isoladamente, mas que se busque através de uma prática problematizadora, sua superação.

⁵⁶ Na *Pedagogia da esperança* Freire explica detalhadamente sua posição dialética na *Pedagogia do Oprimido* (cf. p.105-107).

⁵⁷ "Nem objetivismo, nem subjetivismo ou psicologismo, mas subjetividade e objetividade em permanente dialeticidade" (Paulo FREIRE, *Pedagogia do Oprimido*, p. 37).

⁵⁸ "...a superação autêntica da contradição opressores-oprimidos não está na pura troca de lugar, na passagem de um pólo ao outro" (Paulo FREIRE, *Pedagogia do Oprimido*, p. 44).

⁵⁹ "... a educação problematizadora coloca, desde logo, a exigência da superação da contradição educador-educandos (Paulo FREIRE, *Pedagogia do Oprimido*, p.68).

⁶⁰ "A reflexão que propõe, por ser autêntica, não é sobre este homem abstração nem sobre este mundo sem homens, mas sobre os homens em suas relações com o mundo" (Paulo FREIRE, *Pedagogia do Oprimido*, p.70).

⁶¹ "Os homens, pelo contrário, porque são consciência de si e, assim, consciência do mundo, porque são um "corpo consciente", vivem uma relação dialética entre os condicionamentos e sua liberdade" (Paulo FREIRE, *Pedagogia do Oprimido*, p. 90).

⁶² "Educação e investigação temática, na concepção problematizadora da educação, se tornam momentos de um mesmo processo" (Paulo FREIRE, *Pedagogia do Oprimido*, p. 102).

⁶³ "O saber mais apurado da liderança se refaz no conhecimento empírico que o povo tem, enquanto o deste ganha mais sentido no daquela" (Paulo FREIRE, *Pedagogia do Oprimido*, p. 181).

⁶⁴ "Num pensar dialético, ação e mundo, mundo e ação estão intimamente solidários. Mas a ação só é humana quando, mais que um puro fazer, é um quefazer, isto é, quando também não se dicotomiza da reflexão" (Paulo FREIRE, *Pedagogia do Oprimido*, p. 40).

4. O trabalho inter e transdisciplinar dos temas.⁶⁵

Freire chama sua equipe de investigação de "equipe interdisciplinar".⁶⁶ Triviños e Andreola ao relatar a primeira investigação temática realizada no assentamento "El Recurso" no Chile, descrevem a equipe de investigação como formada por dois sociólogos, um pedagogo, um perito da FAO, uma psicóloga, uma especialista em teoria de conjuntos, uma lingüista e uma socióloga.⁶⁷ Freire também sugere para o momento da descodificação dos dados da investigação a presença de um psicólogo e um sociólogo.⁶⁸ A tarefa destes últimos especialistas era "registrar as reações mais significativas ou aparentemente pouco significativas dos sujeitos descodificadores".⁶⁹

Após as descodificações, os temas eram estudados de forma sistemática e interdisciplinar⁷⁰ e "classificados num quadro geral de ciências", mas enfatiza Freire, "sem que isto signifique, na futura elaboração do programa, como fazendo parte de departamentos estanques".⁷¹ O trabalho seguinte dos/das especialistas, agora especialistas de cada ciência, seria analisar o tema na perspectiva de suas especializações e devolvê-lo em forma de unidades de aprendizagem para a discussão na equipe interdisciplinar. Com os temas reduzidos pelos especialistas e discutidos em equipe, se inicia o

⁶⁵ Muitos autores comentam o aspecto interdisciplinar do método de Paulo Freire, veja por exemplo: Balduino Antonio ANDREOLA, *Interdisciplinariedade na obra de Paulo Freire*. (In: Danilo R. STRECK (ORG.), *Paulo Freire*, p. 67-94.

⁶⁶ Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 115.

⁶⁷ Balduino Antonio ANDREOLA & Augusto Nivaldo Silva TRIVIÑOS. *Freire e Fiori no exílio*, p. 127.

⁶⁸ Paulo FREIRE, *Pedagogia do Oprimido*, p. 112.

⁶⁹ *Ibid.*, p.112.

⁷⁰ *Ibid.*, p. 114.

⁷¹ *Ibid.*, p. 114-115.

processo de codificação e de elaboração do material didático. Nesse momento a equipe poderia novamente requisitar a colaboração de mais especialistas para acrescentar algo que viesse enriquecer esse material.⁷²

5. Educação e conhecimento como processo de busca.

Na sua crítica à educação bancária,⁷³ aquela que faz dos/das educandos/as recipientes do saber, Freire aponta seu principal erro: "nega a educação e o conhecimento como processo de busca".⁷⁴ O fundamento para essa concepção encontramos em seu conceito antropológico onde afirma serem os homens e as mulheres seres da busca,⁷⁵ corpos conscientes,⁷⁶ seres recriadores do mundo.⁷⁷

As implicações desta concepção são muitas, entre estas: companheirismo entre educadores/as e educandos/as por ambos estarem participando do mesmo processo, fim da prescrição, crença no poder criador do outro, e, conseqüentemente, compreensão de libertação não como algo acabado, pronto para ser digerido ou desfrutado, mas como um processo contínuo, *ad infinitum*, que conduza os homens e mulheres à plena humanização.⁷⁸

⁷² Paulo FREIRE, *Pedagogia do Oprimido*, p. 117.

⁷³ *Ibid.*, p. 57-76.

⁷⁴ *Ibid.*, p. 58.

⁷⁵ *Ibid.*, p. 62

⁷⁶ *Ibid.* Ao definir os homens [e mulheres] como "corpos conscientes", Freire está se opondo a dicotomia homens-mundo a partir da qual estes se tornam simples espectadores e não recriadores do mundo.

⁷⁷ Paulo FREIRE, *Pedagogia do Oprimido*, p.62

⁷⁸ *Ibid.*, p. 67.

6. O caráter político e libertador do método

Paulo Freire não instituiu a dimensão política da educação. Esta sempre existiu. Sua grande contribuição é assumi-la de forma explícita. Na sua pedagogia fala sem pudor de ação política com os oprimidos⁷⁹ e denuncia a prática de dominação exercida através da educação bancária pelas elites dominadoras.⁸⁰ Sua meta é a construção de uma nova sociedade, "sociedade revolucionária".⁸¹ Essa nova sociedade deve ser de homens e mulheres em processo de permanente libertação.⁸² Isso conduz Freire a refletir de forma mais detalhada sobre a revolução sem a qual essa nova sociedade não poderia surgir. Aqui o pensamento político de Freire fica ainda mais evidente.

Quando fala da revolução, Freire é um tanto marxista, um tanto idealista, e pelo que parece, mais ele mesmo. Sua posição é original. Por isso Freire afirma que cristãos e marxistas poderiam ter dificuldade de chegar até o fim do seu texto por discordar de suas posições.⁸³ É marxista ao afirmar a necessidade de transformação das estruturas sociais, distanciando-se neste ponto dos cristãos conservadores. Afasta-se do marxismo ortodoxo ao enfatizar "o papel da subjetividade na luta pela modificação das estruturas".⁸⁴

Para ele, a revolução, por ser libertadora, deve usar métodos diferentes dos usados pelos opressores,⁸⁵ deve ter um

⁷⁹ Paulo FREIRE, *Pedagogia do Oprimido*, p. 53

⁸⁰ *Ibid.*, p. 66, 85.

⁸¹ *Ibid.*, p. 156.

⁸² *Ibid.*, p. 134.

⁸³ *Ibid.*, p. 25.

⁸⁴ *Ibid.*, p. 134.

⁸⁵ *Ibid.*, p. 124.

caráter conscientizador,⁸⁶ deve ter o diálogo como exigência radical,⁸⁷ e buscar o engajamento do povo.⁸⁸ Freire pensava numa revolução cultural, não apenas uma revolução para chegar ao poder, mas uma "revolução no poder".⁸⁹

Quando fala de revolução cultural vemos que o conceito de cultura influi bastante em sua visão política. Para ele, o instrumento fundamental da construção da nova sociedade é a cultura. Cultura que se refaz primeiro pela ação cultural dialógica e, depois da chegada ao poder, através de um grande esforço de conscientização.⁹⁰ Esta última é necessária porque, como Althusser, reconhece que mesmo uma cultura transformada por uma revolução mantém resquícios do passado opressor, daí a necessidade de permanente conscientização.⁹¹

Outro aspecto que se destaca no pensamento político de Freire é sua crítica à sectarização.⁹² Refletindo em um momento de intensa movimentação política, Freire percebe, tanto na esquerda, como na direita, fortes tendências à sectarização. A posição sectária se nutre do fanatismo, é castradora, mítica, irracional, é obstáculo à emancipação dos homens e mulheres. Por isso propõe em contraponto à sectarização, a radicalização. O radical não fica passivo diante da dominação. Se compromete com a libertação humana,

Não teme enfrentar, não teme ouvir, não teme o desvelamento do mundo. Não teme o encontro com o povo. Não teme o diálogo com ele, de que resulta

⁸⁶ Paulo FREIRE, *Pedagogia do Oprimido*, p. 99-100.

⁸⁷ *Ibid.*, p. 125.

⁸⁸ *Ibid.*, p. 56.

⁸⁹ *Ibid.*, p. 156.

⁹⁰ *Ibid.*, p. 156.

⁹¹ *Ibid.*, p. 155-158.

⁹² *Ibid.*, p. 25.

o crescente saber de ambos. Não se sente dono do tempo, nem dono dos homens, nem libertador dos oprimidos. Com eles se compromete, dentro do tempo, para com eles lutar.⁹³

7. A valorização da linguagem

Paulo Freire dedica doze páginas, na sua *Pedagogia da Esperança*, para discutir questões de linguagem referentes à *Pedagogia do Oprimido*.⁹⁴ Nestas páginas responde a algumas críticas, umas referentes à sua linguagem machista, outras ao seu estilo "pouco científico" de escrever.

Quanto à sua linguagem machista, não só concorda com as críticas que lhe foram feitas, como agradece e afirma que a partir destas passou a ter cuidado com questões de gênero em sua linguagem, passando sempre a usar termos como mulher e homem ou seres humanos, mesmo que isso viesse a enfeiar sua escrita. Também faz uma solicitação às suas editoras da *Pedagogia do Oprimido* que "superem a sua linguagem machista".⁹⁵ Ao tomar essas atitudes, Freire afirma que

Não é puro idealismo [...]. Mudar a linguagem faz parte do processo de mudar o mundo. A relação entre linguagem-pensamento-mundo é uma relação dialética, processual, contraditória.⁹⁶

Sobre seu estilo "pouco científico de escrever", afirma:

Não comete pecado contra a seriedade científica quem trata bem a palavra para não ferir o ouvido e o bom gosto de quem lê ou ouve o seu discurso e que, nem por isso, pode simplesmente ser acusado

⁹³ Paulo FREIRE, *Pedagogia do Oprimido*, p. 27.

⁹⁴ IDEM, *Pedagogia da esperança*, p. 66-77.

⁹⁵ *Ibid.*, p. 68.

⁹⁶ *Ibid.*, p. 68.

de "retórico" ou de ter caído na "fascinação de uma elegância lingüística com um fim em si mesma". Quando não, acusado de ter sido vencido pela força do desgosto de um blabláblá incoseqüente. Ou apontado "pretencioso", "esnobe" e visto como ridiculamente pomposo na sua forma de escrever ou de falar.⁹⁷

Toda essa discussão revela a importância que Paulo Freire sempre deu à linguagem. Sua história de vida revela o papel que esta sempre teve para ele. Freire gosta de comentar os livros que leu e as influências que estas obras e autores/as exerceram sobre ele. Lembra de seu professor de português, fala também do tempo que foi professor dessa matéria, e, finalmente, faz da alfabetização preocupação central de sua obra. A linguagem é para Freire não apenas meio para compreensão do pensamento do povo, mas de transformação social. Neste ponto Freire se aproxima de Ricoeur, pois para ambos "a linguagem é tanto infraestrutura quanto superestrutura".⁹⁸

Um aspecto importante sobre a linguagem é a ênfase que ele dá à linguagem popular. Quando fala dos oprimidos refere-se àqueles que foram "roubados na sua palavra".⁹⁹ Sua pedagogia é, então, o esforço de devolver a palavra ao povo. Captar e entender suas palavras é o esforço de entender os homens e as mulheres que a pronunciaram. Investigação temática é portanto investigação do pensar do povo.¹⁰⁰

⁹⁷ Paulo FREIRE, *Pedagogia do Oprimido*, p. 73.

⁹⁸ Paul RICOEUR. *História e verdade*, p. 206-207.

⁹⁹ Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 36.

¹⁰⁰ *Ibid.*, p. 101.

Seu método então partirá na busca de palavras e temas geradores, mas antes, durante e depois dessa investigação estabelece um processo de conscientização que, como bem observa Fiori, "não é apenas conhecimento ou reconhecimento, mas opção, decisão, compromisso".¹⁰¹ A palavra faz os homens e as mulheres. Dizer a palavra é trabalho, portanto transforma o mundo.¹⁰² Ernani Maria Fiori, no seu prefácio do *Pedagogia do Oprimido*, traduziu bem a essência do método de Paulo Freire numa frase, "aprender a dizer a sua palavra".

8. A educação e o conhecimento partindo de situações existenciais.

Freire propõe um método que parte do concreto para o abstrato e do abstrato para o concreto mantendo a dialeticidade da relação. O ponto de partida é a situação existencial concreta que através da abstração é codificada.¹⁰³ A análise, dessa forma, permite observar de forma mais nítida as contradições e a distorção da percepção da realidade.

Por isso, a equipe de investigação ia onde o povo estava, trabalhava, estudava, se divertia, praticava sua religiosidade. A intenção era captar as cenas, os discursos, os sentimentos, e assim, compreender o pensar e o modo de vida do povo, e através da problematização destes, identificar e estabelecer ações visando a superação das contradições que se apresentavam como obstáculos à plena humanização.

¹⁰¹ Paulo FREIRE, *Pedagogia do Oprimido*, p. 10.

¹⁰² *Ibid.*, p.78.

9. A leitura do mundo antes, durante e depois da leitura da palavra

Já que a proposta é de uma ação libertadora e esta não pode, por sua própria natureza, ser uma doação, pois, a liberdade é uma conquista,¹⁰⁴ é preciso que os/as oprimidos/as desvelem a própria realidade. Essa ação de pronunciar o mundo ou descodificá-lo gera, ao mesmo tempo, motivação e aprendizagem.

Motivação, pois, ao conscientizar-se da opressão, eles e elas sentirão a necessidade de libertação, como bem observou Fiori, "O que pareceria ser apenas visão, é, efetivamente, pro-vocação; o espetáculo, em verdade, é compromisso".¹⁰⁵

O Aprendizado é também consequência da leitura do mundo, pois, "Segundo Paulo Freire, a aprendizagem é já uma maneira de tomar consciência do real e, portanto, não pode efetuar-se a não ser no seio desta tomada de consciência".¹⁰⁶ A leitura do mundo é um esforço crítico de apreensão da totalidade, o que possibilita a compreensão das partes sem se deter em visões focalistas ou parciais da realidade.

Além de tudo isso, a leitura do mundo é também importante pois o homem e a mulher ao tomarem consciência do mundo tomam consciência de si mesmos e dos outros. Essa tomada de consciência cria a possibilidade do diálogo e estabelece a condição para um processo histórico de humanização.

¹⁰³ Paulo FREIRE, *Pedagogia do Oprimido*, p. 97.

¹⁰⁴ *Ibid.*, p. 34.

¹⁰⁵ Ernani Maria FIORI, *Aprender a dizer a sua palavra*. (In Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 17.).

¹⁰⁶ Comentário da equipe do INODEP (Instituto Oecuménique au Service du Développement des Peuples) In: Paulo FREIRE, *Conscientização*, p. 51.

Finalmente, a respeito da leitura do mundo, podemos dizer que o método de Paulo Freire começa com a leitura do mundo, passa pela leitura da palavra e retorna para uma nova leitura do mundo. Tudo isso dentro de um processo crítico e dialético de ação e reflexão.

1.3 O método de investigação temática como método de leitura teológica

Em um texto de um autor anônimo encontramos pistas interessantes sobre a possibilidade da utilização do método de investigação temática para uma leitura teológica.

Diz o autor:

O teólogo - e aqui a sua função pouco se distingue da do pastor ou mesmo do simples cristão - partirá de um levantamento daquelas expressões e experiências da comunidade que se revelarem mais densas humanamente falando. Porque é a partir da riqueza do seu conteúdo humano que as palavras geradoras apontam para uma perspectiva teológica (...) O teólogo não se preocupará, evidentemente, com o aspecto fonêmico das palavras, mas com o aspecto de "desafio" que elas possam ter para a teologia: qual a afinidade dessas palavras com a linguagem da fé e da teologia? (...) Caberia, em resposta a essa palavra, uma outra, tirada da Revelação?¹⁰⁷

De fato, o método de investigação temática oferece grandes possibilidades de ser também um método para leitura teológica.

¹⁰⁷ Texto de autor anônimo, intitulado de *Tentativa de uma leitura teológica do pensamento de Paulo Freire*, encontrado como anexo em: Admardo Serafim de OLIVEIRA, *Bibliografia comentada sobre Paulo Freire*. O documento de 164 páginas encontra-se na Biblioteca da EST sob código EC 40-3/F866/26.

Seus princípios têm influenciado outros campos de pesquisa, como por exemplo, o da pesquisa-ação.¹⁰⁸

Como nossa questão aqui é aplicação do método de investigação temática para uma leitura teológica, nos cabe agora definir os passos ou descrever o processo que realizaremos.

1.3.1 Os passos para uma leitura teológica

Freire divide seu método em três fases. Vejamos as respectivas fases e sua relação com o método de leitura teológica:

MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO TEMÁTICA	PARA UMA LEITURA TEOLÓGICA
1ª Fase Visitas de observação compreensiva ¹⁰⁹ e reuniões de avaliação ¹¹⁰	Leitura crítica do texto e leitura do mundo
2ª Fase Escolha e codificação das situações existenciais que evidenciem contradições. ¹¹¹	Escolha das situações existenciais já codificadas que evidenciem as contradições - identificação dos temas geradores
3ª Fase Diálogos descodificadores ¹¹² e estudo sistemático e interdisciplinar dos achados. ¹¹³	Diálogo com a teologia - análise temática e estudo sistemático com enfoque da teologia

A primeira etapa de nosso trabalho será uma observação compreensiva da obra. Para tanto precisamos considerar não apenas o texto escrito da obra, mas as condições em que ela foi forjada. Isso inclui informações sobre o autor e seu

¹⁰⁸ Claiton José GRABAUSKA, Fábio da Purificação de BASTOS, *Investigação-ação educacional*. In: Rejane aurora MION, Carlos Hiroo SAITO (Orgs.), *Investigação-ação*, p. 10.

¹⁰⁹ Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p.105.

¹¹⁰ *Ibid.*, p. 106.

¹¹¹ *Ibid.*, p. 108.

¹¹² *Ibid.*, p.112.

mundo. É importante lembrar que no método de Freire, a leitura do mundo antecede a leitura da palavra. Freire queria que nessa fase os investigadores fossem simpáticos, compreensivos.¹¹⁴ Nesta, os investigadores deveriam recolher informações sobre a vida do povo em determinada área de abrangência do círculo de alfabetização de modo que pudessem ajudar a compreender a realidade e o pensamento do povo. Numa investigação do tipo que estamos fazendo, somos desafiados a compreender o pensamento do autor, a uma leitura crítica do texto e do mundo.

A) Leitura Crítica do texto

A leitura para ser crítica deve ser criteriosa. O leitor deve considerar não apenas a subjetividade do autor objetivada nas palavras, mas sua própria subjetividade. Também deve considerar que toda leitura é seletiva e até certo ponto determinada pelo horizonte hermenêutico do leitor. Quem lê ou quem escreve, faz isso de algum lugar, com algum propósito definido e sob influência de alguma ideologia. Como dizia Freire sobre educação: "não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio".¹¹⁵ No caso de uma leitura teológica, seja qual for o método, esta é fundamentalmente condicionada pela tradição religiosa e interesse do leitor. Para que isso não se torne um limite final para o trabalho, é preciso estar aberto a outras vozes, outras leituras, e principalmente, fazer o que orienta Freire sobre leitura:

Ler um texto, sobretudo, exige de quem o faz, estar convencido de que as ideologias não morreram. Por isso mesmo, a de que o texto se

¹¹³ Paulo FREIRE, *Pedagogia do Oprimido*, p. 114.

¹¹⁴ *Ibid.*, p.104.

¹¹⁵ IDEM, *Educação como prática da liberdade*, p. 35.

acha empapado ou, às vezes nele se acha escondida, não é necessariamente, a de quem vai lê-lo. Daí a necessidade que tem o leitor ou a leitora de uma postura aberta e crítica, radical e não sectária, sem a qual se fecha ao texto e se proíbe de com ele aprender algo porque o texto talvez defenda posições antagônicas às do(a) leitor(a). Às vezes, o que é irônico, as posições são apenas diferentes.¹¹⁶

Por considerar esse aspecto subjetivo do leitor e a influência que exerce na leitura de uma obra, achamos necessário que seja feita um "leitura do leitor". Seria uma forma de auto-análise, já que é sabido que uma condição para compreensão do outro é o conhecer-se a si mesmo. Isso facilitaria também a um segundo leitor ou leitora na compreensão dos posicionamentos em relação à obra.¹¹⁷

B) Leitura do mundo.

Já falamos sobre o lugar da leitura do mundo no método de Freire. Mas aqui cabe especificar essa ação-reflexão no contexto de uma leitura teológica de uma obra. Sabemos que para cada palavra há um texto e para cada texto, um contexto. A leitura do mundo é a leitura do contexto em que a obra foi escrita.

Na descrição de seu método Freire se preocupa com a visão fragmentada da realidade que possuem as consciências dominadas.¹¹⁸ Essa visão inibe a ação, pois os/as oprimidos/as não conseguem ver as verdadeiras causas de sua opressão. Para romper com essa limitação propõe um esforço através de uma

¹¹⁶ Paulo FREIRE, *Pedagogia da esperança*, p. 76.

¹¹⁷ Veja no capítulo 2 do trabalho as informações acerca do autor desta leitura teológica.

¹¹⁸ Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 95-96.

leitura crítica do mundo para obter uma "visão totalizada do contexto".¹¹⁹

A compreensão do contexto da obra não consistirá apenas no contexto histórico, social e humano. Não é apenas o ambiente da obra, mas também do autor e, no caso, como vimos anteriormente, também do leitor. Sabemos que o/a autor(a) escreve e o/a leitor(a) lê sob influência dos acontecimentos de seu tempo, mas suas reflexões têm raízes anteriores. As subjetividades do/da autor(a) e do/da leitor(a) devem ser consideradas. Ele/Ela escreve e lê com motivações próprias e movido(a) por aspirações construídas no decorrer de sua vida. Portanto, compreender o contexto de uma obra implica não somente compreender o contexto histórico em que a obra é forjada, mas também conhecer do/da autor(a) e do/da leitor(a) suas histórias de vida, suas motivações e seus objetivos.

C) A escolha e análise das palavras/temas geradoras

Na fase da leitura crítica, buscou-se uma compreensão mais ampla da obra. Agora a descodificação avança na seleção e análise dos temas. A teologia, no caso de uma leitura teológica, contribui na seleção e discussão dos temas, busca na obra o que lhe é afim. Nesta fase, Freire propõe que cada especialista apresente um projeto de redução temática, a intenção aqui é de cada especialidade apresentar seu enfoque acerca de um tema comum.¹²⁰ Esse é o momento da teologia, fazendo uso de seu arcabouço teórico, oferecer dimensões novas de compreensão de uma determinada realidade.

¹¹⁹ Paulo FREIRE, *Pedagogia do Oprimido*, p. 95-96.

¹²⁰ *Ibid.*, p. 115.

Freire alerta para o perigo dos temas serem tratados de forma estanque, ou seja, sem considerá-los interpenetrados por outros aspectos da realidade. A intenção da redução temática não é parar por aí, mas buscar subsídios para uma discussão mais ampla e interdisciplinar.

Outro aspecto observado por Freire nesta fase é a necessidade, para melhor análise de alguns temas levantados, da inserção de outros temas não identificados na investigação. A estes chama de "temas dobradiça".¹²¹ Esse temas também auxiliarão para demonstrar as relações entre o conteúdo geral e a visão de mundo do povo, no nosso caso de uma leitura teológica, a relação entre o conteúdo da obra e a visão de mundo do autor.

Após as reduções temáticas, a orientação é de que esse conteúdo volte à equipe interdisciplinar para mais discussões e debates e finalmente se proceda a elaboração de material didático que retorna às mãos do povo não como conteúdos para serem depositados, mas "como problemas a serem decifrados".¹²² Este último aspecto aponta para uma nova forma de fazer teologia, uma teologia que não prescreve, que não induz, que não manipula; mas que pergunta, problematiza, desafia, que aposta na competência do povo. Uma teologia que para sermos coerentes com o método de Freire, precisa ser feita com o povo.

Na pesquisa de campo, como era a investigação temática, a análise partia de uma situação existencial concreta, como por exemplo, um homem construindo uma parede de tijolos. Esta era

¹²¹ Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 116.

¹²² *Ibid.*, p.118.

fotografada ou desenhada (processo de codificação), e depois analisada em suas partes e relações (processo de descodificação). O objetivo era a tomada de consciência da realidade para, a partir daí, transformá-la.

Na leitura teológica de um texto, não precisamos codificar as situações existenciais, pois elas já estão codificadas na forma escrita. Nosso trabalho, nesse caso, é identificar as situações existenciais codificadas no texto e cindi-las, no intuito de analisar as partes e suas relações com o todo (a realidade), tendo a teologia como instrumento de análise.

Se a investigação temática é investigação do pensar do povo,¹²³ esse método como leitura teológica, será investigação do pensar teológico do autor. Da mesma forma que investigação do pensar do povo não se faz sem o povo, investigação do pensamento teológico do autor não se faz sem o autor. Daí a importância de dialogar com outras obras escritas pelo autor e assim captar melhor suas idéias. No entanto, devemos cuidar que, como observa Freire, os homens são seres em situação, logo as idéias e concepções de um autor num determinado momento, poderão não ser as mesmas em outro.¹²⁴

Como vimos, dois passos devem ser tomados nessa fase: seleção e discussão das situações existenciais e dos temas que estas apontam.

No nosso caso, será o nosso trabalho a seleção de temas, e para isso alguns critérios são fundamentais. Freire e estudiosos de sua obra apontam alguns que podem nos ser úteis:

¹²³ Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 101.

¹²⁴ *Ibid.*, p.101.

1. situações e temas que sejam mais inclusivos,¹²⁵ ou seja, que permitam significações mais amplas;
2. as que possuam maior conteúdo pedagógico-político;¹²⁶
3. as que evidenciem melhor as contradições;¹²⁷
4. as que possuam maior significação humana;¹²⁸
5. as que tenham correspondências com a linguagem da fé e da teologia;¹²⁹
6. as que tenham maior correspondências com as idéias, valores, esperanças, concepções e obstáculos vivenciados pelo povo.¹³⁰

Ao analisarmos as situações existenciais ou temas apresentados, cabe-nos identificar os mais significativos e o tema que "amarra" os demais. No início desse trabalho nos perguntamos quantos temas selecionaríamos para análise. Sabíamos que no seu método de alfabetização, pela experiência, Freire havia chegado a conclusão que quinze ou dezoito palavras seriam suficientes para alfabetização pela conscientização. Mas, para uma leitura teológica da obra quantas palavras ou temas geradores seriam necessários? Nossa

¹²⁵ Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p.110.

¹²⁶ O professor Andreola bem observa: "A leitura dos diferentes livros de Paulo Freire, dissociada dessa ótica do projeto utópico globalizante de uma 'pedagogia política do oprimido', conduzirá o leitor a uma hermenêutica parcializante e reducionista, que esvaziará inevitavelmente os escritos freirianos de seu sentido fundamental". ANDREOLA, Balduino. *Pedagogia do oprimido*. In: Ana Maria de Araujo FREIRE (Org.), *A pedagogia da libertação em Paulo Freire*, p. 44.

¹²⁷ Paulo FREIRE, *Pedagogia do Oprimido*. p.106.

¹²⁸ AUTOR ANÔNIMO, *Tentativa de uma leitura teológica do pensamento de Paulo Freire*.

¹²⁹ *Ibid.*

¹³⁰ Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 93.

experiência também demonstrou que essa média de palavras geradoras possibilitam uma análise mais ampla de uma obra. Por isso, procuramos seguir de forma análoga a média utilizada por Freire.

Apresentaremos os temas geradores na parte destinada ao diálogo com a teologia. Naquele momento, a própria apresentação do tema e sua discussão justificará sua seleção de acordo com os critérios anteriormente apresentados. O tema gerador é a chave, é o tema central que carrega e esclarece os significados dos demais temas. Apresentaremos no capítulo 3 o tema gerador da Pedagogia do Oprimido.

CAPÍTULO 2

LEITURA DO MUNDO

Nossa leitura teológica começa com a leitura do mundo, tal como propõe Freire no seu método de investigação temática. Como já mencionamos anteriormente, investigação temática é investigação do pensar do povo, logo numa leitura teológica se torna a investigação do pensar teológico do/da autor(a). Essa é a primeira fase da investigação, fase de observação simpática. Como nosso propósito é de leitura teológica, nossa observação privilegiará aspectos religiosos da vida, que com certeza terão relação direta com o pensamento teológico exposto.

Ao fazermos uma leitura teológica, como já observamos, não podemos ignorar o/a leitor(a). Sua subjetividade e seu mundo influem na sua leitura. Daí o motivo de dedicarmos algumas linhas para uma leitura de *si*, o que nos possibilitará uma melhor compreensão do *outro*.

2.1 O leitor

Eu, Eliseu Roque do Espírito Santo, nasci na cidade de São João de Meriti, no estado do Rio de Janeiro, no dia 19 de novembro de 1963. Filho de Vicente Roque do Espírito Santo e de Antonia Maria Melo do Espírito Santo, nordestinos, emigrantes que fugiram da pobreza do sertão nordestino em busca de novas oportunidades na cidade grande - Rio de

Janeiro. Meu pai, operário, sem qualificação profissional, minha mãe - doméstica, conheceram-se no Rio e casaram-se formando uma família de sete filhos, dos quais sou o segundo.

Minha mãe é evangélica, teve sua experiência com Deus em sua sofrida adolescência. Com minha mãe aprendi a temer a Deus e a servi-lo. Tive minha experiência de conversão aos onze anos de idade em uma tarde de Sexta-feira, no feriado da Semana Santa. Ao acompanhar a história do sofrimento de Cristo narrada na rádio me dei conta do amor de Deus por mim e por todas as pessoas. Naquele dia decidi ser um cristão engajado e seguir os passos de Jesus.

Segui a tradição religiosa de minha mãe, a batista,¹³¹ igreja evangélica de missão. Por volta dos 18 anos de idade, no ano de 1983, ingressei no Seminário Teológico Batista do Rio de Janeiro, onde cursei teologia e me preparei para o exercício do ministério pastoral. Imediatamente após a conclusão do curso me apresentei à organização missionária de minha denominação¹³² e fui enviado como missionário para o Paraguai. Ali trabalhei durante cinco anos, atuando no pastoreio de igrejas.

Logo após o retorno do Paraguai, participei de curso de Pós-graduação em Missões no Centro Evangélico de Missões em Viçosa -MG. Ao terminar o curso de Missões ingressei na Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ, onde conclui a Licenciatura Plena em Pedagogia.

Sou casado e tenho dois filhos. Atualmente sou diretor do Seminário Teológico Batista do Rio Grande do Sul e pastor da

¹³¹ Há vários grupos batistas no Brasil. A minha igreja professa a declaração doutrinária das igrejas afiliadas à Convenção Batista Brasileira. Ver site na Internet: www.batistas.org.br

¹³² Junta de Missões Mundiais. Site na Internet: www.jmm.org.br

Igreja Batista em Sans-Souci, no município de Eldorado do Sul-RS.

Meu interesse por essa pesquisa são dois: identificar na obra *Pedagogia do Oprimido* a contribuição da teologia no pensamento pedagógico-político de Paulo Freire e, também, ver o que o diálogo entre teologia e pedagogia pode oferecer numa compreensão mais profunda do pensamento político-pedagógico de Paulo Freire.

2.2 O autor

Paulo Freire nasceu em 19 de setembro de 1921 em Recife (Pernambuco). Seu pai, Joaquim Temistocles Freire, era espírita, sua mãe, Edeltrudes Neves Freire, católica. A postura religiosa de seu pai e sua mãe marcará sua práxis religiosa e pedagógica no decorrer de toda sua vida.

Diz Freire:

Com eles aprendi o diálogo que procuro manter com o mundo, com os homens, com Deus, com minha mulher, com meus filhos. O respeito de meu pai pelas crenças religiosas de minha mãe ensinou-me desde a infância a respeitar as opções dos demais. Recordo-me ainda hoje com que carinho escutou-me quando disse-lhe que queria fazer minha primeira-comunhão. Escolhi a religião de minha mãe e ela auxiliou-me para que a eleição fosse efetiva.¹³³

Colaborando com essa formação religiosa doméstica, a leitura da Bíblia parece lhe ter exercido um papel preponderante. Na verdade para compreendermos toda a radicalidade do pensamento educacional de Paulo Freire precisamos prescrutar seu pensamento religioso.

Schipani diz que,

para entender la perspectiva y la contribución social y educativa de Freire, es esencial comprender la naturaleza religiosa de su vocación y su testimonio, y la dimensión religiosa de su filosofía. En este punto coincidimos con John L. Elias, quien ha mostrado que en todas las grandes coyunturas en que se articula el pensamiento y el trabajo del educador brasileño, la dimensión religiosa ha jugado un rol manifiesto y decisivo.¹³⁴

Freire demonstra ter sido um leitor atento das Escrituras Sagradas e seus escritos revelam as influências que essas leituras tiveram sobre seu pensamento pedagógico. Veja no quadro a seguir como a memória destes textos bíblicos se fazem presente na *Pedagogia do Oprimido*, seja através de paráfrases ou de citações praticamente literais:

FREIRE	TEXTO BÍBLICO
"Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos" (p.31)	"... O meu poder se aperfeiçoa na fraqueza... Pois quando sou fraco é que sou forte". (2 Coríntios 12.9-10).
"Movo-me na esperança enquanto luto e, se luto com esperança, espero" (p.82).	"Pois nessa esperança fomos salvos. Mas, esperança que se vê não é esperança. Quem espera aquilo que está vendo? Mas se esperamos o que ainda não vemos, aguardamo-lo pacientemente" (Romanos 8.24-25).
Ao falar sobre as condições para o diálogo, Freire segue o esquema paulino acrescentado a humildade e o pensar crítico. "São portanto fundamentos do diálogo: amor, humildade, fé (nos homens) , esperança e o pensar crítico" (p. 79-83).	"Assim, permanecem agora estes três: a fé, a esperança e o amor, O maior deles, porém, é o amor" (1Coríntios 13.13).
"A libertação, por isto, é um parto. E um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo..." (p.35).	"Meus filhos, novamente estou sofrendo dores de parto por sua causa, até que Cristo seja formado em vocês" (Gálatas 4.19).

¹³³ Paulo FREIRE, *Conscientização*, p. 13.

¹³⁴ Daniel S. SCHIPANI, *Teologia del ministerio educativo*, p. 45-46.

FREIRE	TEXTO BÍBLICO
"Daí que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo. (...)é um ato de criação e recriação..." (p.77,79).	"No princípio era aquele que é a Palavra... Aquele que é a Palavra estava no mundo, e o mundo foi feito por intermédio dele..." (João 1.1,10).
"Entre permanecer porque desaparece, numa espécie de morrer para viver e pela e na imposição de sua presença..." (p.64).	"Digo-lhes verdadeiramente que, se o grão de trigo não cair na terra e não morrer fica ele só. Mas se morrer, dará muito fruto" (João 12.24).

Freire encontra nos Evangelhos e na figura do Cristo não apenas resposta para seus anseios religiosos, mas codificações da mensagem de libertação e da própria prática pedagógica que propunha.

Menino ainda, jovem depois, homem afinal, em quem, contudo, o menino continuou vivo, me fascinava e me fascina, nos Evangelhos, a indivisibilidade entre seu conteúdo e o método com que o Cristo os comunicava. O ensino do Cristo não era nem poderia ser o de quem, como muito de nós, julgando-se possuidor de uma verdade, buscava impô-la ou simplesmente transferi-la. Verdade Ele mesmo, Verbo que se fez carne, História viva, sua pedagogia era a do testemunho de uma Presença que contradizia, que denunciava e anunciava. Verbo encarnado, Verdade Ele mesmo...¹³⁵

Por isso observa Wachs:

A teoria de Paulo Freire está embutida de um pensar teológico. Apesar de não ser nem querer ser teólogo, Paulo Freire incorpora no seu labor pedagógico não somente uma linguagem bíblico-teológica, mas um real pensar teológico. Isto demonstra, por sua vez, a abrangência do seu pensar e, por outro lado, a contribuição que a teologia, seja no seu labor científico, seja na

¹³⁵ Paulo FREIRE, *Conhecer, praticar, ensinar os Evangelhos*.

cultura religiosa popular, pode dar na elaboração de uma teoria pedagógica.¹³⁶

Concordamos com Wachs referente à contribuição da teologia no pensamento de Paulo Freire e do fato de ele (Freire) não ser um teólogo profissional, mas discordamos da afirmação de Freire não querer ser teólogo. Em "Carta a um jovem teólogo"¹³⁷ Paulo Freire confessa não se considerar teólogo, mas um "enfeitado pela teologia" e reconhece as marcas deixadas por esta em sua pedagogia. Em outra obra¹³⁸ fala do impacto que as leituras de Tristão de Atayde, Maritain, Bernanos, Mounier, tiveram sobre sua fé e conseqüentemente sua pedagogia. Além destas, somam-se muitas outras fontes como Teilhard de Chardin, Martin Buber, Erick Fromm, Jürgen Moltmann, entre outras. Um ponto em comum entre todas estas fontes citadas, mesmo as que não se originavam de teólogos profissionais, era a referência a teologia como suporte para suas reflexões.

Identificado e algumas vezes inspirado por esses pensadores Freire também se aventura no campo da teologia, propondo uma teologia orientada para o futuro, que fizesse da esperança motivo de luta. Uma teologia preocupada em transformar o mundo em vez de explicá-lo e que mantivesse o "profundo sentido utópico e profético da mensagem cristã".¹³⁹ Na Pedagogia do Oprimido estas marcas teológicas estão evidentes.

Freire trabalhou com igrejas, inclusive Católicas e Protestantes. Freire colaborou nos anos sessenta com o

¹³⁶ Manfredo Carlos WACHS, *Teologia e pedagogia num pensar conjunto*, p. 129.

¹³⁷ Paulo FREIRE, *Consciência e história*, p. 87.

¹³⁸ IDEM, *Conscientização*, p. 14.

Movimento de Educação de Base (MEB), programa de educação básica desenvolvido pela Igreja Católica e financiado pelo governo.¹⁴⁰ Trabalhou com os Protestantes no Conselho Mundial de Igrejas (CMI) (1970-1980).¹⁴¹ Ao retornar ao Brasil volta a colaborar com a Igreja Católica, ensinando na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC).

Devido a essas influências, encontramos na Pedagogia do Oprimido diversas palavras/temas carregadas de significação bíblico-teológica, tais como: Libertação, amor, comunhão, fé, testemunho, generosidade, a palavra, novo homem, esperança, imersão, emersão, inserção, Deus, mundo, entre outras.

A presença dessa linguagem religiosa (teológica) na Pedagogia do Oprimido é para muitos perturbadora. Mergner¹⁴² propõe que se substitua por direitos da pessoa o que Freire chama de amor, fé, e etc. Essa reação a uma "linguagem religiosa", se dá pelo fato de nossa civilização estar imersa no que Löwy chama de tradição positivista.¹⁴³ Löwy propõe romper com essa tradição e foi o que fez Freire.

McLaren comenta:

O que distingue Freire da maioria dos(as) outros(as) educadores(as) de esquerda nestes tempos de razão cínica é sua insistência, sem a mínima vergonha de fazê-lo, na importância do poder do amor. O amor, afirma, é a característica mais fundamental do diálogo e a força

¹³⁹ Paulo FREIRE, *Conscientização*, p.89.

¹⁴⁰ *Ibid.*, p.23-24.

¹⁴¹ *Ibid.*, p.37.

¹⁴² Gottfried MERGNER, *Paulo Freire*. In: Ana Maria de Araujo FREIRE (ORG.), *A pedagogia da libertação em Paulo Freire*, p.84.

¹⁴³ Michael LÖWY, *Redenção e utopia*, p.13.

constitutiva que anima todas as pedagogias da libertação.¹⁴⁴

Além de sua formação religiosa outro fator que certamente marcou de forma decisiva o pensamento político-pedagógico de Freire foi a pobreza. Sua família passou por grandes dificuldades econômicas. Com a crise de 1929 e a doença de seu pai sua família se vê obrigada a mudar-se para Jaboatão, cidade do interior do estado de Pernambuco. As dificuldades foram tantas que Freire fala de ter experimentado a fome.

Mas, como a maioria dos brasileiros, Freire teve que driblar estas situações limites. Aos quinze anos de idade ingressa no ginásio, aos 20 no curso pré-jurídico (Equivalente hoje ao Ensino Médio, claro que não em qualidade), onde começa a se preparar para ser professor de língua portuguesa para o curso ginásial. Mais adiante se forma em Direito pela atual Universidade Federal de Pernambuco, mas abandona a profissão, certamente por não ser sua vocação. Dedicar-se ao trabalho que havia iniciado no seu último ano do curso jurídico, a coordenação da Divisão de Educação e Cultura do SESI.¹⁴⁵

A experiência no SESI foi tão importante para sua reflexão pedagógica e política que Freire comenta: "A Pedagogia do Oprimido não poderia ter sido gestada em mim só por causa de minha passagem pelo SESI, mas a minha passagem pelo SESI foi fundamental".¹⁴⁶ Freire trabalhou no SESI de 1946 a 1954.

¹⁴⁴ Peter MCLAREN, *Uma pedagogia da possibilidade*, p. 194.

¹⁴⁵ SESI (Serviço Social da Indústria), órgão administrado pela Confederação Nacional da Indústria criado em 1946 pelo então presidente da República Eurico Gaspar Dutra.

¹⁴⁶ Paulo FREIRE, *Pedagogia da esperança*, p. 18.

A obra *Pedagogia do Oprimido* foi concluída no Chile em 1967.¹⁴⁷ Portanto, Freire faz sua análise a partir do contexto da América Latina, tendo como época, a década de sessenta. O conhecimento, no entanto, é fruto de experiências no decorrer de sua vida, como por exemplo, seu trabalho no SESI na década de 50.

Escreve a *Pedagogia do Oprimido* no exílio no Chile. Pelas circunstâncias históricas, ele vivia o momento certo para tecer sua reflexão libertadora. As contradições eram evidentes. Libertação/dominação e inédito viável/situações limites estavam diante dos seus olhos. Brasil e Chile serviam como codificações para estas relações contraditórias.

Enquanto o Brasil mergulhava num dos períodos mais obscuros de sua história, o da ditadura militar; o Chile vivia um dos momentos mais florescentes.

Assim nos comenta Triviños e Andreola:

Paulo Freire chegou ao Chile, pelo norte, pela cidade de Arica, em novembro de 1964, com 43 anos (...) O Chile, por ocasião da chegada de Freire, vivia um clima nacional de democracia e otimismo. Eduardo Frei, do partido democrata-cristão, havia assumido a presidência da República, prometendo "Revolução em liberdade".¹⁴⁸

Com todas estas situações existenciais não só diante dos olhos, mas vividas na própria carne, Freire pôde afirmar nas primeiras palavras de sua obra:

¹⁴⁷ Paulo FREIRE, *Pedagogia da esperança*, p. 60. Também informa essa data, A. N. Silva TRIVIÑOS, Balduino A. ANDREOLA, *Freire e Fiori no exílio*, p. 84.

¹⁴⁸ A. N. Silva TRIVIÑOS e B. Antônio ANDREOLA, *Freire e Fiori no exílio*, p.25.

As afirmações que fazemos neste ensaio não são, de um lado, fruto de devaneios intelectuais nem, tampouco, de outro, resultam apenas de leituras, por mais importantes que elas nos tenham sido. Estão sempre ancoradas, como sugerimos no início destas páginas, em situações concretas.¹⁴⁹

Portanto, as experiências vividas no Brasil e no Chile farão do tema libertação principal foco de suas reflexões. As duas realidades distintas da época ajudarão a Freire e seus colaboradores a não cair no extremo do pessimismo (fatalismo), nem do otimismo idealista (triunfalismo). Freire propõe, a partir do contexto latino-americano, uma pedagogia libertadora que busca o inédito viável que é a libertação, sem desconsiderar as situações-limites de dependência e dominação. Faz uma proposta profética, mas de pé no chão.

¹⁴⁹ Paulo FREIRE, *Pedagogia do Oprimido*, p. 24-25.

CAPÍTULO 3

O TEMA GERADOR: LIBERTAÇÃO

*A Pedagogia do Oprimido [...] é a pedagogia dos homens empenhando-se na luta por sua libertação.*¹⁵⁰

Não podemos ignorar que Freire fala em seu método de tema gerador no singular e temas geradores no plural. Segundo ele, o tema gerador "se encontra contido no universo temático mínimo (os temas geradores em interação)".¹⁵¹ O tema gerador, no caso da obra literária, seria o tema principal sobre o qual se desenvolve toda obra.

Para Freire o "tema gerador" nem é uma criação arbitrária, muito menos uma hipótese que necessita ser comprovada.¹⁵² O tema é algo concreto, evidente, que identificamos através da experiência existencial e da reflexão crítica sobre as relações seres humanos-mundo, seres humanos-seres humanos. Antes de nos ocuparmos de sua objetividade, diz Freire, devemos "apreendê-lo em sua riqueza, em sua significação, em sua pluralidade, em seu devenir, em sua constituição histórica".¹⁵³

¹⁵⁰ Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p.40.

¹⁵¹ *Ibid.*, p.97.

¹⁵² *Ibid.*, p.88.

¹⁵³ *Ibid.*, p.88

Para Freire a libertação era tema fundamental da época,¹⁵⁴ e ao tratá-lo introduzimos no debate o seu contrário: o tema da dominação. A libertação é portanto o tema gerador da Pedagogia do Oprimido. Todos os demais temas se relacionam e emanam dele. Esta libertação é o inédito viável e para alcançá-lo faz-se necessário a superação de situações-limite, que na época, a principal, segundo Freire, era a dependência dos países do Terceiro Mundo em relação aos do Primeiro.

3.1 A libertação como tema bíblico

Libertação é tema essencialmente bíblico e de grande relevância pastoral. Do Antigo ao Novo Testamento é tema central para os escritores bíblicos. As grandes narrativas do Antigo Testamento que se ocupam com a história do povo de Deus tem como episódios centrais a libertação. A libertação do Egito (Ex.1-14), a libertação do jugo de seus opressores, que ora eram os Filisteus (1 Sm.29), Amalequitas (1 Sm. 30), Amonitas (2 Sm.10), Sírios (2 Rs.6,7), Assírios (2 Rs.17), Medo-Persas (Et.1-10), entre outros.

Jesus, no Novo Testamento, é apresentado como o libertador. Nos evangelhos ele é aquele que foi enviado para proclamar liberdade aos presos e libertar os oprimidos (Lc.4.18), ele liberta pessoas das enfermidades e do domínio dos demônios (Lc.4.31-44), liberta dos pecados (Lc.5.17-26; Mt.9.1-8; Mc.2.1-12), liberta da ânsia do lucro desenfreado e do amor às riquezas (Lc.19.1-9) e finalmente com sua morte, liberta da morte (Mt.27.50-53).

¹⁵⁴ Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p.94.

Nas cartas paulinas não é diferente, o apelo à liberdade está por toda parte. Os cristãos e as cristãs são desafiados a julgar e decidir a cada momento e situação acerca do que devem fazer ao invés de se conformarem à uma regra pré-estabelecida (1 Co.10.23-31). Estão livres da Lei de Moisés e devem andar por fé (Gl.3) e evitar tudo que de alguma forma os escravize (Gl.5; Cl.2.8)). A liberdade é tão importante, que sua ausência pode comprometer a fé.

No Apocalipse de João, numa linguagem característica da apocalíptica judáica, o tema libertação retorna no desfecho final da revelação neotestamentária. A grande cidade Babilônia, símbolo de um poder político injusto e perverso, é finalmente derrotada (Ap.18), os seres humanos são libertos de todo sofrimento, inclusive da morte (Ap. 21), e seu arqui-inimigo espiritual, Satanás, é finalmente vencido e castigado para todo sempre (Ap.20.10).

Esses exemplos, anteriormente mencionados, demonstram como os autores bíblicos trabalharam o tema libertação. Pode-se afirmar, sem muito medo de errar, que libertação é tema central também nas Escrituras.

3.2 A libertação como tema central para a teologia na América Latina

A força e contextualidade do tema libertação para a teologia na América Latina começa a mostrar-se evidente na II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, a Conferência de Medellin.

Comenta Gutiérrez:

A conferência convoca os cristãos a se comprometerem com a construção de uma sociedade justa sem marginalizados nem oprimidos. Hoje um "surdo clamor" por "uma libertação que não lhes chega de nenhuma parte".¹⁵⁵

Segundo Gutierrez,¹⁵⁶ Medellín entendia libertação como uma "libertação plena", ou seja, não apenas uma experiência subjetiva ou "espiritual", mas algo também objetivo, concreto. Esta libertação deveria trazer o "Reino que é justiça, amor e paz". É esta concepção, que segundo o autor, compromete a Igreja na América latina num contexto de opressão a ser "autenticamente pobre, missionária e pascal".¹⁵⁷

Em sua obra maior, "Teologia da Libertação: perspectivas"¹⁵⁸, Gutiérrez discute os três níveis do processo de libertação: a libertação política (aspecto estrutural e objetivo), libertação da pessoa humana (aspecto subjetivo e cultural) e libertação espiritual (aspecto religioso).

Gutiérrez explica que há uma interdependência destes três níveis:

Não se trata, sem dúvida, de três processos paralelos ou que se sucedem cronologicamente; estamos diante de três níveis de significação, portanto, de um processo único e complexo que encontra sentido profundo e plena realização na obra salvadora de Cristo.¹⁵⁹

¹⁵⁵ Gustavo GUTIÉRREZ, *A atualidade de Medellín*. In: CONCLUSÕES DA CONFERÊNCIA DE MEDELLIN, p.246.

¹⁵⁶ IDEM, p. 246.

¹⁵⁷ IDEM, p. 246.

¹⁵⁸ Gustavo GUTIÉRREZ, *Teologia da libertação*.

¹⁵⁹ *Ibid.*, p.95-96.

Freire não discute o nível espiritual do processo libertador. O fato de não discutí-lo não significa que o ignorasse. Talvez o tenha omitido por conhecer bem a dificuldade que tem a academia com essas temáticas.

Em uma de suas últimas obras intitulada "À sombra desta mangueira", Freire fala da importância de sua fé cristã para sua luta por uma sociedade mais justa.

Não me sinto à vontade falando da minha fé. Pelo menos, não tanto quanto diante da minha opção política, minha utopia e sonhos pedagógicos. Quero dizer, porém, de sua basilar importância na minha luta pela superação da realidade opressora e pela construção de uma sociedade menos feia, menos malvada, mais humana. Todos os argumentos a favor da legitimidade da minha luta por uma sociedade mais gentificada têm, na minha fé, sua fundamentação profunda.¹⁶⁰

3.3 O sentido da libertação para Freire

Mesmo não explicitando na Pedagogia do Oprimido o lugar da fé religiosa no processo libertador, Freire ao enfatizar a importância da subjetividade¹⁶¹ deixa um caminho aberto para considerarmos a importância da fé religiosa no processo de transformação do mundo, no processo de construção de uma nova humanidade.

Para Freire a luta pela libertação possui um sentido pedagógico¹⁶², pois a revolução libertadora não se utiliza dos métodos dos opressores e das opressoras. Propaganda, dirigismo e manipulação são armas de dominação e devem ser substituídos

¹⁶⁰ Paulo FREIRE, *À sombra desta mangueira*, p.85.

¹⁶¹ IDEM, *Pedagogia do oprimido*, p.37.

¹⁶² *Ibid.*, p.55.

por uma pedagogia e liderança humanizadora. Nesta revolução os homens e mulheres são sujeitos da sua libertação. A eles e elas é demandada ação e responsabilidade, pois só se desenvolve plena humanidade em liberdade. O cativo desumaniza.

3.4 Os obstáculos para a libertação

Para alcançar a libertação é preciso vencer alguns obstáculos, o principal deles é o medo da liberdade.¹⁶³ Freire comenta ser esse o aspecto que mais lhe surpreendia em todos os cursos sobre conscientização que oferecia. A grande dificuldade para tratar o medo da liberdade é o fato de que os homens e as mulheres que o possuem, geralmente não têm consciência de serem seus portadores.¹⁶⁴ Esse medo pode estar presente tanto nos oprimidos e oprimidas, como nos opressores e opressoras.

Esse medo da liberdade, tanto dos oprimidos quanto dos opressores, gera muitas atitudes que impedem o processo de libertação, as principais são a aderência e a prescrição.

3.4.1 A aderência

Nos oprimidos e oprimidas o medo da liberdade se manifesta na resistência às mudanças, na acomodação e, principalmente, na aderência ao opressor e opressora.¹⁶⁵ Aderência vem a ser o estado em que os oprimidos e oprimidas, imersos na opressão e alienados, vêm a desejar ser iguais às pessoas que os oprimem, ao invés da sua própria libertação. O oprimido e a oprimida

¹⁶³ Paulo FREIRE, *Pedagogia do Oprimido*, p.23-24.

¹⁶⁴ *Ibid.*, p.24.

entendem que a situação ideal que necessitam buscar é a de serem iguais ao patrão, não no sentido apenas de ser proprietário, mas na rigidez, na forma de exploração da força de trabalho, na forma de exploração dos recursos naturais e etc. A libertação, vista como ação individual, confunde a libertação com a situação de dono ou patrão.

3.4.2 A Prescrição

Já nos opressores e opressoras o medo da liberdade leva-os à prescrição.¹⁶⁶ Por não confiarem no potencial humano dos oprimidos e oprimidas, na sua criatividade, na capacidade destes e destas de fazer bom uso de sua liberdade, preferem prescrever ou receitar a pauta de tarefas e condutas que devem seguir. Freire é enfático: "Toda prescrição é a imposição da opção de uma consciência a outra"¹⁶⁷, e mais ainda, a prescrição "faz-se à base de pautas estranhas a eles - as pautas dos opressores".¹⁶⁸

A prescrição vem acompanhada de uma atitude paternalista, assistencialista, superprotetora e infantilizadora. Ao inibir a criatividade e a iniciativa, impede o desenvolvimento da autonomia e, conseqüentemente, da responsabilidade sem a qual ninguém pode ser livre. Lamentavelmente a prescrição tem sido prática comum no ambiente escolar, na igreja, no trabalho e na família. Preferimos determinar as pautas que os outros devem seguir, do que permiti-lhes que responsavelmente optem pelo caminho que devem seguir.

¹⁶⁵ Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p.32.

¹⁶⁶ *Ibid.*, p. 34.

¹⁶⁷ *Ibid.*, p. 34.

¹⁶⁸ *Ibid.*, p. 34.

Por não prescrevermos, não significa tomarmos uma posição omissa no processo libertador dos oprimidos e oprimidas. Freire propõe em lugar da prescrição, o diálogo.¹⁶⁹ O diálogo que conduza os oprimidos e oprimidas à uma inserção crítica na sua realidade, e a partir daí possam saber-se oprimidas e elas mesmas darem-se conta da necessidade da luta pela libertação.

O teólogo Rudolf Bultmann falando sobre os perigos que ameaçam a liberdade, comenta de forma muito acertada, quando diz:

Decisiva é aqui uma renúncia, para que a herança mais preciosa da história seja preservada. Pode parecer duro, mas é decisiva a *renúncia à segurança*, à qual a vida moderna estava acostumada. Deve ficar claro que à maior segurança possível corresponde a maior limitação possível da liberdade pessoal.¹⁷⁰

Essa observação de Bultmann se aplica a todos os campos da existência humana. Líderes, governantes, educadores e educadoras, religiosos e religiosas precisam arriscar a segurança, seja ela, doutrinária, institucional ou pessoal. Sempre, quando se fala de liberdade, surge o medo que esta leve à anarquia, à desordem. Se queremos desenvolver práticas verdadeiramente libertadoras, precisamos arriscar.

3.5 A proposta de uma educação libertadora

Freire participou de Medellín como perito educacional. Sua experiência com alfabetização de adultos lhe dera certa

¹⁶⁹ CONCLUSÕES DA CONFERÊNCIA DE MEDELLIN, p.40.

¹⁷⁰ Rudolf BULTMANN, *Crer e compreender*, p.334.

proeminência. A missão do Departamento de Educação do CELAM¹⁷¹ era elaborar uma proposta de renovação da atividade educativa da Igreja. A discussão se prolongou em torno do termo "educação libertadora".

Dom Cândido Padin comenta:

Não foi fácil o debate na comissão. Inicialmente houve algumas reações desfavoráveis, principalmente de Mons. Octavio Derisi (ainda não era bispo), Reitor da Universidade Católica de Buenos Aires. Não aceitava o emprego de "educação libertadora", por temer o mal uso por parte dos que pretendiam legitimar os movimentos revolucionários. Procuramos argumentar que a concepção, tal como fora apresentada, tinha uma fundamentação claramente teológica e evangélica, não permitindo esse abuso.¹⁷²

Como vemos, a proposta de uma educação libertadora exigiu de Freire e seus companheiros uma clara fundamentação teológica e evangélica. E esta foi apresentada com sucesso. O termo "educação libertadora" venceu nos debates em Medellín e sua significação foi ganhando cada vez mais espaço na reflexão teológica da Igreja. Essa tendência produziu uma das principais vertentes do pensamento teológico mundial, a teologia da libertação.

Schipanni¹⁷³ fala da contribuição de Freire para a Teologia da Libertação e destaca entre outras as seguintes: 1. no aspecto metodológico, o enfoque pedagógico da conscientização como ação libertadora; 2. o estímulo à formação de novas

¹⁷¹ Conselho Episcopal Latino-Americana. É um órgão da Igreja Católica que foi fundado em 1955 pelo papa Pio XII a pedido do Bispos da América Latina e Caribe. Cf. www.celam.org

¹⁷² Cândido PADIN, *Educação Libertadora proclamada em Medellín*. (In: CONCLUSÕES DA CONFERÊNCIA DE MEDELLIN, p.231.).

¹⁷³ Daniel S. SCHIPANI, *Teologia del ministerio educativo*, p.51-53.

concepções de práxis cristã, principalmente no sentido de que a libertação verdadeira só pode ser levada a cabo por seres humanos que atuem como sujeitos de sua própria libertação; 3. a busca por uma nova humanidade capaz de analisar criticamente a sua realidade; 4. o estímulo a um trabalho ao lado dos pobres e oprimidos.

A reflexão nos temas geradores que faremos a seguir nos ajudarão a delinear de forma mais clara e sistemática o que de fato vem a ser uma educação libertadora. No entanto, a fim de concluirmos essa parte, cabe-nos apresentar alguns traços distintivos da proposta libertadora de Freire.

Em primeiro lugar, uma educação libertadora, seja ela cristã ou secular, terá de tratar os educandos e educandas como sujeitos. Elas e eles não podem ser feitos objetos da ação de outras pessoas por mais bem intencionadas que estas sejam. Já que a liberdade é uma conquista e não uma doação,¹⁷⁴ os seres humanos devem avançar de forma ativa e participativa na sua busca.

Em segundo lugar, uma educação que queira ser libertadora não pode temer a liberdade. É preciso, como observou Bultmann¹⁷⁵, arriscar a segurança para preservar ou conquistar a liberdade. Desse modo, os educandos e educandas e educadores e educadoras devem ser desafiados a ousar novas formas de aprender e ensinar, devem ousar novas formas de relações no grupo, devem estar abertos às mudanças e ao inusitado.

Em terceiro lugar, é preciso renunciar à prescrição. Prescrição que na ação pedagógica faz surgir a educação

¹⁷⁴ Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p.34.

bancária, aquela que faz do educando e da educanda um depósito. Em lugar da prescrição deve ser desenvolvido o diálogo. No diálogo não há imposição, mas negociação e troca.

Em quarto lugar, uma educação que fala de libertação não é necessariamente uma educação libertadora. A coerência é um apelo recorrente de Freire. Não é possível promover uma educação libertadora com os métodos e as armas da opressão. Uma educação cujo objetivo seja libertação e faz uso de práticas de dominação, anula a si mesma. Não é possível libertar com slogans, dirigismo, manipulação e com atitudes assistencialistas e paternalistas. Educação libertadora tem na teoria e prática um exercício de liberdade.

¹⁷⁵ Rudolf BULTMANN, *Crer e compreender*, p.334.

CAPÍTULO 4

COMUNHÃO/SOLIDARIEDADE, AMOR/GENEROSIDADE, TESTEMUNHO

4.1. Comunhão/Solidariedade

*... Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão...*¹⁷⁶

A palavra comunhão aparece 17 vezes no último capítulo da *Pedagogia do Oprimido*. É tema fundamental na obra e colocações-chaves tem na comunhão elemento principal. Ao falar sobre educação, diz: "ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo".¹⁷⁷ Sobre libertação diz: "Ninguém liberta a ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão".¹⁷⁸ E finalmente ao referir-se à salvação, afirma: "ninguém se salva sozinho, nem como indivíduo, nem como classe opressora, mas com os oprimidos...".¹⁷⁹

Podemos começar nossa investigação sobre o tema comunhão buscando determinar o que Freire entende por esse termo. Para Freire, comunhão é estar "com eles",¹⁸⁰ é "ação com eles",¹⁸¹ é

¹⁷⁶ Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p.69.

¹⁷⁷ *Ibid.*, p.69.

¹⁷⁸ *Ibid.*, p.52.

¹⁷⁹ *Ibid.*, p. 143.

¹⁸⁰ *Ibid.* p. 54.

¹⁸¹ *Ibid.*, p. 53.

busca "com os outros",¹⁸² é "convivência autêntica"¹⁸³ na qual, ora um apela ao outro, ora escuta o apelo ao outro; comunhão é "comungar com o povo",¹⁸⁴ é assumir "a situação de com quem se solidarizou".¹⁸⁵

Freire faz mais uso do termo bíblico comunhão que solidariedade. Desafia o opressor a uma atitude radical de assumir a situação do oprimido ou estar com ele nessa situação de opressão. Essa atitude radical evoca a do Cristo, que sendo Deus, se fez humano para junto com os homens e mulheres realizar a libertação. Vemos uma inspiração autenticamente cristã contribuindo na construção deste conceito.

4.1.1 A comunhão como tema bíblico-teológico

A comunhão é uma categoria essencialmente bíblica. O conceito ganha importância central nas cartas paulinas. O termo equivalente no Novo Testamento é **Koinonia**. Pode ser traduzido como comunhão (At. 2.42), participação (Fl. 3.10), contribuição (Rm.15.26), cooperação (Fl. 1.5). A idéia básica é sempre de compartilhar, fazer parte, agir em concordância.¹⁸⁶

A comunhão como tema teológico de grande significação humana é abordado pelo teólogo Leonardo Boff, grande expoente da teologia da libertação. Com uma linguagem bem popular no seu livro "Santíssima Trindade a melhor comunidade",¹⁸⁷ Boff apresenta a imagem da Trindade como exemplo de perfeita

¹⁸² Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p.58.

¹⁸³ *Ibid.*, p.35.

¹⁸⁴ *Ibid.*, p. 48.

¹⁸⁵ *Ibid.*, p. 36.

¹⁸⁶ COMMUNIO KOINONIA: el concepto en el Nuevo Testamento y entre los primeros cristianos aplicación y relevancia contemporáneas.

¹⁸⁷ Leonardo BOFF, *Santíssima Trindade a melhor comunidade*. Petrópolis: Vozes, 1988.

comunhão entre as três pessoas divinas e como esta nos pode ajudar a construir novos modelos de relações que tenham como fundamento a comunhão. O estudo deste conceito por Boff mostra a importância do tema para a teologia e atualidade.

Diz Boff:

No princípio está não a solidão do Um, de um Ser eterno, sozinho e infinito. Mas, no princípio, está a comunhão dos três Únicos. A comunhão é a realidade mais profunda e fundadora que existe. É por causa da comunhão que existem o amor, a amizade, a benquerença e a doação entre as pessoas humanas e divinas.¹⁸⁸

Como Boff, Freire entende a comunhão como elemento fundante da ação libertadora.¹⁸⁹ A comunhão possibilita o diálogo e só através dela todos e todas envolvidos/as podem exercer um papel ativo e responsável e atuar como sujeitos. Sendo os homens e as mulheres seres de relações, a educação ou qualquer outro tipo de ação que queira ser humanizadora, terá que Ter a comunhão como fundamento.

4.1.2 A comunhão como fundamento para uma ação libertadora

Comunhão e diálogo são inseparáveis, uma não existe sem o outra. Boff também entende que para existir uma verdadeira comunhão é preciso que hajam

relações diretas e imediatas: olho a olho, rosto a rosto, coração a coração. O resultado da mútua entrega e da comunhão recíproca é a comunidade. A comunidade resulta de relações pessoais, onde

¹⁸⁸ Leonardo BOFF, *Santíssima Trindade a melhor comunidade*, p. 29.

¹⁸⁹ Paulo FREIRE, *Pedagogia do Oprimido*, p. 55

cada um é aceito como é, cada um se abre ao outro e dá o melhor de si mesmo.¹⁹⁰

Esse aspecto humano tão importante numa relação pedagógica, no ambiente eclesial, no trabalho, se faz necessário também no contexto político e revolucionário. Freire está preocupado com a comunhão entre a liderança revolucionária e o povo, pois quando não há comunhão os dirigentes e as dirigidas precisam fazer uso das armas da dominação como a "propaganda, dirigismo e manipulação".¹⁹¹ Quando há comunhão superam-se as contradições dirigentes-dirigidos, dirigentes-dirigidas, educador-educando, educadora-educanda.¹⁹² Logo, para que não se perca "o sentido pedagógico da luta",¹⁹³ que é luta pela humanização, é preciso que se estabeleçam relações com base na comunhão.

A qualidade das relações pessoais em um grupo pode ser ignorada pela liderança. No próprio ambiente escolar educadores e educadoras, no afã de cumprir o calendário escolar, ou transmitir o conteúdo programado, podem colocar em segundo plano a comunhão da turma. Conversar com os educandos e educandas, ouvi-los, atentar para seus sentimentos, suas emoções, suas lutas e dilemas, deveria estar no primeiro lugar do plano de aula de qualquer pessoa que pretende educar.

O mesmo sucede no ambiente eclesial. Programas, ritos, e demais tipos de atividades não podem prescindir à comunhão do grupo. Falhar na comunhão é falhar no fundamento para todas as demais práticas cristãs, é o mesmo que falhar na fé. Daí as

¹⁹⁰ Leonardo BOFF, *Santíssima Trindade a melhor comunidade*, p.28.

¹⁹¹ Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 55.

¹⁹² *Ibid.*, p. 59

¹⁹³ *Ibid.*, p. 55

insistentes exortações bíblicas para a reconciliação em casos de dissensões (Mt.5.23-25), os desafios para o perdão (Mt.6.12,14,15; Cl.3.13), e os apelos à manutenção da unidade (Jo.17.22-23; Ef.4.1-6).

A comunhão ganha ainda mais a sua importância quando consideramos práticas religiosas e educacionais numa perspectiva libertadora. Toda ação que pretenda ser libertadora, precisa considerar a vocação ontológica do ser humano que é ser um ser de relações. Mais uma vez nos lembra Boff: "... a pessoa é essencialmente comunhão, relação e diálogo. O eu só existe e subsiste se se abrir para um tu... É só através do tu que o eu se descobre como tal".¹⁹⁴

A ausência de comunhão cria situações desumanizadoras. Ao invés do diálogo, a prescrição; da adesão crítica, a aderência; do engajamento, a assistência; da autonomia, a dependência; da libertação a opressão. A comunhão é condição essencial para humanização.

A comunhão rompe com fronteiras, sejam elas raciais, de gênero, hierárquicas, etc.

Casali¹⁹⁵ aponta como tema central da Pedagogia do Oprimido a "igualdade como condição da ação pedagógica e libertadora".¹⁹⁶ No entanto ele acha que essa idéia de igualdade foi mal compreendida. Para ele é preciso diferenciar igualdade ética-cívica de igualdade epistemológica. Segundo ele, Freire não supunha uma igualdade epistemológica entre

¹⁹⁴ Leonardo BOFF, *Jesus Cristo libertador*, p. 208.

¹⁹⁵ Alípio Márcio Dais CASALI, *A pedagogia do oprimido*. In: Ana Maria de Araujo FREIRE, *A pedagogia da libertação em Paulo Freire*.

¹⁹⁶ *Ibid.*, p.18-21.

educando e educadora, mas uma igualdade entre cidadãos (ético-cívica).

Parece-nos desnecessária essa diferenciação proposta por Casali quando consideramos a ênfase que Freire dá a comunhão. Onde há comunhão, a questão de igualdade ou desigualdade perde sua importância. A comunhão rompe fronteiras, desfaz diferenças, gera colaboração. Na comunhão o "Eu" se encontra com o "Tu" e ambos se complementam. Quando há comunhão entre pessoas, as diferenças não afastam uma da outra, pois são complementarias. Na verdade o foco não está na diferença, mas no complemento que uma oferece à outra.

Estudos recentes têm dado muita importância às relações interpessoais na sala de aula e nos ambientes de trabalho.¹⁹⁷ Fala-se hoje até em inteligência emocional,¹⁹⁸ corre-se até o risco de uma nova psicologização da educação. Freire ao tratar da comunhão na perspectiva de uma ação libertadora abarca esse espectro da dimensão humana cobrando ações que façam justiça a própria natureza humana. O ser humano, é um ser pessoal, portanto, ser de relações. Uma ação humanizadora e libertadora só é coerente considerando todos os aspectos da pessoa humana. A inspiração cristã da pedagogia freireana traz assim à educação um caráter humanizador e libertador.

¹⁹⁷ Apenas como exemplo de trabalhos nesta área: Agostinho MINICUCCI, *Relações humanas* e Edina de Paula BOM SUCESSO, *Relações interpessoais e qualidade de vida no trabalho*.

¹⁹⁸ Daniel GOLEMAN, *Inteligência emocional*.

4.2. Amor/Generosidade

*a verdadeira generosidade está em lutar para que desapareçam as razões que alimentam o falso amor [...] A grande generosidade está em lutar para que, cada vez mais, estas mãos, sejam de homens ou de povos, se estendam menos, em gestos de súplica.*¹⁹⁹

Freire inicia sua Pedagogia do Oprimido reconhecendo que alguns não ultrapassariam as primeiras páginas, porque entre outros assuntos, falaria de amor.²⁰⁰ Afirma que a luta pela libertação é um ato de amor.²⁰¹ Ressalta que a capacidade de amar deve ser a principal característica de uma liderança revolucionária e cita como exemplo de uma liderança amorosa a Che Guevara e o sacerdote guerrilheiro Camilo Torres.²⁰² Também alerta para o perigo do falso amor e falsa generosidade que podem ser formas sutis de dominação.²⁰³

Freire faz questão de assinalar que o amor a que se refere não é "um gesto piegas e sentimental, de caráter individual".²⁰⁴ É um ato em favor de homens e mulheres injustiçados, marginalizados, roubados em seus direitos e sua humanidade. Este ato implica numa ação radical de transformação da situação opressora que não é possível ser realizada sem o povo. Daí a necessidade da comunhão dos revolucionários e revolucionárias com o povo, o que só é possível, pelo amor.

Afirmações como estas criaram em torno de Freire um esteriótipo de profeta ou sacerdote. Mas suas afirmações,

¹⁹⁹ Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p.31.

²⁰⁰ *Ibid.*, p.25

²⁰¹ *Ibid.*, p. 32.

²⁰² *Ibid.*, p.169.

²⁰³ *Ibid.*, p.41.

²⁰⁴ *Ibid.*, p.36.

mesmo que inspiradas em sua fé cristã, não tinham a intenção de apresentar uma conotação religiosa. Freire estava fundamentado em sua práxis e afirmava, em detrimento a um positivismo ou materialismo ingênuo, que não se faz uma revolução e uma educação libertadora sem amor.

É importante situar a Pedagogia do Oprimido no tempo para compreender o vanguardismo do pensamento de Freire. Essas reflexões vão a público nos fins da década de 60 e início da década de 70. Coincide com a chegada da revolução cognitiva quando os cientistas seduzidos pelo modelo de funcionamento do computador desprezaram o papel dos sentimentos e emoções no funcionamento da mente.²⁰⁵ Falar de amor e generosidade em educação era obra para visionários e Freire era um deles.

Em tempos mais recentes outras vozes farão côro com Freire acerca da primazia do amor. Maturana, por exemplo, é contundente:

sustento que não há ação humana sem uma emoção que a estabeleça como tal e a torne possível como ato. [...] uma emoção fundadora particular, sem a qual esse modo de vida na convivência não seria possível. Esta emoção é o amor. O amor é a emoção que constitui o domínio de ações em que nossas interações recorrentes com o outro fazem do outro um legítimo outro na convivência.²⁰⁶

A importância do amor/generosidade na educação encontra sentido maior devido ao aspecto pedagógico da luta pela libertação. Uma pedagogia libertadora, segundo Freire, "se anima de generosidade autêntica, humanista e não

²⁰⁵ Daniel GOLEMAN, *Inteligência emocional*, p.53.

²⁰⁶ Humberto MATURANA, *Emoções e linguagem na educação e política*, p.22.

humanitarista".²⁰⁷ Portanto, ao invés de fazer dos educandos e educandas recipientes de conteúdos (educação bancária) ou assistidos, propõe uma prática problematizadora onde estes, como sujeitos, juntos com seus educadores e educadoras, se inserem no processo de busca - que é conhecimento.

4.2.1 O amor/generosidade como tema bíblico-teológico

Para o cristianismo, amor e generosidade estão numa relação direta como essência e fenômeno. Jesus desafia à um amor sem limites como mostra na parábola do bom samaritano (Lc.10.30-37).²⁰⁸ Esse amor tem na vida e missão de Jesus seu exemplo maior (Lc.4.16-30). Os evangelhos mostram Jesus ao lado dos pobres, doentes, marginalizados. Seus discípulos mais próximos são homens do povo, rudes trabalhadores braçais, sem muita instrução. Assim, esse amor tem um alvo preferencial: os pobres e necessitados.²⁰⁹

Mas ele manda amar a todos, inclusive os inimigos (Mt.5.43-47), e isso inclui os poderosos, os opressores. Como entender o mandato de amor aos inimigos e a necessidade da luta contra a opressão? Como agiu o próprio Cristo?

Girardi vê no exemplo de Jesus a resposta:

Jesus não podia ser fiel ao amor, sem questionar a ideologia e o sistema sociorreligioso que justificam a segregação. Ele ama, certamente, os seus inimigos, mas nem por isso deixa de combatê-los até o fim.²¹⁰

²⁰⁷ Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p.41.

²⁰⁸ Joaquim JEREMIAS, *As parábolas de Jesus*, p.201.

²⁰⁹ Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo, p. 8.

²¹⁰ *Ibid.*, p. 8.

Nesse sentido Freire nos oferece uma grande contribuição, pois consegue nos mostrar que a luta contra a opressão e as estruturas que a mantém, é um gesto de amor para com os que oprimem, pois "somente os oprimidos, libertando-se, podem libertar os opressores".²¹¹ Os seres humanos, enquanto opressores, não apenas desumanizam aos que oprimem, mas desumanizam a si próprios. Lutar pela libertação é lutar também pela humanização não apenas dos oprimidos, mas também dos que oprimem. É um gesto genuinamente cristão de amor a todos, inclusive aos inimigos.

4.2.2 A verdadeira generosidade

Freire faz uma "anatomia" das ações sociais e educacionais e observa atitudes tidas como generosas, mas que perpetuam a opressão, e por isso são denominadas por ele de "falsamente generosas".

Segundo Freire:

Numa psicanálise da ação opressora talvez se pudesse descobrir, no que chamamos, no primeiro capítulo, de falsa generosidade do opressor, uma das dimensões de seu sentimento de culpa. Com esta generosidade falsa, além de estar pretendendo a manutenção de uma ordem injusta e necrófila, estará querendo "comprar" a sua paz. Acontece que paz não se compra, se vive no ato realmente solidário, amoroso, e este não pode ser assumido, encarnado, na opressão.²¹²

Esse é o tipo de generosidade que leva algumas pessoas a fazerem um *tour* por favelas, orfanatos e asilos de velhinhos.

²¹¹ Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p.43.

²¹² *Ibid.*, p.143.

Ali se emocionam, levam balinhas, cantam musiquinhas e finalmente retornam aos seus redutos confortáveis, cheios de carinho e afeto. Jamais pensam em levar uma daquelas crianças para suas casas, jamais pensam em ajudar a melhoria da moradia dos favelados, muito menos questionam o sistema que gera todas aquelas mazelas.

Ao falar de falsa generosidade, Freire evoca questões de grande importância para ação política, pastoral e educacional: o paternalismo e assistencialismo. Qual o problema de Freire com o assistencialismo?

Em primeiro lugar, diz Freire, a visão é desviada da verdadeira causa dos problemas. Os pobres são vistos como "...casos individuais, meros "marginalizados", que discrepam da fisionomia geral da sociedade."²¹³ O problema está na estrutura que oprime²¹⁴, no entanto os esforços são concentrados nos indivíduos. É como tentar tratar uma infecção dando remédio apenas para a febre ou a dor, que são os sintomas. Logicamente tratar os sintomas é mais fácil e mais barato²¹⁵ que tratar as causas. O tratamento das causas das misérias e injustiças de nosso país exige muito tempo e sacrifício. Para a maioria é mais fácil repartir cestas básicas que lutar contra a exploração da força de trabalho, o desemprego estrutural ou contra a corrupção no governo disseminada na sociedade.

Em segundo lugar o assistencialismo é uma forma de controle social. Para Freire esse assistencialismo paternalista serve "à conquista" porque engana as massas

²¹³ Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p.60.

²¹⁴ *Ibid.*, p.61.

populares com soluções paliativas, anestésicas, não trata as causas, divide o povo e domestica²¹⁶ e pior, rouba-lhe o que este tem de mais caro, sua responsabilidade²¹⁷.

Será Paulo Freire contra todo tipo de assistência? Claro que não. Ele trabalhou em uma instituição de assistência, o SESI.²¹⁸ Veja o que ele diz sobre essa experiência:

Eu não era, como não sou, contra a assistência que prestávamos, mas contra o *assistencialismo* que anestesia a consciência política de quem recebe a assistência. A assistência é boa, necessária e, em certos momentos, absolutamente indispensável.²¹⁹

Como então prestar assistência sem cair no erro do assistencialismo?²²⁰ Para Freire temos que ajudar as pessoas a ajudarem-se, fazê-las "agentes de sua própria recuperação".²²¹ Propunha aquela regra básica do trabalho social, mas pouco aplicada, " em vez de dar o peixe, ensinar a pescar". Freire queria que o povo se tornasse crítico dos problemas de sua comunidade e a partir daí criassem soluções.

Mas não é só isso, não basta a solução dos problemas imediatos, é preciso ir às causas. Generosidade que cuida apenas dos sintomas é falsa. Aqui o aspecto político aflora com toda sua intensidade

²¹⁵ Esse é um barato que sai caro a médio e longo prazo.

²¹⁶ Paulo FREIRE, *Pedagogia do Oprimido*, p.155.

²¹⁷ IDEM, *Educação e Atualidade Brasileira*, p.16.

²¹⁸ Serviço de Assistência Social da Indústria.

²¹⁹ Paulo FREIRE, *Cartas a Cristina*, p. 129.

²²⁰ Ver os comentários e definições de Evaldo Luis PAULY no artigo "Mãos à obra: porque Deus nos amou: uma reflexão da teologia prática luterana sobre o assistencialismo". Disponível na Internet:

www.est.com.br/publicacoes/estudos_teologicos/vol42001_2002

²²¹ Paulo FREIRE, *Educação e Atualidade Brasileira*, p. 16.

a verdadeira generosidade está em lutar para que desapareçam as razões que alimentam o falso amor. A falsa caridade, da qual decorre a mão estendida do "demitido da vida", medroso e inseguro, esmagado e vencido. Mão estendida e trêmula dos esfarrapados do mundo, dos "condenados da terra". A grande generosidade está em lutar para que, cada vez mais, estas mãos, sejam de homens ou de povos, se estendam menos, em gestos de súplica. Súplica de humildes a poderosos. E, se vão fazendo, cada vez mais, mãos humanas, que trabalhem e transformem o mundo.²²²

Portanto, é preciso trabalhar para transformar as estruturas sociais, de forma que estas permitam a todos e a todas *serem mais*. É preciso ir às causas da opressão. Com isso Freire não está negando o caráter pessoal ou subjetivo da opressão. Isso negaria a relação dialética de seu pensamento e o reduziria a um objetivista. A lógica cartesiana nos leva a discutir se o que precisa ser transformado são as estruturas sociais ou os homens e mulheres como indivíduos. Essa lógica tem sido obstáculo para a libertação.

É fundamental para a estratégia de ação uma compreensão dialética da dinâmica da transformação da situação de dominação. Negar a força que as estruturas sociais exercem sobre os homens e mulheres é um grande erro. Segundo a Bíblia a condição de pobreza pode levar o homem a negar a Deus, como nos diz o sábio no livro de Provérbios:

não me dês nem pobreza nem riqueza; dá-me apenas o alimento necessário. Se não, tendo demais, eu te negaria e te deixaria, e diria: 'Quem é o

²²² Paulo FREIRE, *Pedagogia do Oprimido*, p. 31.

Senhor?' Se eu ficasse pobre, poderia vir a roubar, desonrando assim o nome do meu Deus." ²²³

Por outro lado, se só me preocupo com as estruturas sociais, e me esqueço do homem e da mulher, como 'seres para si' ou 'para outro', como indivíduos, como pessoas, caio no erro do objetivismo. O homem e a mulher possuem uma subjetividade que não pode ser ignorada. Esta subjetividade não se resume à espiritualidade, mas a tem como um de seus principais componentes. Não foi o propósito de Freire aprofundar sua reflexão no campo da teologia ou da espiritualidade. Essa tarefa ele deixou para os teólogos. Com certeza esse é um campo em que a teologia pode contribuir na construção de uma proposta de uma pastoral educadora holística.²²⁴

Quanto à reflexão teológica, o pensamento de Freire sobre generosidade é um convite a retomarmos o debate dos aspectos subjetivos (pessoais/"espirituais") e objetivos (concretos /estruturais/sociais) da salvação. Esse tem sido um problema para a práxis cristã. A ênfase na transformação da realidade, termina muitas vezes reduzindo a salvação à humanização e conseqüentemente à ações apenas voltadas para processos de mudanças de estruturas sócio-econômicas. Trabalhar "subjetividade e objetividade em permanente dialeticidade"²²⁵ como nos desafia Freire não é fácil e constitui-se um grande desafio para teólogos e educadores que pretendem uma análise da realidade mais ampla, que considere não apenas aspectos sócio-econômicos, psicológicos, emocionais, cognitivos, mas

²²³ Pv. 30. 8-9

²²⁴ Comentaremos melhor a esse respeito ao tratarmos o tema "homem novo".

²²⁵ Paulo FREIRE, *Pedagogia do Oprimido*, p.37.

também, espirituais. As palavras de Jesus talvez resumam melhor o que buscamos falar: "...Nem só do pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus" (Mt 4.4).

4.2.3 Auto-compreensão das igrejas de seu papel político e sua postura social

Segundo Freire, as igrejas exercem um papel educativo e, por isso, não podem ser neutras diante da história. Mas, há ainda aqueles e aquelas que pensam que essa neutralidade é possível. A esses e essas Freire classifica em dois grupos: ingênuos e espertos.²²⁶ Ingênuos são os que crêem que de fato existe uma posição neutra. Espertos são os que escondem ou dissimulam sua opção. Para Freire os dois grupos terminam servindo aos interesses dos poderosos e poderosas perpetuando a opressão.

Acrescenta, também, que esses grupos que defendem a neutralidade das igrejas diante dos fatos políticos que regem as nossas sociedades costumam intervir na sociedade com ações anestesiadoras. São ações que não tratam as causas dos problemas, mas apenas seus sintomas. Baseiam-se na crença que mudando os corações dos homens e mulheres, conseqüentemente as estruturas sociais mudam. A visão de mundo desses e dessas tende a separar o espiritual do terrenal, e assim fazendo, terminam numa postura extremamente subjetivista, focando quase que unicamente o espiritual.²²⁷

4.2.4 Mudança de estruturas versus mudança de consciência

É importante esclarecer que quando Freire enfatiza a luta pela mudanças nas estruturas sociais, não o faz em detrimento da mudança das consciências. É preciso mudar também o coração dos homens e mulheres. Freire chama atenção, também, para o "objetivismo mecanicista" que nega o papel da consciência na transformação da sociedade.²²⁸ Por causa desse objetivismo mecanicista muitos cristãos e cristãs deixaram de lado o cultivo de sua espiritualidade e/ou religiosidade para se dedicarem unicamente aos movimentos políticos. Nem só uma coisa nem só a outra. Freire é claro, nem objetivismo nem subjetivismo, mas objetividade e subjetividade em permanente dialeticidade, ou seja, precisamos transformar tanto as estruturas sociais como as consciências dos homens e mulheres. Não há uma primeira ação e uma segunda ação. As duas simultaneamente através da práxis. Ação e reflexão transformadora.

O alerta de Freire de que a consciência não se transforma através de cursos, discursos ou pregações eloqüentes, mas na práxis,²²⁹ nos chama a atenção para o que costumamos chamar no meio cristão de catequese ou discipulado. Os cristãos e cristãs, para que tenham suas consciências (corações) transformadas, precisam enganjar-se ou inserir-se na luta pela libertação sua e dos outros. Nos evangelhos vemos claramente a formação de dois grupos em torno da pessoa de Jesus, os ouvintes (espectadores) e os discípulos (seguidores). No seu sermão do monte, após apresentar grandes desafios para seus

²²⁶ Paulo FREIRE, *Ação cultural para a liberdade*, p.108-109.

²²⁷ IDEM, *Pedagogia do oprimido*, p. 106.

²²⁸ *Ibid.*, p. 108-109.

²²⁹ IDEM, *Ação cultural para a liberdade*, p.109.

ouvintes, termina conclamando-os para serem praticantes e não apenas ouvintes de suas palavras (Mt. 7.24-28). Exemplifica sua instrução de duas formas: aquele e aquela que apenas ouve sua palavra e não pratica é semelhante a uma casa construída sobre a areia, não resiste por muito tempo; aquele e aquela que ouve e pratica é semelhante a uma casa construída sobre a rocha, permanece.

Desse modo vemos nos evangelhos a mesma preocupação de Freire, ir além das palavras, do entendimento subjetivo, associar à reflexão a ação transformadora.

4.3 Testemunho

Na ação antidialógica, a manipulação serve à conquista, na dialógica, o testemunho, ousado e amoroso, serve à organização".²³⁰

Freire propõe em oposição às ações manipuladoras e antidialógicas dos dominadores a organização das massas populares.²³¹ Para alcançá-la os líderes são convocados a testemunhar. O testemunho é colocado em oposição à manipulação.²³² É o testemunho de amor e ousadia, de simpatia, de humildade, que desafia os liderados e lideradas a engajarem-se na luta.

O tipo de testemunho que será dado depende da condição histórica, da necessidade do momento. No entanto Freire aponta alguns elementos que não variam historicamente: coerência,

²³⁰ Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 176.

²³¹ *Ibid.*, p.175.

²³² *Ibid.*, p.176.

ousadia, radicalização, valentia de amar, crença no povo.²³³ Serão os gestos e atitudes dos líderes que animarão as massas populares à organização. Não há lugar para ordens, para autoritarismo. O objetivo não é a conquista das massas, mas sua libertação que primeiro depende de sua organização.

Diz Freire:

Daí que não possa a liderança dizer sua palavra sozinha, mas com o povo. A liderança que assim não proceda, que insista em impor sua palavra de ordem, não organiza, manipula o povo. Não liberta, nem se liberta, oprime.²³⁴

O testemunho exige coerência. Não podemos dizer uma coisa e fazer outra. Essa temática vai ocupar Freire em outras obras. Em obra mais recente, preocupado com a situação política brasileira após graves escândalos envolvendo altas autoridades do governo, situação inclusive que provocou o primeiro *impeachment* de um presidente brasileiro, Freire comenta:

Mais uma vez, na história brasileira, é urgente o testemunho da pureza contra a desfaçatez do moralismo, o testemunho da translúcida seriedade contra o descaramento da sem-vergonhice. Para preservar a esperança, é preciso que se identifiquem também como exemplo de deteriorização, o desrespeito às classes populares, os salários indecentes dos professores do ensino básico, o desrespeito à coisa pública, os descabros do mundo oficial, o desemprego, a miséria, a fome.²³⁵

²³³ Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p.175-176.

²³⁴ *Ibid.*, p. 177.

²³⁵ IDEM, *À sombra desta mangueira*, p. 87.

Em outra obra,²³⁶ Freire se ocupa bastante da temática testemunho. Nesta obra preocupa-se com a postura ética e com seu impacto na atividade pedagógica. Freire mostra preocupação com a autenticidade, com a decência, com a formação moral, com a pureza, com o exemplo que o professor dá na sala de aula. No entanto, deixa claro que essas práticas devem ser originadas do pensar certo e não de um puritanismo rigorosamente ético.²³⁷

Essa preocupação com o testemunho chama-nos a atenção para o que podemos chamar de "pedagogia das ações informais" ou o que a pedagogia crítica chamará de currículo oculto.²³⁸ É a preocupação com o fato de que o professor ou professora ensina não apenas o conteúdo oficial, mas também transmite ou ensina um conteúdo oculto manifesto na forma, ou seja, seu modo de se relacionar com os educandos e educandas, o método de avaliação e etc.

Diz Freire:

ÀS vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor [...] este saber, o da importância desses gestos que se multiplicam diariamente nas tramas do espaço escolar, é algo sobre que teríamos de refletir seriamente. É uma pena que o caráter socializante da escola, o que há de informal na experiência que se vive nela, de formação ou deformação, seja negligenciado. [...] variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação. Há uma natureza testemunhal nos espaços tão lamentavelmente relegados nas escolas.²³⁹

²³⁶ Paulo FREIRE, *Pedagogia da autonomia*.

²³⁷ *Ibid.*, p.30-31.

²³⁸ Henry A. GIROUX. *Os professores como intelectuais*, .p. 55-77.

²³⁹ Paulo FREIRE, *Pedagogia da autonomia*, p. 47.

4.3.1 O testemunho na perspectiva bíblico-teológica

Os escritos do Novo Testamento associam o testemunho da palavra com o testemunho da presença cristã na sociedade.²⁴⁰ Aos cristãos e cristãs era claro o desafio de manter uma conduta exemplar na sociedade.

Vivam entre os pagãos de maneira exemplar para que, mesmo que eles os acusem de praticar o mal, observem as boas obras que vocês praticam e glorifiquem a Deus no dia da sua intervenção (1Pe.2.12).

O apóstolo Paulo desafia a igreja a seguir seu exemplo, imitando sua conduta (Fl.3.17; 2 Ts.3.7), bem como pede aos futuros líderes que sejam exemplos dignos de serem seguidos (1 Tm.4.12; Tt.2.7). O testemunho da presença na sociedade era a todos requerido.

Do ponto de vista teológico o testemunho maior a ser seguido era o do próprio Cristo. Ele é o exemplo de entrega, de abnegação. Seus seguidores deveriam ser seus imitadores, deveriam observar seu modo de agir e fazer o mesmo (1 Co.11.1). No mundo, a tarefa de seus seguidores deveria ser dar testemunho, o que consistia não apenas em anunciar uma mensagem, mas de vivê-la na radicalidade de seus desafios.

CAPÍTULO 5

ESPERANÇA, A PALAVRA, IMERSÃO, EMERSÃO E INSERÇÃO

5.1. Esperança

Não existe, tampouco, diálogo sem esperança. A esperança está na própria essência da imperfeição dos homens, levando-os a uma eterna busca [...] Não é, porém, a esperança um cruzar de braços e esperar. Movo-me na esperança enquanto luto com esperança, espero.²⁴¹

A esperança para Freire é o que move a luta. Mais uma vez, nitidamente inspirado pelo texto bíblico, faz uso da tríade paulina de fé, esperança e amor (cf. 1 Cor.13.13). Acrescenta às três virtudes, a humildade e o pensar crítico e os considera elementos fundantes do diálogo.²⁴²

A esperança é condição objetiva e subjetiva para o processo de libertação. Objetiva porque não se limita a apenas esperar. A esperança anuncia, cria expectativas, desafia, ensaia novas formas de convivência, faz sonhar. Também porque espera coisas melhores, percebe o mal e o denuncia.

Como condição subjetiva, a esperança é sentimento que gera a paciência, sem a qual desistiríamos rápido da luta; se contrapõe ao desespero, ao desânimo, às situações limites que

²⁴⁰ Leonhard GOPPELT, *Teologia do Novo Testamento*, p.414.

²⁴¹ Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p.82.

²⁴² *Ibid.*, p. 79-83.

insistem em impedir nossos vôos, como nos fala Mário Quintana em seu poema intitulado "Esperança":

Lá bem no alto do décimo segundo andar do ano
 Vive uma louca chamada Esperança
 E ela pensa que quando todas as sirenas
 Todas as buzinas
 Todos os reco-recos tocarem
 Atira-se
 E
 - ó delicioso vôo!
 Ela será encontrada miraculosamente incólume na
 calçada,
 Outra vez criança...
 E em torno dela indagará o povo:
 - Como é teu nome, meninazinha de olhos verdes?
 E ela lhes dirá
 (É preciso dizer-lhe tudo de novo!)
 Ela lhes dirá bem devagarinho, para que não
 esqueçam:
 - O meu nome é ES-PE-RAN-ÇA...²⁴³

Precisamos alçar vôos e a esperança tem esse poder. Daí que em sua releitura da *Pedagogia do Oprimido*, Freire chama sua pedagogia de "Pedagogia da Esperança" e fala da necessidade de "certa educação da esperança".²⁴⁴ Pois, esperança não é cruzar os braços, pois assim geraria o seu contrário, o desespero e a acomodação. Tanto o desespero como a acomodação imobilizam, silenciam, desumanizam o ser humano.

De que consistiria essa educação da esperança? Para Freire seria uma educação que buscaria as possibilidades de mudanças

²⁴³ Mário QUINTANA, *Nova antologia poética*, p.118.

²⁴⁴ Paulo FREIRE, *Pedagogia da esperança*, p.11.

através uma análise política séria e correta. Seria uma educação que combatesse o imobilismo, a acomodação.

Uma educação assim demandaria educadores e educadoras esperançosos. O Problema é que muitos profissionais da educação, devido aos seus baixos salários e condições ruins de trabalho, há muito perderam suas esperanças. Resgatar a esperança dos educadores e educadoras constitui, assim, o primeiro passo para uma educação mais esperançosa e mais combativa. É preciso, portanto, que os educadores e educadoras lembrem que a esperança, como a libertação, não é algo que se recebe, mas se conquista e se conquista no embate, na luta.

5.1.1 A esperança como tema bíblico-teológico

O debate teológico acerca do tema esperança foi contemporâneo à elaboração da Pedagogia do Oprimido. Uma corrente teológica inteira se formou a partir dessa temática e veio a chamar-se "Teologia da Esperança" ou "Teologia Futurista".²⁴⁵ Grandes nomes se somaram a esta corrente: Jürgen Moltmann, Wolfhart Pannenberg, Johannes Metz, Edward Schillebeeckx, e no Brasil, Rubem Alves.

A obra ícone desse movimento é do teólogo alemão Jürgen Moltmann intitulada *Theologie der Hoffnung* (Teologia da esperança).²⁴⁶ Nesta obra Moltmann interpreta a figura de Cristo em termos escatológicos. A escatologia passa a ser a chave hermenêutica para a teologia, a história é vista como palco da realização das promessas de Deus, o futuro deve ser

²⁴⁵ David P. SCAER, *A Teologia da Esperança*. In: Stanley GUNDRY, *Teologia Contemporânea*, p.154.

²⁴⁶ Jürgen MOLTMANN, *Teologia da esperança*.

esperado com otimismo e é tarefa principal da igreja construí-lo intervindo na sociedade.

A questão é: como despertar a sociedade para essa intervenção? E que futuro é esse? Rubem Alves aponta alguns problemas na teologia de Moltmann.²⁴⁷ Para Alves, Moltmann ao afirmar que é a palavra da promessa que desperta o homem e a mulher da opressão (estado que Freire chama de imersão), nega o caráter histórico da esperança e se põe em aguda oposição à consciência do humanismo político na qual a esperança nasce da negação da dor, do sofrimento, da opressão²⁴⁸ e ignora a experiência histórica dos movimentos libertadores puramente seculares.²⁴⁹ Alves não chega a negar a importância da palavra de Deus como fator de esperança e libertação, mas rejeita absolutamente a idéia de que esta seja o "*primum movens* que arrastra a la historia".²⁵⁰

Alves afirma:

Además, no es verdad la afirmación de que no hay historia donde no existe predicación de la palabra. En efecto, nuestra experiencia histórica hoy es precisamente lo contrario. Muchos de los movimientos que hoy ostentan el más profundo interés por la creación de un nuevo mañana para el hombre, y que han afrontado los mayores riesgos que representa esta aventura, operan dentro de los límites de una ejecutoria puramente secular y humanista de la situación²⁵¹

²⁴⁷ Rubem A ALVES, *Cristianismo, opio o liberación?*.

²⁴⁸ *Ibid.*, p. 101-104.

²⁴⁹ *Ibid.*, p. 111.

²⁵⁰ *Ibid.*, p.111.

²⁵¹ *Ibid.*, p.111.

A crítica de Alves ao posicionamento de Moltmann quanto ao papel da Palavra de Deus na história possui pelo menos dois problemas. Primeiramente, Alves não apresenta quais movimentos "puramente seculares" são esses. É muito difícil sustentar que um movimento social desenvolvido em um contexto cristão seja puramente secular, sem nenhuma influência ou inspiração cristã. Até em nações não cristãs, onde a Palavra de Deus é desconhecida ou relegada, encontramos movimentos sociais libertadores de inspiração religiosa, portanto, não são "puramente seculares".

O segundo problema da crítica de Alves é em relação ao papel da pregação na história. Moltmann aposta em um novo conceito de história, onde história significa "a realidade em sua totalidade".²⁵² A questão não é que não haja história onde não há pregação, mas o sentido de totalidade que a Palavra da promessa pode oferecer.

Ao contrário de Alves, concordamos com Moltmann na primazia da proclamação da palavra de Deus como aquilo que movimenta e faz a história e também por considerá-la como condição básica para despertar a esperança e a inserção do homem e da mulher na luta pela libertação. Libertação que, como observa Gutiérrez, não é apenas política, mas que envolve todas as dimensões da pessoa humana, inclusive a espiritual.²⁵³

Outrossim, notamos nos argumentos de Alves, mesmo com seu esforço na busca uma nova linguagem da fé,²⁵⁴ uma redução no conteúdo da fé evangélica. Ao afirmar o caráter absolutamente

²⁵² Jürgen MOLTSMANN, *Teologia da esperança.*, p.95.

²⁵³ Gustavo GUTIÉRREZ, *Teologia da libertação*, p.95-96.

²⁵⁴ *Ibid.*, p. 114-122.

histórico da linguagem da fé,²⁵⁵ esvazia a escatologia cristã de seus elementos meta-históricos.

Concordamos como Libâneo e Bingemer que "a escatologia clássica descuidava a trama do jogo, para lembrar ao homem continuamente a importância única, decisiva do final do jogo".²⁵⁶ No entanto, da mesma forma que é importante cuidar da "trama do jogo", não podemos deixar de vislumbrar o seu final. A proclamação cristã que não anuncia os acontecimentos futuros da meta-história (novos céus, nova terra, inferno, etc.), ignora parte essencial da mensagem do evangelho.

Como observa Kümmel

não se pode ignorar que a simultaneidade da fé na presença da salvação divina pelo envio de Jesus, e da expectativa da plenitude da salvação por ocasião da vinda de Jesus Cristo em glória é constitutiva para essas testemunhas principais da teologia neotestamentária.²⁵⁷

Essa expectativa de plenitude de salvação com a vinda de Cristo, que fala Kümmel, pode ser alienadora para alguns, como bem criticaram os teólogos da libertação, mas pode também ser modeladora de atitudes presentes como observara Moltmann.²⁵⁸

Freire parece construir seu conceito de esperança, tanto no humanismo político, como na Palavra de Deus. Suas reflexões sobre a esperança fazem uso de reminiscências de textos bíblicos: "Movo-me na esperança enquanto luto com esperança,

²⁵⁵ Gustavo GUTIÉRREZ, *Teologia da libertação*, p.242.

²⁵⁶ João B LIBÂNIO, Maria Clara L BINGEMER, *Escatologia cristã*, p. 32.

²⁵⁷ Werner Georg KÜMMEL, *Síntese teológica do Novo Testamento de acordo com as testemunhas*, p.399.

²⁵⁸ Jürgen MOLTSMANN, *Teologia da esperança*, p.389.

espero".²⁵⁹ Jogo de palavras semelhante ao do apóstolo Paulo, quando diz:

Pois nessa esperança fomos salvos. Mas, esperança que se vê não é esperança. Quem espera aquilo que está vendo? Mas se esperamos o que ainda não vemos, aguardamo-lo pacientemente.²⁶⁰

O fato de Freire evocar reminiscências de textos bíblicos, não significa que ele creia como Moltmann que a Palavra de Deus é *primum movens* que arrastra a la historia". Freire parece compartilhar a visão do humanismo político que acredita que o ser humano está capacitado para identificar o que é desumano e rechaçá-lo. Segundo ele, o que faz surgir a esperança é uma educação problematizadora, que traga à luz as contradições, em suma, um processo educativo que faça emergir o oprimido e oprimida de seu estado de imersão de consciência e que os envolva em ações concretas de libertação.

Por outro lado, a fé cristã de Freire também dá sua contribuição para sua concepção de esperança. Em obra posterior à *Pedagogia do Oprimido*, Freire afirma: "Sem um vislumbre de amanhã, é impossível esperança".²⁶¹ Mais adiante, também coloca a sua fé cristã como base e sustentação de sua luta.²⁶²

Freire carrega e experimenta em sua própria vida e experiência a síntese da perspectiva humanista política e da teologia da esperança de Moltmann. Em Freire, vemos não só a importância de ações concretas que desvelem a dor e a

²⁵⁹ Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p.82.

²⁶⁰ Romanos 8.24-25.

²⁶¹ Paulo FREIRE, *À Sombra da mangueira*, p. 31.

²⁶² *Ibid.*, p. 85.

opressão, mas também a importância de uma palavra que anuncia promessas, que nos faz vislumbrar um amanhã onde reinem justiça, paz e equidade.

5.2 A Palavra

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que homens transformam o mundo. Existir humanamente, é *pronunciar* o mundo, é modificá-lo. O mundo *pronunciado*, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos *pronunciantes*, a exigir deles novo *pronunciar*.²⁶³

A palavra é uma das categorias centrais da Pedagogia do Oprimido. A palavra é criadora não é apenas um código. Segundo o teólogo alemão Brandt, citado por Wachs,²⁶⁴ a compreensão freireana de palavra é semelhante à concepção bíblica de *dabar*. É a palavra que cria, transforma, revela e redime.

Para Freire, o direito de dizer a sua palavra é que humaniza o homem e a mulher. Ao pronunciarem o mundo, o transformam e o recriam, pois o processo de "dizer", de "nomear", exige deles e delas criatividade, posicionamento, compromisso.

Esse conceito da palavra apresentado por Freire encontra suas raízes na tradição judaico-cristã. Observa Goppelt ao comentar o prólogo do evangelho de João:

²⁶³ Paulo FREIRE, *À Sombra da mangueira*, p. 78.

²⁶⁴ Manfredo Carlos WACHS, *Teologia e pedagogia num pensar conjunto*, p.134.

A primeira frase do prólogo (1.1) já faz lembrar a maneira do AT falar da Palavra de Deus que criou os céus e a terra. [...] Em todo o mundo antigo, apenas o AT conhece a Palavra que, como dito no v.3, cria o mundo e a História e que, simultaneamente se dirige a homens como palavra de homens (v.14). É somente no AT que se encontra, no mundo antigo, uma palavra que é dita pelos profetas como palavra humana, mas que não apenas anuncia História, e sim também a forma (Is.55,10).²⁶⁵

Seguindo essa tradição veterotestamentária, Freire entende que a Palavra que cria e transforma não é qualquer palavra. A palavra criadora, que realiza, que faz história é a palavra verdadeira. Mas então, qual é a palavra falsa? Para Freire a palavra falsa é aquela que dicotomiza ação e reflexão. A palavra verdadeira se constitui dialeticamente de ação e reflexão. Palavra sem reflexão gera ativismo, palavra sem ação se constitui em "Palavreria, verbalismo, blablablá".²⁶⁶

O tema "Palavra" evoca seu contrário: o silêncio. Numa relação humana a ausência da palavra, do diálogo, denuncia outra ausência, a da liberdade. Liberdade que é condição essencial para humanização.

É de se estranhar que na escola e na igreja o silêncio tem sido mais valorizado que a palavra. Palavras de ordem castram a criatividade e anestesiaram as mentes infantis e adolescentes de educandos e educandas. É preciso fazer silêncio para ouvir aqueles e aquelas que crêem ter a "última palavra".

²⁶⁵ Leonhard GOPPELT, *Teologia do Novo Testamento*, p.518.

²⁶⁶ Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p.78.

5.2.1 A palavra como tema bíblico-teológico

Nas narrativas bíblicas que tratam da origem da humanidade no livro de Gênesis vemos Deus entregando ao ser humano o direito de "nomear", de pronunciar o mundo, de dizer sua palavra.

Depois que formou da terra todos os animais do campo e todas as aves do céu, o Senhor Deus os trouxe ao homem para ver como este lhes chamaria; e o nome que o homem desse a cada ser vivo, esse seria o seu nome (Gn.2.19).

Comentando o texto acima (Gn.2.19), André Chouraqui observa

Uma vez mais, notamos o valor original da palavra; mais do que um meio de comunicação, ela tem o poder de desvendar e de transformar o mundo; a grade de compreensão do homem deve corresponder ao código criador.²⁶⁷

Portanto, a importância para o ser humano do direito de dizer a sua palavra não se deve a uma questão pedagógica, política ou religiosa, mas se radica na própria origem de seu ser. Pronunciar-se é uma necessidade existencial. Na perspectiva Teológica pronunciar o mundo é obedecer o mandato do Criador, é cumprir a vocação de parceiro de Deus na criação, que na linguagem freireana é cumprir a vocação ontológica de ser mais.

²⁶⁷ André CHOURAQUI, *A Bíblia*, p.53.

5.3. Imersão, emersão e inserção

Assim é que, enquanto a prática bancária, como enfatizamos, implica uma espécie de anestesia, inibindo o poder criador dos educandos, a educação problematizadora, de caráter autenticamente reflexivo, implica um constante ato de desvelamento da realidade. A primeira pretende manter a imersão; a segunda, pelo contrário, busca a emersão das consciências, de que resulte sua inserção na realidade.²⁶⁸

Estas três palavras temas possuem uma relação intrínseca entre si. A imersão e a emersão representam dois estados ou níveis de consciência política. No estado de imersão os oprimidos e oprimidas não são capazes de perceber claramente a opressão a que estão submetidos. Por isso, atribuem a causa de seus sofrimentos ao seu próprio fracasso ou ao destino. O fatalismo rege a visão de mundo que, na maioria das vezes, se nutre pela via religiosa de uma falsa visão de Deus. Nesse nível de consciência oprimidos e oprimidas experimentam sentimentos contraditórios de rejeição e desejo. Rejeitam a si mesmos (autodesvalia)²⁶⁹ e aos seus pares e desejam ser como o opressor ou opressora (aderência).²⁷⁰

A emersão é o processo desencadeado pela práxis que é ação e reflexão sobre o mundo na busca por transformá-lo.²⁷¹ Como parte desse processo, é imprescindível a inserção que é ação, engajamento. A inserção na realidade é o que torna possível apreendê-la, captá-la e, conseqüentemente, transformá-la. Sem essa inserção capta-se uma realidade fictícia, geralmente constituída de situações limites intransponíveis. Na luta pela

²⁶⁸ Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 70.

²⁶⁹ *Ibid.*, p. 50.

²⁷⁰ *Ibid.*, p. 32.

²⁷¹ *Ibid.*, p.38.

libertação, oprimidas e oprimidas descobrem seu valor e em meio as situações limites descobrem possibilidades de superação (Inédito viável).

A inserção é engajamento, é adesão crítica à causa libertadora. Quando a adesão não é crítica, a ação se transforma em puro ativismo e o oprimido e oprimida caem no erro do sectarismo. A sectarização, diz Freire, é "mítica e irracional",²⁷² faz de um revolucionário um reacionário. Por isso a ação libertadora não pode abrir mão da reflexão e a inserção deve ser crítica.

5.3.1 Imersão, emersão e inserção numa perspectiva bíblico-teológica

A reflexão de Freire sobre esses dois estados de consciência política pode contribuir muito para uma teologia da conversão. Os termos imersão e emersão encontram seus pares análogos no processo que a igreja costuma chamar de discipulado.

Freire descreve a consciência imersa semelhante ao que o Novo Testamento diz do estado espiritual do não convertido. Apresenta-o como um estado de total alienação, de ignorância (At.3.17, 17.30; Ef.4.18; 1 Tm.1.13). Se aproxima do NT Também ao descrever o oprimido e oprimida como "seres duais, contraditórios, divididos",²⁷³ como o descreve o apóstolo Paulo

Não entendo o que faço. Pois não faço o que desejo, mas o que odeio. E, se faço o que não desejo, admito que a Lei é boa. Neste caso, não sou mais eu quem o faz, mas o pecado que habita em mim. Sei que

²⁷² Paulo FREIRE, *Pedagogia do Oprimido*, p.25.

²⁷³ *Ibid.*, p.42.

nada de bom habita em mim, isto é, em minha carne. Porque tenho o desejo de fazer o que é bom, mas não consigo realizá-lo. Pois o que faço não é o bem que desejo, mas o mal que não quero fazer, esse eu continuo fazendo. Ora, se faço o que não quero, já não sou eu quem o faz, mas o pecado que habita em mim. Assim, encontro esta lei que atua em mim: Quando quero fazer o bem, o mal está junto a mim. No íntimo do meu ser tenho prazer na Lei de Deus; mas vejo outra lei atuando nos membros do meu corpo, guerreando contra a lei da minha mente, tornando-me prisioneiro da lei do pecado que atua em meus membros (Rm. 7.14-23).

Para emergir desse estado de opressão (conversão), Freire considera essencial a inserção crítica e desse modo contribui para um repensar das práticas evangelizadoras das igrejas cristãs. Práticas bancárias de catequese ou discipulado só produzem acomodação. Os oprimidos e oprimidas precisam engajar-se na luta por sua libertação. Esse engajamento, que é adesão voluntária, depende do desvelamento da opressão. Se isto não ocorre, a realidade que estes e estas reconhecem pode ser fictícia como nos retrata Platão no seu "Mito da caverna". É preciso ir ao encontro do mundo, admirá-lo, descodificá-lo ou então contentar-se com apenas sombras da realidade.

O processo cristão de conversão religiosa, que seria a emersão de um estado de ignorância espiritual, seguiria o mesmo processo de conscientização política? A resposta não é simples. Conversão religiosa é algo que exige fé, portanto precisamos para nos aproximarmos da questão levantada, refletir sobre a gênese da fé. Sobre esse tema Goppelt comenta

O problema da gênese da fé se constitui no seguinte: como pode Paulo afirmar que a fé é, ao mesmo tempo, obra de Deus e atitude responsável do homem.[...] Paulo tem um só modo de

caracterizar seu próprio caminho à fé: o modo dialético. Não pode dizer que se tenha decidido a crer. Todavia também não pode afirmar que Deus o tenha coagido à fé.[...] ²⁷⁴

Segundo Goppelt, o pensamento do apóstolo Paulo sobre a gênese da fé é dialético. Nesse ponto o modo de pensar de Paulo Freire e Paulo, o apóstolo, se encontram. Ambos fazem uso do pensamento dialético. Por isso é possível pensar acerca da fé e da emersão tanto como ação do oprimido e da oprimida, bem como com incidência de uma ação externa a estes.

No caso da conversão religiosa a ação é tanto da pessoa humana (Jo.3.36; Rm.10.9, 13), dos que anunciam a salvação (Rm.10.14), como do Deus que salva (Ef.2.8; Jo.15.16). De qualquer forma, a teologia concorda com Freire: Ninguém se salva sozinho.

A inserção crítica na realidade também tem seu paralelo na experiência cristã. O chamado ao discipulado, como observa o missiólogo David Bosh, é um chamado à inserção crítica na realidade:

Para muitos, portanto, ser discipula significa vivenciar os ensinamentos de Jesus, que o evangelista registrou detalhadamente em seu evangelho. É impensável divorciar a vida cristã de amor e justiça de ser discípulo. O discipulado implica em compromisso com o reinado de Deus, com justiça e o amor e com a vontade de Deus. A missão não é reduzida a uma atividade de transformar indivíduos em novas criaturas, de proporcionar-lhes uma "certeza abençoada" haja o que houver, eles serão "salvos eternamente". A missão implica, desde o início e como algo natural, tornar os crentes sensíveis às necessidades de outras pessoas,

²⁷⁴ Leonhard GOPPELT, *Teologia do Novo Testamento*, p. 371, 373.

abrindo seus olhos e corações para reconhecer a injustiça, o sofrimento, a opressão e o apuro daqueles que caíram à beira da estrada.²⁷⁵

A participação dos oprimidos e oprimidas na ação libertadora (sua e dos outros) se radica na própria essência do ser humano. Este tem por vocação ontológica ser sujeito. Toda a ação que o torne objeto, rouba-lhe sua humanidade. Sendo assim, a ação que quer ser libertadora, logo humanizadora, deve convocar à colaboração.

A mensagem dos evangelhos é justamente a convocação para mulheres e homens se juntarem a Deus na obra de redenção da humanidade (Mt. 4.19; 28.19; Jo. 20.21). Ao realizar suas curas milagrosas Jesus sempre procurava envolver aqueles e aquelas que eram agraciados. Ao leproso que fora curado, pede que testemunhasse indo apresentar-se ao sacerdote como uma oferta (Mt.8.3,4). Cura um paralisado por reconhecer o esforço de um grupo de homens que, para que o curasse, o descem de um terraço numa maca (Lc.5.18-25). Uma mulher é curada de uma grave enfermidade, porque lhe ousa tocar (Mt.9.20-22). O chamado a fé era sempre um meio de envolver homens e mulheres na ação de Deus. Por isso, mais adiante o apóstolo Paulo vai referir-se aos cristãos como cooperadores de Deus (1 Cor.3.9).

Nessa perspectiva, a senda da conversão e do discipulado é a participação, que para não se tornar ativismo, deve ser acompanhada de reflexão crítica. Parece óbvio, mas não é. Tanto no meio escolar, quanto no religioso, a passividade dos discípulos e discipulas tem sido a prática mais comum; passividade tanto na ação como na reflexão. Discípulos e

²⁷⁵ David J BOSCH, *Missão Transformadora*, p.110.

discípulas, educandos e educandas, transformados em platéia, em simples espectadores, ouvintes, ao invés de agentes transformadores. Como libertar negando ao oprimido e a oprimida sua condição de sujeito?

CAPÍTULO 6
HOMEM NOVO, FÉ/CRENÇA, DEUS, MUNDO

6.1. Homem novo

O "homem novo" [...] homem a nascer da superação da contradição, com a transformação da velha situação concreta opressora, que cede lugar a uma nova, de libertação.²⁷⁶

A linguagem de Freire aqui é essencialmente bíblica e teológica. Até mesmo para o processo que faz surgir esse homem novo Freire usa uma metáfora bíblica, a de um parto.

FREIRE	TEXTO BÍBLICO
"A libertação, por isto, é um parto. É um parto doloroso. O homem que nasce desse parto é um homem novo... (Pedagogia do Oprimido, p.35)	"Meus filhos, novamente estou sofrendo dores de parto por sua causa, até que Cristo seja formado em vocês" (Gl.4.19).

Ambos, Paulo Freire e o escritor bíblico, estão em busca de um novo tipo de humanidade. Mas, o que há de comum entre os dois além do objetivo? Tanto Freire como o escritor bíblico (Apóstolo Paulo) entendem que não é possível surgir um ser humano novo enquanto este não decida romper com o jugo que o escraviza. É a luta pela libertação que desencadeia o processo (parto) do surgimento desse novo ser.

²⁷⁶ Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p.33.

Foi para a liberdade que Cristo nos libertou. Portanto, permaneçam firmes e não se deixem submeter novamente a um jugo de escravidão (Gl.5.1).

Essa questão de submissão a um novo jugo de escravidão é também a preocupação de Freire. Isso pode acontecer quando o projeto de libertação é inspirado no testemunho dos opressores.

Para eles, o novo homem são eles mesmos, tornando-se opressores dos outros. A sua visão do homem novo é uma visão individualista. A sua aderência ao opressor não lhes possibilita a consciência de si como pessoa, nem a consciência de classe oprimida.²⁷⁷

6.1.1 De uma perspectiva individualista para uma perspectiva comunitária

Para romper com esse ciclo vicioso de reprodução do opressor, Freire entende que o oprimido e a oprimida devem superar uma visão individualista do processo libertador e abandonar toda prescrição. Vai ser no diálogo, na convivência autêntica, na busca por superação da situação opressora que estes construirão esse novo projeto de humanidade. Freire não apresenta esse projeto, pois se o fizesse cairia no erro que ele mesmo denunciara, a prescrição.

A necessidade da superação de uma visão individualista se dá, segundo Freire, devido ao problema da opressão não ser apenas subjetiva mas também objetiva. Há uma estrutura social que oprime e perpetua a opressão. Essa estrutura precisa ser modificada. Por isso, só os oprimidos e oprimidas unidos como classe serão capazes de transformá-la.

6.1.2 O papel da religiosidade na construção de uma nova humanidade

Não está explícito na Pedagogia do Oprimido o rol que a religião cumprirá na construção desse projeto de nova humanidade. Em um texto escrito em 1971 e publicado em 1973 por Study Encouter Genebra, sob o título "Education, Liberatin and the Church" e que temos em português com o título "O papel educativo das igrejas na América Latina",²⁷⁸ vemos Freire mais dedicado ao tema e assim apresenta sua visão de forma bem explícita.

Segundo Freire, as igrejas exercem um papel educativo, logo político, por isso não podem ser neutras. Critica a postura das igrejas que ele denomina de tradicionalistas e modernizantes por suas posturas comodistas ou no máximo reformadoras. Acusa-as de oferecerem anestésicos. Propõe que as igrejas sejam proféticas, comprometidas com mudanças radicais.

Freire reconhece o peso das crenças religiosas na constituição da visão de mundo do povo²⁷⁹, daí sua preocupação com a postura das igrejas. Para ele a liderança precisa esforçar-se em conhecê-las para evitar erros e equívocos. Freire estava certo, pois o conhecimento das crenças religiosas está sendo subestimado, relegado e alvo de desconfiança não só pelas lideranças dos movimentos populares e políticos, mas também pelos educadores e educadoras. Essa área do conhecimento, que se dedica ao Ensino Religioso, precisa maior atenção.

²⁷⁷ Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p.33.

²⁷⁸ IDEM, *Ação cultural para a liberdade*.

²⁷⁹ *Ibid.*, p. 182.

Para esse projeto de homem e mulher novos, principalmente para nós, submersos por uma onda neoliberal, que tenta nos convencer que as coisas não poderiam ser diferentes, ouvir outras vozes, divisar outras utopias, torna-se uma necessidade fundamental. Essa reserva de possibilidades está disponível nas igrejas, nos livros religiosos, e no caso de um contexto escolar, mediatizado através do Ensino Religioso.

6.2 Fé / crença

Muitos erros e equívocos comete a liderança ao não levar em conta esta coisa tão real, que é a visão do mundo que o povo tenha ou esteja tendo. Visão do mundo em que se vão encontrar explícitos e implícitos os seus anseios, as suas dúvidas, a sua esperança, a sua forma de ver a liderança, a sua percepção de si mesmo e do opressor, as suas crenças religiosas, quase sempre sincréticas, o seu fatalismo, a sua reação rebelde. E tudo isso, como já afirmamos, não pode ser encarado separadamente, porque, em interação, se encontra compondo a realidade.²⁸⁰

Na Pedagogia do Oprimido a categoria fé ou crença tem tanto uma conotação antropológica quanto teológica. Freire fala de fé em Deus, mas muito mais de fé nos homens e mulheres, crença nas massas populares.²⁸¹ Isso não significa que a fé ou crença religiosa não tenha sua importância. Freire orienta a liderança revolucionária a considerar a crença

²⁸⁰ Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p.182.

²⁸¹ *Ibid.*, p. 176.

religiosa como parte constitutiva da visão de mundo de seus liderados, não considerá-la pode conduzir a grandes erros.²⁸²

6.2.1 Fé nos homens e mulheres

É preciso ter fé no povo. Só a partir da confiança se estabelece o diálogo: "como posso dialogar se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro, nunca em mim?".²⁸³ A falta de confiança no povo substitui o diálogo pela prescrição, faz do povo objeto da nossa ação e não sujeito. A fé aposta no engajamento, na adesão voluntária e crítica.

Freire observa que a confiança no povo ajuda a vencer a autodesvalia. A estratégia dos opressores e opressoras é inculcar na mente de seus subordinados e subordinadas uma visão de ser menos, fazendo-os pensar que são incompetentes, indolentes, preguiçosos, indecentes. Enquanto enfatizam a fraqueza do povo, constroem em torno de si mesmos e de si mesmas uma imagem mítica de perfeição, infalibilidade e respeito.

A fé dos oprimidos e oprimidas em si mesmos depende do desvelamento dessas falsas imagens tanto de si mesmos, quanto dos opressores e opressoras. Será através da reflexão crítica, da ação e do diálogo que esses mitos serão destruídos. Nem total fraqueza, nem total perfeição, mas homens e mulheres como seres inacabados, em processo de construção.

²⁸² Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p.182.

6.2.2 A fé religiosa/fé em Deus

As crenças religiosas, reconhece Freire, podem ser libertadoras ou opressoras. São opressoras quando são de caráter mágico e mítico, mantendo os oprimidos e oprimidas "ligados ao mundo de opressão".²⁸⁴ Esse tipo de crença religiosa é responsável por posturas fatalistas, como nos explica Freire:

Quase sempre este fatalismo está referido ao poder do destino ou da sina ou do fado - potências irremovíveis - ou a uma distorcida visão de Deus. Dentro do mundo mágico ou místico em que se encontra a consciência oprimida, sobretudo camponesa, quase imersa na natureza, encontra no sofrimento, produto da exploração em que está, a vontade de Deus, como se Ele fosse o fazedor desta "desordem organizada".²⁸⁵

Romper com essa postura fatalista, construída a partir de uma falsa visão de Deus, é tarefa que demanda diálogo. Teólogos, teólogas e povo precisam problematizar, por exemplo, à luz da Palavra de Deus, a situação da morte de um adolescente ou jovem no tiroteio dentro de uma favela para saber se isso aconteceu porque "chegou sua hora" ou porque "Deus quis assim". Estas como muitas outras situações existenciais precisam ser confrontadas, discutidas, se possível, com o próprio discurso religioso.

6.2.3 a relação entre fé no ser humano e fé em Deus

Haverá alguma relação entre fé nos homens e mulheres e fé em Deus? Para Gutiérrez é preciso uma "mediação humana para

²⁸³ Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p.80.

²⁸⁴ *Ibid*, p. 174.

²⁸⁵ *Ibid.*, p. 49.

chegar a Deus".²⁸⁶ Então a fé nos homens e mulheres torna-se condição favorável para se ascender a uma fé transcendental. Essa é a lógica do escritor bíblico quando se refere ao amor a Deus: "Se alguém afirmar: 'Eu amo a Deus', mas odiar a seu irmão, é mentiroso, pois quem não ama seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê" (1Jo.4.20).

O nosso modo dialético de pensar nos conduz então a concluir que a fé dos homens e mulheres em si mesmos facilita e conduz a uma fé transcendental (fé em Deus) e que fé no transcendente (fé em Deus) nutre a confiança dos homens e mulheres entre si. Sendo assim podemos afirmar que a fé religiosa é elemento que facilita e constrói a fé dos homens e mulheres em seus semelhantes. Esse argumento vem mais uma vez reforçar a importância da fé religiosa nos movimentos emancipatórios.

6.3. Deus

Quase sempre este fatalismo está referido ao poder do destino ou da sina ou do fado - potências irremovíveis - ou uma distorcida visão de Deus. Dentro do mundo mágico ou místico em que se encontra a consciência oprimida, sobretudo camponesa, quase imersa na natureza, encontra no sofrimento, produto da exploração em que está, a vontade de Deus, como se Ele fosse o fazedor desta "desordem organizada".²⁸⁷

Freire sabe que a visão que o homem e a mulher tem de Deus de alguma forma influencia sua visão do mundo, sua postura diante da vida, sua atitude política. Por isso, se preocupa

²⁸⁶ Gustavo GUTIÉRREZ, *Teologia da libertação*, p.255.

²⁸⁷ Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p.49.

com uma certa visão falsa de Deus estimulada pelos opressores e opressoras.²⁸⁸ Que visão falsa de Deus é essa?

É a visão de um Deus que está do lado dos poderosos, por isso "os fazem prosperar". É a visão de um Deus que determina um destino para cada homem e mulher, devendo estes e estas acomodar-se a esse desígnio. É também a visão de um Deus que exige a submissão a todo custo, mesmo da opressão, e que condena qualquer tipo de rebeldia. É a visão do Deus que sofre calado, que não reage ao opressor e que convida aos seus filhos e filhas a fazerem o mesmo.

O teólogo Leonardo Boff reconhece o peso que tem essas falsas visões de Deus e aponta a necessidade de uma interpretação da fé fora do horizonte de interesse dos opressores e opressoras. Propõe essa interpretação no horizonte da teologia da libertação. Uma teologia que considere a experiência de opressão política, econômica e cultural e a experiência dos movimentos libertadores e da resistência dos grupos dominados.²⁸⁹

Em relação à interpretação da morte de Cristo na cruz, algumas vezes ideologicamente usada pelos opressores e opressoras para perpetuar a resignação dos oprimidos e oprimidas diante do sofrimento e opressão, Boff comenta:

poucos temas da teologia foram tão manipulados e corrompidos em sua interpretação como este da cruz e da morte de Jesus Cristo. Especialmente as capas opulentas e detentoras do poder utilizaram o símbolo da cruz e o fato da morte redentora de

²⁸⁸ Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 162.

²⁸⁹ Leonardo BOFF, *Paixão de Cristo paixão do mundo*, p.11.

Cristo para justificar a necessidade do sofrimento e da morte no horizonte da vida humana.²⁹⁰

Na busca de romper com essas visões falsas de Deus, os teólogos da libertação buscaram inspiração no Deus libertador do Êxodo, nos anúncios e denúncias dos profetas no Antigo Testamento, nos discursos e ações libertadoras de Jesus. Desse modo a Bíblia começa a ser lida desde outra ótica e os oprimidos e oprimidas começam a divisar um desafio novo, uma demanda nova de seu Deus e ,principalmente, uma nova visão de Deus.

Freire, como vemos, se antecipa aos teólogos da libertação na sua denúncia dos prejuízos dessas falsas visões de Deus para o processo de emancipação do ser humano. Ao fazer isso desafia a teologia à tarefa de desconstrução de visões distorcidas de Deus e a construção de novas formas de compreensão da fé.

A contribuição de Freire não se restringe apenas à denúncia dessas falsas visões de Deus. Seu método nos aponta o caminho para superá-las. Como bem observa Frei Betto:

O método de Paulo Freire aparece como a grande novidade. É a primeira contribuição naquele momento, que já não quer interpretar o que é o interesse das classes populares, mas ousa perguntar às classes populares qual é a sua maneira de expressar-se no mundo, qual é a sua palavra. E, até então, a palavra que interpretava o popular era a nossa palavra. Vinha de um mundo não-popular,

²⁹⁰ Leonardo BOFF, *Paixão de Cristo paixão do mundo*, p.13.

embora ideológica e politicamente comprometida com a classe popular.²⁹¹

O que Frei Betto reconhece no método de Freire é o que propôs anteriormente Boff ao sugerir a necessidade de uma reflexão teológica fora do horizonte de interesse dos opressores e opressoras. Freire vai mais além e Frei Betto reconhece, pois não basta ao teólogo ou teóloga bem intencionado(a) buscar interpretar os anseios ou visões do povo, é preciso que a palavra venha do povo. Isso não significa calar a voz do teólogo e da teóloga, mas juntar essas vozes com a voz do povo, esse é o caráter dialógico do método proposto por Freire.

O problema para o diálogo entre teólogos e teólogas com o povo é o mesmo apontado por Freire na Educação: desconfiança do povo. A maioria destes profissionais são oriundos da classe dominante e por mais críticos que sejam terminam refletindo em seus conceitos seus interesses de classe. É preciso um ato de fé para superação desse condicionamento e fé no povo.

Frei Betto, na prisão junto com presos comuns, descobre esse potencial teológico do povo e comenta:

tanto melhor conhece a obra de Jorge Amado quem conhece a Bahia. Porque quem conhece a Bahia conhece o contexto em que o texto foi produzido. No caso da Bíblia, o que fomos percebendo na prisão? Muitas vezes, a interpretação do contexto que pretendíamos explicar a eles era feita por eles próprios, e isso nos surpreendia. Mais tarde, nas comunidades de base me surpreendi com interpretações do texto que estavam mais próximas dos estudos científicos. Por quê? Porque o oprimido

²⁹¹ Paulo FREIRE, Frei BETTO, . *Essa escola chamada vida*, p.28.

vive num contexto semelhante ao contexto em que foi produzido o texto bíblico.²⁹²

O opressor e a opressora têm desejo de dominar, de manter sua opressão, o povo tem interesse de se libertar. Se nossos interesses condicionam até certa medida nossa interpretação da fé, a teologia que parta dos oprimidos e oprimidas terá a visão de um Deus libertador. Daí a necessidade imperiosa da teologia ouvir a palavra do povo.

Também, ao mostrar a relação entre a nossa compreensão da fé e nossa visão de mundo, Freire e os teólogos da libertação nos convocam hoje a identificar outras formas de opressão que estão sendo sustentadas por falsas visões de Deus. Há séculos regimes totalitários têm sido mantidos inspirados por uma visão de um Deus monarca, cujas ações e deliberações despacha soberanamente "sentado em um trono". A visão de um "Deus masculino" tem justificado um pseudo conceito de superioridade masculina e, conseqüentemente, tem contribuído para sustentar a opressão da mulher.

A imagem de um "Deus branco" precisa ser do mesmo modo desmistificada. Da mesma forma que o "Deus macho", essa visão retira a alma do seu contrário. Sabemos da grande dificuldade da cristandade branca e escravocrata do período colonial em admitir que negros e negras tivessem alma, ou, o mesmo status de humanidade que eles e elas possuíam. Desconstruir essas falsas visões constituiu-se portanto em grande desafio para a teologia.

²⁹² Paulo FREIRE, Frei BETTO, . *Essa escola chamada vida*, p.40.

6.4 Mundo

Mundo é um tema recorrente no pensamento freireano. Colocações chaves tais como: "não há mundo sem homens",²⁹³ ou "não há consciência antes e mundo depois e vice-versa"²⁹⁴, nos desafiam a descodificar este conceito.

Para Freire existe mundo humano²⁹⁵ e mundo animal.²⁹⁶ O mundo humano é a realidade em processo de transformação,²⁹⁷ é histórico.²⁹⁸ Com isso não nega a dimensão física do mundo, que para o animal é mero suporte. No entanto reconhece que para homens e mulheres o mundo é seu espaço de criação, são "os bens materiais, as coisas sensíveis, os objetos, mas também as instituições sociais, suas idéias, suas concepções".²⁹⁹

O mundo, para Freire, está impregnado de situações limites, que são barreiras e obstáculos para o exercício da plena humanização. Essas situações são históricas, por isso passíveis de serem superadas. Freire se preocupa com a tendência de vermos o mundo de uma forma estática, imutável, visão que nutre um fatalismo, uma acomodação.

Por isso, é preciso desvelar o mundo,³⁰⁰ desmistificá-lo, cindí-lo, para compreendê-lo em sua totalidade e assim subjugá-lo. Ao tornarmos o mundo objeto de nossa admiração e análise, as situações limites se transformam em desafios que apontam ações transformadoras.

²⁹³ Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 71.

²⁹⁴ *Ibid.*, p. 70.

²⁹⁵ *Ibid.*, p. 89.

²⁹⁶ *Ibid.*, p. 91.

²⁹⁷ *Ibid.*, p. 71.

²⁹⁸ *Ibid.*, p. 89.

²⁹⁹ *Ibid.*, p.92.

³⁰⁰ *Ibid.*, p. 167.

6.4.1 O mundo numa perspectiva bíblico-teológica

O termo no Novo Testamento para mundo é *Kosmos*. Para Bultmann o sentido mais comum, seria de um termo histórico, como "mundo dos seres humanos",³⁰¹ humanidade. Reconhece que ocasionalmente o termo possa referir-se ao habitat do ser humano, a terra³⁰² e que muitas vezes o termo vem acompanhado de um juízo teológico, como se estivesse em oposição ao Senhor (1 Co.7.31; 1.20; Gl.1.4 e outros).³⁰³

Nos evangelhos vemos o mundo como algo hostil, mas desafiador. O mundo é apresentado como ímpio (Lc.16.11), como aquele que não reconhece o enviado do Pai (Jo.1.10), é onde reside o pecado (Jo.1.29), é esfera do maligno (Jo.17.15). Por outro lado, o mundo é também campo de missão (Mt.5.13-16; 13.38; Mc.16.15) e alvo do amor de Deus (Jo.3.16).

Podemos concluir que o conceito de mundo de Freire é semelhante ao bíblico. Falar do mundo é essencialmente falar da humanidade, das suas instituições, concepções, ideologias, produção cultural; é enfrentar situações limites, que por serem históricas, podem e devem ser transformadas.

³⁰¹ Rudolf BULTMANN, *Teologia do Novo Testamento*, p.316.

³⁰² *Ibid.*, p. 316.

³⁰³ *Ibid.*, p.317-318.

CAPÍTULO 7

IMPLICAÇÕES PARA UMA PRÁXIS PASTORAL BATISTA

A intenção deste capítulo é tentar reunir os principais achados da pesquisa e fazer a aplicação dos mesmos numa realidade particular, no caso, a práxis pastoral batista.³⁰⁴ Esta intenção esteve presente durante todo o trabalho, é a subjetividade do leitor influenciando na leitura. Mesmo buscando durante a análise uma discussão menos compromissada com uma realidade particular, não foi possível negar que ora ou outra esse desejo, anseio e paixão, terminasse determinando os caminhos.

Quando falamos de práxis pastoral batista precisamos definir bem os termos. Ao referirmo-nos à práxis pastoral estamos tratando das práticas e reflexões relacionadas às atividades do pastor.³⁰⁵ Para os batistas, os nomes "bispo",

³⁰⁴ Há vários grupos batistas no Brasil. As reflexões que aqui são apresentadas tem em mente os batistas filiados à Convenção Batista Brasileira (CBB). Não quer dizer que não possam se aplicadas a outros grupos batistas ou de prática e doutrina semelhante. Pode-se obter informações sobre os batistas da CBB no site: www.batistas.org.br De acordo com o relatório do Conselho Geral da CBB, os batistas filiados à CBB são 990.000 membros distribuídos em 10.227 igrejas e congregações (Fonte: Livro do Mensageiro da 85ª Assembléia da CBB realizada no Rio de Janeiro nos dias 21 a 25 de janeiro de 2005, p. 38.).

³⁰⁵ Oficialmente os Batistas da Convenção Batista Brasileira não tem ordenado mulheres para o pastorado. Algumas congregações e convenções estaduais, à revelia da Convenção Brasileira (CBB), já tem feito isso. A discussão parece que vai se prolongar por bom tempo. Os batistas da CBB tem a prática de em assuntos polêmicos ir deixando sobre a mesa. Enquanto isso líderes e igrejas mais ousadas vão decidindo por sua própria conta. A experiência desses "rebeldes", que arriscam coisas novas, permite que a liderança nacional à luz dessa experiência destes e destas, julgue o

“presbítero” e “pastor” designam o mesmo ofício.³⁰⁶ Suas funções são: 1. ser um mestre espiritual, público ou particular, 2. administrar as ordenanças (Santa Ceia e Batismo), 3. superintender a disciplina e presidir as reuniões da igreja.³⁰⁷ Na Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira,³⁰⁸ no capítulo XI que trata do “Ministério da Palavra”, refere-se ao pastor como homem chamado e separado por Deus para o ministério da palavra.³⁰⁹

7.1 O uso da palavra na práxis pastoral batista

O trabalho dos pastores batistas é essencialmente ensinar a Palavra de Deus e liderar as congregações locais. Aos futuros obreiros e obreiras é ensinada a arte de fazer uso da palavra. A palavra, segundo as Escrituras, deve ser usada para confortar, corrigir e instruir (2 Tm.3.16).

O fato do ministério pastoral ser tido como essencialmente o ministério da palavra não é nenhum problema. Precisamos de líderes que façam bom uso da palavra (tanto divina como humana). O problema é quando o ministério da palavra se converte em *monopólio da palavra*, quando o uso da palavra passa a ser direito apenas de uns poucos. Quando isso acontece a palavra passa a ser então arma de opressão. Para a tradição batista o monopólio da Palavra é exclusividade do Espírito Santo que sopra onde quer (Jo. 3.8).

melhor caminho a ser tomado. Foi assim com a questão do divórcio. Os batistas confiam mais no senso comum que nos teólogos.

³⁰⁶ Augustus Hopkins STRONG, *Teologia sistemática*, p. 674.

³⁰⁷ Augustus Hopkins STRONG, *Teologia sistemática*, p. 677-678.

³⁰⁸ Sócrates Oliveira de SOUZA (Org.), *Pacto e comunhão*, p. 13-28.

³⁰⁹ *Ibid.*, p. 23-24.

Esse "monopólio da palavra de uns poucos" é fruto de uma cultura do silêncio.³¹⁰ Cultura que se fundamenta na desconfiança do povo. "Desconfiança de que o povo seja capaz de pensar certo. De querer, de saber".³¹¹

Seguindo essa mesma linha de reflexão e preocupado com ensino da palavra de Deus e a catequese, Mesters pergunta:

O que se faz diante dessa situação? Confirmamos o povo na sua ignorância e acabamos, assim, de fechar uma parte da revelação divina no cofre forte do povo, que não se abre por si, nem por decreto, ou procuramos acordar o povo para o valor que possui e que poderia enriquecer a nossa cultura e o nosso conhecimento da revelação divina? Se o povo silencia e só escuta, ao ouvir as explicações que lhe fazemos, devemos ver nisso um sinal de que ele concorda e aceita a nossa palavra, reconhecendo a sua ignorância, ou sinal de que a nossa palavra nele não encontrou ressonância e lhe permanece estranha? É impossível continuar uma catequese e uma explicação da Bíblia que ignoram o que o povo sabe e que só sabem o que o povo ignora? Quando dizemos que o povo não tem nada a contribuir estamos apoiados em quê? Talvez só numa convenção cultural ou numa tradição teológica sem memória, que está atrás dos nossos olhos e que nem nós percebemos o quanto nos condiciona o nosso julgamento.³¹²

Concordamos com Mesters, quando diz que o povo tem muito a contribuir quanto à compreensão da Palavra de Deus e não só isso, ele também pode ajudar muito seus/suas líderes na compreensão da realidade. cremos que quando o povo silencia, como observa Mesters, independente de estar compreendendo ou

³¹⁰ Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 47.

³¹¹ *Ibid.*, p. 47.

³¹² Carlos MESTERS, *Por trás das palavras*, p. 33-44.

não o que estamos lhe falando, o objetivo maior que buscamos deixa de ser alcançado, que é seu engajamento na ação libertadora.

A questão fundamental para nós pastores e pastoras é construirmos uma visão clara de nossa missão. O que queremos de fato? Queremos que o povo se torne em um verdadeiro grupo discípulos de Jesus ou apenas ouvintes da palavra (de Deus e nossa)? Se queremos que o povo se torne realmente um grupo de discípulos, precisamos devolver-lhe a palavra.

Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. Mas se dizer a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens (e mulheres)[acréscimo meu]. Precisamente por isto, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la para os outros, num ato de prescrição, com o qual³¹³ rouba a palavra aos demais.³¹⁴

É importante observar que o conceito de palavra de Freire, que ele faz questão de adjetivar de palavra verdadeira, não se trata apenas de uma expressão verbal, escrita ou gestual. Acompanhada destas formas de expressão ela se constitui na ação e reflexão. Só assim ela se torna a palavra criadora e transformadora do mundo. Não há no pensamento de Freire nenhuma margem para um entendimento mágico da palavra.

Essa perspectiva se harmoniza com o que Jesus afirma nos evangelhos: não basta ouvir a palavra é preciso praticá-la (Mt.7.24-27).

³¹³ Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 78.

³¹⁴ *Ibid.*, p. 78.

Constitui-se, portanto, como grande desafio para a tarefa pastoral à luz do que vimos: dialogar com o povo sobre a importância de unir a palavra à ação e reflexão, ensinar sem prescrever, acreditar na capacidade do povo e desafiar o povo para que pronuncie sua palavra.

7.2 A práxis pastoral batista no âmbito do social

As igrejas batistas tendem a seguir a orientação de seus pastores e pastoras. A prática social das igrejas são reflexo, na maioria dos casos, da visão social de seus obreiros e obreiras.

À luz do conceito de amor e generosidade na obra *Pedagogia do Oprimido* os batistas precisam rever sua práxis social. O alerta de Freire precisa ser ouvido pelos pastores e pastoras: "Aqueles que se comprometem autênticamente com o povo é indispensável que se revejam constantemente"³¹⁵. Que seja este o momento de revisão!

Há um esforço dos batistas da Convenção Batista Brasileira (CBB) a uma participação mais efetiva no campo social. Esse esforço se torna evidente na elaboração de uma "Filosofia de Ação Social da CBB".³¹⁶ Outro sinal de um despertar para essa temática foi a publicação pela CBB em 1998 do livro "Ação social da Igreja de Cristo", onde 13 eminentes batistas da CBB contribuíram com artigos sobre o assunto.³¹⁷ No entanto o

³¹⁵ Paulo FREIRE, *Pedagogia do Oprimido*, p.48.

³¹⁶ Disponível na Internet. www.batistas.org.br .

³¹⁷ Sobre os temas que foram tratados, encontramos: A questão social e a realidade brasileira, a Bíblia e a responsabilidade social, a igreja relevante para a comunidade, voltando os olhos para a família, as desigualdades sociais, o trabalho e o desafio para a modernidade, a terra e o seu uso, o imperativo da alimentação, moradia, a saúde está doente, a

engajamento das igrejas e seus membros ainda é muito tímido. É possível que alguns aspectos da teologia batista estejam impedindo a concretização dessas propostas.

Dentre as sugestões de trabalho social encontrado no site da CBB, encontramos: capelania hospitalar, atendimento à Terceira Idade, oficina de alternativas alimentares, ministério em presídios (evangelização), esportes, reforço escolar, entre outros.

Os batistas da CBB têm se dedicado principalmente a atividades de assistência social que em geral estão vinculadas a iniciativas de evangelização. Em vários Estados temos lares para crianças e idosos, colégios batistas, algumas faculdades, centros de recuperação de dependentes químicos, abrigos para pessoas carentes, hortas comunitárias, pequenos cursos profissionalizantes, distribuição de cestas básicas e outras pequenas iniciativas. Geralmente essas instituições e atividades são mantidas por convenções estaduais, associações de igrejas e em alguns casos, unicamente por igrejas locais.

Esta prática social é comum entre as igrejas evangélicas do Brasil, principalmente as evangélicas de missão e pentecostais. Comentando sobre a visão dos batistas, Azevedo observa:

Uma das conseqüências desta mentalidade é a crença de que todas as coisas podem ser resolvidas no plano da vontade: se o interior do homem mudar, o homem mudará. Assim, toda mudança, mesmo a social, tem que passar pela experiência de conversão. Pode-se mudar as formas de governo, mas se não mudar os corações dos homens, não se pode esperar melhoria

educação e o progresso social, cidadania e dignidade, Jesus Cristo e as carências humanas.

alguma (...) Neste caso, o político torna-se uma dimensão secundária da organização humana. A pretensão é de neutralidade.³¹⁸

Lourenço Stélio Rega,³¹⁹ um influente líder batista ao falar da responsabilidade social cristã, afirma ser esta "resultado e consequência da evangelização".³²⁰ Com essa afirmação reproduz-se a idéia de que a transformação da sociedade virá unicamente pela conversão dos homens e mulheres. Como consequência desse modo de pensar, no momento em que se tem que decidir por fazer alguma coisa e quando o tempo e recursos são poucos, a orientação é optar pela evangelização e dessa forma a prática social é deixada em segundo plano.

Na verdade a prática social batista tende mais ao assistencialismo (dar o peixe) que a assistência social (ensinar a pescar). O problema do assistencialismo, que já discutimos neste trabalho, gera dependência, dominação, oferece mais anestésicos que soluções duradouras, mais desumaniza que humaniza. Para que isso não ocorra as igrejas e seus líderes (pastores e pastoras) devem estar ao lado dos pobres e não sobre eles. Geralmente traçamos nossos planos, elaboramos nossos projetos sem dialogar com o povo que pretendemos beneficiar. As igrejas e seus líderes precisam desenvolver o diálogo com o povo, estabelecer estratégias que conduzam à promoção social.

³¹⁸ Israel Belo de AZEVEDO, *A celebração do indivíduo*, p.179-180.

³¹⁹ Lourenço Stélio Rega é diretor da Faculdade Teológica Batista de São Paulo, escritor e membro Fraternidade Teológica Latino-americana (FTL).

³²⁰ Lourenço Stélio REGA, *A bíblia e a responsabilidade social cristã*, p. 27. (In: Salovi BERNARDO, Luís Paulo de L. MORAES (orgs.), *Ação social da Igreja de Cristo*.)

Certo pastor batista resolveu incentivar sua igreja a distribuir cestas básicas na época do natal, após terem distribuído ouviu-se algumas reclamações de que o tipo de arroz não era o que eles e elas costumavam consumir, esse pastor e sua igreja se sentiram indignados, afinal "eles e elas não tinham do que reclamar já que estavam recebendo uma ajuda". Essa postura autoritária revelava a falsa generosidade desse grupo de cristãos.

O que houve de errado no trabalho social dessa igreja? Freire chama esse erro de prescrição.

Toda prescrição é a imposição da opção de uma consciência a outra. Daí, o sentido alienador das prescrições que transformam a consciência recebedora no que vimos chamando de consciência "hospedeira" da consciência opressora. Por isto, o comportamento dos oprimidos é um comportamento prescrito. Faz-se à base de pautas estranhas a eles - as pautas dos opressores.³²¹

Temos que admitir que muitos projetos desenvolvidos por igrejas, ONGs e outras entidades são elaborados não em função das reais necessidades do povo, mas muito mais em função dos desejos pessoais dos líderes destas organizações. O grande problema é que ao prescrever, ao invés de dialogar com o povo, terminam desumanizando-o.

Outro grande problema dos batistas no campo social é a ação política. Comenta Azevedo:

Neste caso, o político tornar-se uma dimensão secundária da organização humana. A pretensão é a de neutralidade. Não importa o sistema em vigor:

³²¹ Paulo FREIRE, *Pedagogia do Oprimido*, p.34.

o crente é cidadão de outra pátria. Não importa o regime em ação: o crente o considera como um mal necessário. Não importa o governo no poder: o crente deve obedecê-lo.³²²

Freire discorda desse ponto de vista e vê como uma ilusão a idéia de transformar os corações dos homens e mulheres sem tocar nas estruturas.³²³ Por outro lado reconhece que não se pode negar "o papel da subjetividade na luta pela modificação das estruturas".³²⁴

É preciso um grande esforço para reeducar politicamente o povo batista. Essa pseudo neutralidade política tem impedido o alcance de objetivos tão valorizados pelo grupo como a evangelização do país. A denominação tem enfrentado dificuldades na evangelização de indígenas, na construção de templos em algumas cidades, no recebimento de missionários estrangeiros e etc. Todas essas dificuldades possuem um campo de enfrentamento, o político. Ou os batistas decidem usar sua força política para desembaraçar os entraves de uma política "anti-evangélica" ou continuará marcando passo.

O despertar dos batistas para uma ação política mais eficaz, cremos, depende de uma reflexão (revisão) teológica de seus posicionamentos. Os batistas não têm se ocupado muito em pensar sua fé, geralmente estão preocupados em defendê-la. Cremos que somente uma reflexão teológica mais profunda permitirá uma mudança de mentalidade em relação à política. Reflexões em torno da teologia de missão tem se desenvolvido, mesmo que timidamente, e já tem apresentado resultados.

³²² Israel Belo de AZEVEDO, *A celebração do indivíduo*, p. 180.

³²³ Paulo FREIRE, *Ação Cultural para a Liberdade*, p. 106.

³²⁴ IDEM, *Pedagogia do oprimido*, p. 37.

7.3 A práxis pastoral batista e a onda neoliberal

Azevedo afirma que "Os batistas no Brasil vêm forjando, à luz de uma tradição própria, suas idéias filosóficas a partir de uma grande matriz: o liberalismo".³²⁵ Como herança desse pensamento liberal na práxis batista, temos: ênfase exagerada na separação entre igreja e estado, a centralidade do indivíduo e forte ênfase na uso da razão na compreensão da fé.

Do liberalismo para o neoliberalismo é só um passo. Não é surpresa que os batistas da atualidade, bem como outras igrejas mais recentes do Brasil, tenham se deixado seduzir por idéias neoliberais.

Falando sobre o assalto neoliberal ao campo social e educacional Tomaz Tadeu da Silva apresenta alguns rasgos dessa ideologia:

(1)deslocamento das causas - o eixo de análise é deslocado do questionamento das relações de poder e de desigualdade para o gerenciamento eficaz e eficiente dos recurso; (2)culpabilização das vítimas - a miséria e a pobreza resultam de escolhas e decisões inadequadas por parte dos miseráveis e dos pobres; (3)despolitização e naturalização do social - as presentes condições estruturais e sociais são vistas como naturais e inevitáveis e abstraídas de sua conexão com relações de poder e subjugação; (4)demonização do público e santificação do privado (...)
(5)apagamento da memória e da história ...³²⁶

Essas estratégias neoliberais que segundo Silva estão assaltando o campo social e educacional tem suas correspondências no meio eclesiástico. Alguns slogans

³²⁵ Israel Belo de AZEVEDO, *A celebração do indivíduo*, p. 299.

neoliberais são facilmente absorvidos pelas igrejas batistas já que são heranças do liberalismo. Questões como despolitização do social e demonização do público já fazem parte do repertório batista há muito tempo.

Já a ênfase no gerenciamento eficaz é fenômeno mais recente e traz consigo muitas conseqüências, entre estas, o surgimento do que podemos chamar de neo-clericalismo, ou seja, um enfoque muito centrado na figura do/da líder. Nota-se nas igrejas batistas, cuja tradição sempre foi de um governo democrático e congregacional, uma tendência à centralização de poder na figura de um pastor ou de um pequeno grupo de líderes.³²⁷

Fascinados pelo crescimento explosivo de algumas igrejas norte-americanas, pastores e pastoras estão recebendo de forma acrítica idéias de autores evangélicos norte-americanos. No afã da eficácia e dos resultados rápidos, muitos princípios caros dos batistas estão sendo sacrificados, dentre estes, a prática democrática das igrejas de tomar suas decisões.

George Barna, um desses escritores norte-americanos que muito tem influenciado a geração dos pastores-administradores, em seu livro "O poder da visão",³²⁸ afirma categoricamente que a visão do que deve ser feito, ou seja, do que vai nortear o planejamento da igreja, Deus dá aos líderes, mais propriamente

³²⁶ Tomaz Tadeu da SILVA, *O projeto educacional da nova direita e a trajetória da qualidade total*, p. 7-8.

³²⁷ As igrejas batistas da CBB tem como prática realizar Assembléias Regulares mensais, onde através do voto de cada membro, as decisões são tomadas. Essa prática está desaparecendo lentamente em muitas igrejas. Algumas igrejas começaram a realizar assembléias apenas trimestralmente, e já há algumas que só realizam anualmente. No intervalo dessas assembléias, um pequeno grupo de líderes tomam as decisões. Assim, lentamente, o modelo congregacional vai se descaracterizando.

³²⁸ George BARNA, *O poder da visão*, p. 50.

ao pastor. É enfático em afirmar que a visão não deve ser resultado do consenso.³²⁹ Depois que o líder recebe a visão de Deus deve passá-la para a igreja.

Seguindo esse mesmo princípio, Josué Campanhã, influente líder batista, em seu livro "Planejamento Estratégico",³³⁰ obra muito difundida não apenas no meio batista, mas evangélico em geral, afirma: "A visão vem de Deus para o líder, para ser compartilhada com a igreja".³³¹

Ao afirmar que a visão de Deus para sua igreja vem ao líder para depois ele ou ela compartilhar com a igreja é uma visão sacerdotal nos moldes do Antigo testamento em que os sacerdotes pertenciam a uma casta de religiosos superiores ao povo e fere um dos principais princípios batistas, que é o sacerdócio do crente.

O sacerdócio do crente, portanto, significa que todos os cristãos são iguais perante Deus e na fraternidade da igreja local. Cada cristão, tendo acesso direto a Deus através de Jesus Cristo, é seu próprio sacerdote e tem a obrigação de servir de sacerdote de Jesus Cristo em benefício de outras pessoas.³³²

Essa onda neoliberal, cuja marca principal é seu pragmatismo, também tem trazido para o campo eclesiástico uma nova terminologia. Palavras com conotações mercadológicas hoje fazem parte do vocabulário comum das igrejas, tais como:

³²⁹ George BARNA, *O poder da visão*, p. 51.

³³⁰ Josué CAMPANHÃ, *Planejamento estratégico*.

³³¹ *Ibid.*, p. 97.

³³² Sócrates Oliveira de SOUZA (Org.), *Pacto e comunhão*, p. 33.

gerenciamento,³³³ produtividade,³³⁴ concorrentes,³³⁵ planos de ação, estratégias, entre outras.

Estas novidades eclesiológicas já estão sendo combatidas no seu berço, USA. Vozes, mesmo que ainda poucas, estão se levantando contra essa tendência. Um livro recente, traduzido e publicado no Brasil, intitulado "Igreja S/A: dando adeus à igreja-empresa e recuperando o sentido da igreja-rebanho",³³⁶ mostra essa preocupação.

Quais desafios se apresentam à práxis pastoral batista à luz dessa onda neoliberal?

Parece-nos que o grande desafio é primeiramente a reflexão crítica. O ministério pastoral batista no Brasil está atordoado diante de tantas novidades. Ora ouve falar de "Igrejas com Propósitos",³³⁷ "Rede Ministerial",³³⁸ "igrejas em células",³³⁹ "G12"³⁴⁰, "Crescimento natural da Igreja",³⁴¹ entre outras novidades.

³³³ Josué CAMPANHÃ, *Planejamento estratégico*, p. 243.

³³⁴ George BARNA, *O poder da visão*, p. 126.

³³⁵ *Ibid.*, p. 95.

³³⁶ E. Glenn WAGNER, *Igreja S/A*.

³³⁷ Igreja com Propósitos é uma metodologia que tem crescido no Brasil batista. Várias igrejas e pastores tem aderido a essa metodologia. A obra principal que trata desse modelo de igreja é: WARREN, Rick. *Uma igreja com propósitos*.

³³⁸ Rede Ministerial é uma metodologia que propõe revitalizar a igreja através do ministério dos dons espirituais. Foi desenvolvida na Willow Creek Community Church nos EUA. Hoje já possui uma organização internacional que divulga e auxilia na implantação do modelo. Temos obras traduzidas pela Igreja Batista Central de Fortaleza, Ceará, que introduzem a metodologia. Ver: Bruce BUGBEE, Don COUSINS, Bill HYBELS, *Rede ministerial*.

³³⁹ Igrejas em células é uma metodologia que busca o crescimento da igreja através de pequenos grupos (8 - 15 pessoas).. Esses grupos se reúnem geralmente em lares com o propósito de edificação mútua e evangelização. Informações sobre essa metodologia ver: www.celulas.com.br.

³⁴⁰ G12 é uma variação do modelo de igrejas em células com um perfil neopentecostal e neocarismático. Suas principais características são:

Os pastores e pastoras batistas, ao estudar essas novas propostas eclesiológicas com o fim de aplicá-las às suas igrejas precisam antes passá-las pelo crivo teológico. Alguns caminhos muitos largos e aparentemente fáceis de transitar podem no final de tudo resultar em desastre para a igreja (cf. Mt.7.13-14).

7.4 A práxis pastoral batista no ensino e discipulado

Os batistas dão bastante ênfase ao ensino e discipulado. Tradicionalmente uma igreja batista da CBB é dividida em organizações voltadas a instruir seus membros de acordo com sua faixa etária. Há organizações para crianças, juniores, adolescentes, jovens, adultos e idosos. Além das organizações divididas por faixa etária, há as que são divididas também por gênero.³⁴² Há também a Escola Bíblica Dominical (EBD) que é a maior organização e congrega todos os grupos em classes de aula.

Os cultos também são voltados ao ensino e discipulado. A maioria das igrejas tem pelo menos dois cultos semanais, o culto de domingo e quarta-feira (ou meio de semana). Algumas igrejas acrescentam às atividades das organizações e dos cultos, reuniões nos lares através de pequenos grupos.

ênfase na formação de grupo de 12 pessoas, na participação numa reunião que chamam de Encontro, prática de regressão psicológica, sopro espiritual, e etc.

³⁴¹ Crescimento Natural da Igreja é um modelo para crescimento das igrejas com base em pesquisas do Instituto para o Desenvolvimento da Igreja. Os seus princípios teóricos estão expostos na obra de Christian A. SCHWARZ, Christoph SCHALK, *A prática do crescimento natural da igreja*.

³⁴² Para mulheres temos MCA (Mulheres Cristãs em Ação) e para homens UHB (União de Homens Batistas).

O problema não está na falta de atividade, mas em como tudo é feito. Geralmente a responsabilidade é dividida entre um pequeno grupo de membros mais comprometidos e a grande maioria termina como espectadores ou assistidos. Esse fenômeno gera pelo menos duas graves conseqüências: o desgaste dos poucos que trabalham e a falta de crescimento pessoal e espiritual dos que são feitos objetos da ação.

À luz do que aprendemos em diálogo com Freire e a teologia, uma ação verdadeiramente libertadora não usa armas da dominação, nem trata homens e mulheres como objetos. Uma ação libertadora tratará os oprimidos e oprimidas como sujeitos, eles e elas farão parte da ação que os tornará livres.

Desse modo, ao invés de um ensino ou discipulado pautado na prescrição, na palavra de alguns poucos e no silêncio da maioria, o diálogo e a ação ocupará o centro do processo formador da igreja. Como vimos em Freire, "Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão".³⁴³

Todo esforço pastoral que pretende a formação de discípulos maduros e responsáveis, deve preocupar-se com a participação de todos na ação libertadora. No entanto, essa ação deve ser acompanhada de reflexão, senão se transforma em ativismo e termina servindo à opressão.

Caminha junto com o ativismo o fanatismo. Ambos tem uma causa em comum: falta de reflexão e inserção crítica.

³⁴³ Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 78.

Resta aos pastores e pastoras esses dois grandes desafios: mobilizar a igreja à reflexão e ao trabalho. O importante é sabermos que sem reflexão e trabalho de todos e todas envolvidos/as, todo esforço é vão e até perigoso pelos resultados. Podemos está transferindo apenas oprimidos e oprimidas de um pólo a outro de opressão.

Uma práxis pastoral libertadora terá que seguir pela senda mais difícil, porém necessária, do diálogo democrático, da reflexão junto com o povo, da confiança nos homens e mulheres iniciantes na vida cristã, da confiança nos mais antigos mesmos presos a tradições, algumas já caducas, inclusive, terá que preparar-se, como diz Freire, para deserções da luta e até de traições.³⁴⁴

7.5 A práxis pastoral batista e a utopia de uma nova humanidade

Os batistas não crêem numa mudança no mundo (humanidade) pela via da política ou de mudanças estruturais. Na verdade, os batistas em geral são muito pessimistas quanto ao futuro. Crêem que o mundo avança para uma destruição que culminará com a segunda volta de Cristo (parousia). O que os crentes devem fazer é pregar e viver o evangelho. É esse compromisso de viver o evangelho que o leva a alguma ação no campo social.

Azevedo chama essa visão de história dominante entre os batistas e alguns grupos de evangélicos, de peregrinismo; e assim ele a descreve:

É um tipo de dualismo apocalíptico, no qual existe um plano de Deus para cada pessoa; este plano já está dado: ele é preexistente (ou ele preexiste???)

³⁴⁴ Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 168.

às decisões de cada um na história. E nesta história, pré-determinada, o fim será trágico: cabe a cada um salvar-se. Para estes salvos, o futuro será glorioso. Importar-se com o presente é irrelevante. Os eventuais sofrimentos devem ser relativizados porque o fim da história reserva ao crente uma vida completamente diferente, infinitamente melhor na sua qualidade.³⁴⁵

A perspectiva da espera e o sentido da esperança, foi mais uma vez distorcido pela igreja. Segundo Jesus, o tempo de espera deve ser tempo de luta e trabalho (Mt.24.42-51; Lc.12.35-40), e ao invés da igreja se ocupar com o tempo do fim, deve ocupar-se da missão (At.1.6-8).

É nessa perspectiva que Freire trata o tema esperança. Ele sabia que a esperança mal interpretada poderia levar a um cruzar de braços.³⁴⁶ Para Freire a Pedagogia do Oprimido é uma Pedagogia da esperança, serve como motor da luta, como utopia que aponta o futuro e transforma o presente.

A escatologia precisa ser mais explorada na práxis pastoral. Ela possui uma força, um atrativo; ela ao nos impulsionar para o futuro, transforma nosso presente. É mais ou menos assim que Leonardo Boff define utopia:

Utopia, literalmente, significa: "de nenhum lugar". Utopia é a descrição de um estado ideal da condição humana, pessoal e social, que não existe em nenhum lugar mas que serve para relativizar qualquer tipo de sociedade, criticá-la e também impulsioná-la para que se modifique e se oriente na direção do ideal apresentado. A utopia representa a realização plena de virtualidades presentes dentro da vida. Neste

³⁴⁵ Israel Belo de AZEVEDO, *A celebração do indivíduo*, p.177.

³⁴⁶ Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 82.

sentido, o utópico pertence ao real, na sua dimensão possível e virtual.³⁴⁷

³⁴⁷ Leonardo BOFF, *A águia e a galinha*, p. 206.

REFLEXÕES FINAIS

Ao iniciar este trabalho, com a intenção de realizar uma leitura teológica da Pedagogia do Oprimido, não imaginava a riqueza de idéias que esta obra podia trazer à minha reflexão teológica e pedagógica. Sabia, mesmo que superficialmente, que muitos outros pesquisadores já tinham se dedicado a analisar teologicamente o pensamento político-pedagógico de Paulo Freire. Mas descobri que nenhum desses pesquisadores se ateuve no estudo de uma obra particular. Faltava, e ainda falta, um estudo mais exaustivo de cada uma de suas obras.

Ao me debruçar sobre a Pedagogia do Oprimido procurando compreender seus conceitos, sua estrutura, sua teologia; descobri a razão dela ser a principal obra de Paulo Freire. À medida que fui lendo e relendo a Pedagogia do Oprimido, descobri que estava lendo da mesma forma como lia a Bíblia, cada verso, cada parágrafo, me exigia parar e refletir. Quando leio a Bíblia é como se passasse um "anti vírus" em mim, enquanto leio, dou-me conta dos meus erros, humilho-me e arrependo-me.

Assim tem sido com a Pedagogia do Oprimido, lendo suas páginas ora me vejo como oprimido, ora como opressor, vejo meu autoritarismo de pastor e educador, vejo-me prescrevendo ao invés de dialogando. A radicalidade com a que Paulo Freire fala de amor, generosidade, comunhão, testemunho, leva-me a rever meus conceitos e atitudes. A Pedagogia do oprimido transformou-se para mim em um livro de meditação.

Essa meditação, de fato, opera como uma dobradiça que existe em minha consciência, unindo o pastor batista ao educador popular. O tema dobradiça, para Freire, representava um esforço científico que realizava a chamada

“redução” da temática significativa, a equipe reconhecerá a necessidade de colocar alguns temas fundamentais que, não obstante, não foram sugeridos pelo povo, quando da investigação. A introdução destes temas, de necessidade comprovada, corresponde, inclusive, à dialogicidade da educação, de que tanto temos falado. Se a programação educativa é dialógica, isto significa o direito que também têm os educadores-educandos de participar dela, incluindo temas não sugeridos. A estes, por sua função, chamamos “temas dobradiça”.³⁴⁸

Assim os “temas dobradiça” são, segundo Freire, aqueles que embora não sugeridos pelo povo, são fundamentais para a compreensão da realidade. São “dobradiça” porque unem partes, permitem uma melhor articulação dos demais temas. Assim serviu o conceito antropológico de cultura no método de alfabetização.³⁴⁹

A doutrina da encarnação

Esta é a temática central da teologia latino-americana e vem sendo trabalhada especialmente pela tradição apocalíptica: o verbo se fez carne, a palavra acampou entre nós, Deus visita seu povo. Essa valorização do povo pela encarnação de Deus é a tese teológica que talvez fundamente com maior radicalidade a leitura teológica da obra de Freire, empreendimento acadêmico iniciado nesta dissertação, mas que carece de aprofundamentos

³⁴⁸ Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 115-116.

³⁴⁹ *Ibid.*, p. 119.

posteriores. Neste ponto da conclusão apenas sinalizo para essa possibilidade de continuação da pesquisa.

Na Pedagogia do Oprimido nos parece implícita a doutrina cristã da Encarnação. Essa é uma doutrina central para a fé cristã. A idéia de um Deus que se solidariza com o ser humano ao ponto de deixar sua glória divina ³⁵⁰ para estar ao lado de suas criaturas. Essa idéia ocupa um lugar "sagrado" no imaginário religioso principalmente dos povos oprimidos. Essa imagem do Cristo ao lado dos oprimidos permite compreender melhor a radicalidade dos conceitos apresentados na *Pedagogia do Oprimido*. Seu exemplo de amor e generosidade é um testemunho à liderança revolucionária bem como para os oprimidos e oprimidas. O reino que o Cristo anuncia se torna o inédito-viável, é o desafio a ser perseguido e alcançado para a libertação e impede posições comodistas, passivas e adaptadas. A natureza do Cristo rompe com os dualismos, pois o Cristo é divino, mas também humano e isso impõe uma visão **dialética** da realidade.

Amaladoss, teólogo indiano, observa que, mesmo em religiões não-cristãs, idéias parecidas à doutrina da encarnação se desenvolveram:

Quando ouviram a história de Jesus, os indianos também procuraram em suas tradições religiosas nomes apropriados para ele. Chamaram-no *Guru*, o grande amo e mestre; *Avatar*, Deus que desceu em forma humana entre os seres humanos para salvá-los da opressão injusta...³⁵¹

Para Antoniazzi:

³⁵⁰ *Kenosis* no grego significa esvaziamento.

³⁵¹ Michael AMALADOSS, *Missão e inculturação*, p. 79.

O tema da Encarnação foi central, essencial, na teologia escolástica e moderna, e - pode-se dizer - na cristologia que predominou desde o século V até recentemente. Também quando se distinguiu a cristologia propriamente dita ("De Verbo incarnato") da soteriologia ("De redemptione"), esta última ficou totalmente dependente da perspectiva da Encarnação e de uma cristologia, "de cima".³⁵²

De acordo com a doutrina cristã da Encarnação o Deus Filho (Jesus) se fez carne (humano) e habita entre os homens e as mulheres (Jo 1.14), identifica-se em tudo, menos no pecado (Hb 4.15). Ao identificar-se, o Filho de Deus não perde sua identidade divina, inclusive foi preciso mantê-la para realizar a Redenção (Rm 8.3). No entanto ao fazê-lo sacrifica sua glória divina - Sendo Senhor, faz-se servo (Fl 2. 7-9).

É justamente essa idéia que vai retornar com toda sua significação teológica, social e política, reinterpretada e codificada a partir de situações existenciais da América Latina do final da década de sessenta, e vai permitir uma reflexão teológica e pedagógica que tenha como ponto de partida o oprimido (pobre) e como objetivo da práxis, a libertação.

Recordemos nossos temas geradores: libertação, comunhão, amor, generosidade, testemunho, esperança, a palavra, imersão, emersão, inserção, fé, Deus, mundo. Todos estes temas encontram na figura do Cristo, o Verbo Encarnado, o modelo, a fonte, o fundamento de sua inspiração. O Cristo é o modelo para a liderança revolucionária, tanto no que respeita a

³⁵² Alberto ANTONIAZZI, *Encarnação e salvação*. In: Carlos R BRANDÃO et al., *Inculturação e libertação*, p. 131.).

entrega, abnegação, coragem relacionamentos com seus liderados, senso de justiça, autoridade e amor aos seus companheiros e companheiras.

A doutrina cristã da encarnação confirma a tese de Freire de que a libertação só acontece em comunhão. Ela não é um decreto divino, mas um processo de luta que obrigou o próprio Deus a juntar-se aos homens e mulheres (Jo.3.16). Os cristãos e cristãs do primeiro século entenderam que Deus compreendia suas lutas e fraquezas porque tinha-se feito humano, oprimido como eles e elas (Hb.4.15, 5.2). A compreensão divina para suas causas não é apenas um atributo divino, mas fruto da sua convivência com eles e elas durante o ministério terreno de seu Filho.

O Deus-Filho, que se fez carne, preconiza o papel da liderança revolucionária. Ele se une ao povo, se identifica, compreende sua linguagem, sua visão de mundo, seus anseios. Como modelo para um líder revolucionário, dialoga com o povo, apresenta seu projeto, desafia à colaboração e finalmente os convida para juntar-se a Ele na luta pela libertação (Mt.4.18-20).

Teoria e prática

A Pedagogia do Oprimido não é apenas uma teoria, é práxis. Freire reflete sua subjetividade, ele não usava apenas a dialética como modo de pensar e decodificar a realidade, ele era dialético. Prática e teoria estão tão entrelaçadas no pensamento de Freire que é praticamente impossível separar conteúdo e método em seus escritos. No começo da pesquisa

pensava encontrar o método de Paulo Freire descrito em algum capítulo e logo descobri que a teoria e o método são uma coisa só. A princípio era método de alfabetização, depois transforma-se em metodologia para pesquisa do conteúdo programático numa situação de pós-alfabetização e afinal em um amplo método de pesquisa social que certamente pode ser usado na teologia.

Utilizar o próprio método de Paulo Freire para realizar a leitura teológica da Pedagogia do Oprimido exigiu da minha parte um estudo ainda mais minucioso da obra. Desse modo, o ser dialético de Freire me contagiou, enquanto adaptava o método para uma leitura teológica, realizava a leitura. Assim, esta dissertação, é tanto uma leitura teológica, como um esforço de construção de um método para tal leitura.

Numa perspectiva teológica, a Pedagogia do Oprimido possui algumas lacunas. Freire, quando fala de Deus, mundo, libertação, fé e de um projeto de nova humanidade não nega nem afirma o papel da dimensão espiritual (religiosa). Reconhece que as lideranças precisam conhecer as crenças religiosas do povo, reconhece o papel da subjetividade na luta pela libertação, mas seu humanismo cristão parece limitado quando propõe apenas a conscientização política e a transformação das estruturas como meio de criação de uma nova humanidade.

Por outro lado, quando fala de amor, generosidade, comunhão, solidariedade, testemunho, imersão, emersão e inserção, sua dimensão cristã aflora. Não é apenas a semelhança do vocabulário que aproxima a Pedagogia do Oprimido com a teologia, são os significados dos conceitos.

Como vimos neste trabalho, em obras posteriores a Pedagogia do Oprimido Freire tratou de forma mais aberta a questão da fé e seu papel na luta pela libertação. Todo ensaio escrito é sempre uma obra a completar-se, não foi diferente com a Pedagogia do Oprimido.

Este trabalho, com a utilização do método de investigação temática nos aponta um caminho novo de fazer teologia. Imaginamos a possibilidade do método de Freire ser usado numa pesquisa acadêmica de maior fôlego com intuito de produzir conhecimento teológico com a participação do povo. Teólogos e teólogas em diálogo com o povo na busca de temas geradores, codificando e descodificando situações existenciais de uma determinada comunidade, mediatizados pela Palavra de Deus (Bíblia), pelo mundo e pelo saber teológico sistematizado, buscando através da práxis discernir a revelação de Deus e transformar o mundo.

Na perspectiva da leitura teológica de uma obra literária, cremos que os passos que aqui seguimos demonstraram sua viabilidade. Cindir a obra em temas, escolher os que tenham afinidade com a linguagem da fé ou sejam de grande significação humana e confrontá-los com a teologia, manter uma postura de diálogo, julgar os temas da obra à luz da teologia e a teologia à luz dos temas da obra, realizar um esforço de sistematização (totalização) e devolver ao povo (leitor e leitora) em forma de problemas e desafios.

Finalmente fizemos uma tentativa à luz de nossa práxis de leitura teológica da Pedagogia do Oprimido de problematizar alguns temas da práxis pastoral batista. Vimos que o pensamento político-pedagógico de Freire pode muito contribuir

na construção de uma práxis pastoral mais crítica, evitando que pastores e pastoras sejam imersos na onda neoliberal, que tem invadido o cenário batista e evangélico do Brasil. A pedagogia de Freire é também um desafio para os batistas continuarem na luta pela manutenção de sua tradição eclesial democrática e popular.

Termo essa caminhada consciente de que há muito mais que percorrer. Freire foi um pensador criativo, eclético, curioso, surpreendente. Nenhum estudo particular dará conta de abarcar todo o espectro teórico de sua obra. Todo trabalho de pesquisa é apenas uma introdução, é apenas um convite a maiores reflexões. Se alguém chegar ao fim da leitura deste trabalho mais curioso ou curiosa, me dou por satisfeito.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Rubem A. *Cristianismo, opio o liberación?* Salamanca: Sígueme, 1973.
- AMALADOSS, Michael. *Missão e inculturação*. São Paulo: Loyola, 2000.
- ANJOS, Márcio Fabri dos. *Teologia da inculturação e inculturação da teologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- AZEVEDO, Israel Belo. *A celebração do indivíduo: a formação do pensamento batista brasileiro*. Piracicaba: Unimep; São Paulo: Exodus, 1996.
- BARNA, George. *O poder da visão*. 1. ed. São Paulo: Abba Press, 1993.
- BECKER, Howard S. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. 2. Ed. São Paulo: HUCITEC, 1994.
- BERNARDO, Salovi, MORAES, Luís Paulo de L.(orgs.). *Ação social da Igreja de Cristo*. Rio de Janeiro: JUERP, 1998.
- BÍBLIA SAGRADA: Antigo e Novo Testamento. Trad. Em português por João Ferreira de Almeida. Nova Versão Internacional. São Paulo: sociedade Bíblica Internacional, 2002.
- BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador: ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo*. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972.
- _____. *Paixão de Cristo paixão do mundo: os fatos, as interpretações e o significado ontem e hoje*. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- _____. *Santíssima Trindade a melhor comunidade*. Petrópolis: Vozes, 1988.

- _____. *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- BOM SUCESSO, Edina de Paula. *Relações interpessoais e qualidade de vida no trabalho*. Rio de Janeiro: Qualitymark Ed., 2002.
- BOSCH, David J. *Missão Transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2002.
- BRANDÃO, Carlos R. (et al.). *Inculturação e libertação: semana de estudos teológicos CNBB/CIMI*. São Paulo: Paulinas, 1986.
- BUGBEE, Bruce, COUSINS, Don, HYBELS, Bill. *Rede ministerial: pessoas certas... lugares certos... pelas razões certas...: guia do participante*. São Paulo: Vida, 1998.
- BULTMANN, Rudolf. *Crer e compreender: ensaios selecionados*. São Leopoldo: Sinodal, 2001.
- _____. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2004.
- CAMPANHÃ, Josué. *Planejamento estratégico: como assegurar qualidade no crescimento de sua igreja*. São Paulo: Vida, 2001.
- CHOURAQUI, André. *A Bíblia: no princípio (Gênesis)*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- CINTRA, Benedito Eliseu Leite. *Paulo Freire entre o grego e o semita: educação: filosofia e comunhão*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.
- COMENIUS. *Didática Magna*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- COMMUNIO KOINONIA: el concepto en el Nuevo Testamento y entre los primeros cristianos aplicación y relevancia contemporáneas. Estraburgo: Instituto para la Investigación Euménica, 1990.
- CONCLUSÕES DA CONFERÊNCIA DE MEDELLIN, 1968: trinta anos depois, Medellín é atual? São Paulo: Paulinas, 1998.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. Disponível na Internet. <http://www.senado.gov.br/sf/legislacao/const/>. 01 de junho de 2005.

DICIONÁRIO DE CONCEITOS FUNDAMENTAIS DO CRISTIANISMO. São Paulo: Paulus, 1999.

ELIAS, John L. *Paulo Freire: adult religious educator*. Malabar, Fla.: Krieger, 1986.

ESPIRITO SANTO, Eliseu Roque do. *Prática pedagógica democrática-prática pedagógica democratizante: uma crítica à pedagogia crítico-social dos conteúdos*. Monografia. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1999.

FREIRE, Ana Maria (Org.). *A pedagogia da libertação em Paulo Freire*. São Paulo: UNESP, 2001.

FREIRE, Paulo, BETTO, Frei. *Essa escola chamada vida*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1985.

FREIRE, Paulo. *À sombra desta mangueira*. São Paulo: Olho d'Água, 2001.

_____. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

_____. *Cartas a Cristina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

_____. *Conhecer, praticar, ensinar os Evangelhos*. Tempo e Presença, Rio de Janeiro, publicação mensal do CEDI, nº.154, outubro, 1979.

FREIRE, Paulo. *Consciência e história: a práxis educativa de Paulo Freire: antologia (de textos selecionados) de Paulo Freire; seleção, estudo preliminar e notas a cargo de Carlos Alberto Torres Novoa*. São Paulo: Loyola, 1979.

_____. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. *Educação como prática da liberdade*. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. *Educação e Atualidade Brasileira*. 2.ed. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2002.

- _____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- Freire, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- _____. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.
- _____. *Pedagogia do oprimido*. 37. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- _____. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São paulo: UNESP, 2001.
- GADOTTI, Moacir. *Convite à leitura de Paulo Freire*. Série Pensamento e ação no magistério. São Paulo: Scipione, 1989.
- GIROUX, Henry A. *Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- GOLEMAN, Daniel. *Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- GOPPELT, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento*. 3.ed. São Paulo: Teológica, 2003.
- GUNDRY, Stanley. *Teologia Contemporânea*. 1. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1983.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da libertação: perspectivas*. São Paulo: Loyola, 2000.
- INODEP (Instituto Oecuménique au Service du Développement des Peuples) In: FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.
- JEREMIAS, Joachim. *As parábolas de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 1976.
- JOHNS, Cheryl Bridges. *Pentecostal formation: a pedagogy the oppressed*. England: Sheffield Academic Press, 1993.

- KÜMMEL, Werner Georg. *Síntese teológica do Novo Testamento de acordo com as testemunhas principais: Jesus, Paulo, João*. São Paulo: Teológica, 2003.
- KUSCHEL, Karl-Josef. *Os escritores e as escrituras: retratos teológicos-literários*. São Paulo: Loyola, 1999.
- LIBÂNIO, João B., BINGEMER, Maria Clara L. *Escatologia cristã*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.
- LIVRO DO MENSAGEIRO. *85ª Assembléia da Convenção Batista Brasileira*. Rio de Janeiro, 21 a 25 de janeiro de 2005.
- LÖWY, Michael. *A guerra dos deuses: religião e política na América Latina*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- _____. *Redenção e utopia: o judaísmo libertário na Europa central (Um estudo de afinidade eletiva)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- MAGALHÃES, Antonio. *Deus no espelho das palavras: teologia e literatura em diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- MANZATTO, Antonio. *Teologia e literatura: reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado*. São Paulo: Loyola, 1995.
- MATURANA, Humberto. *Emoções e linguagem na educação e política*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- MCLAREN, Peter, LEONARD, Peter, GADOTTI, Moacir (Orgs.). *Paulo Freire: poder, desejo e memórias da libertação*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.
- MESTERS, Carlos. *Por trás das palavras*. 2. ed. Petrópolis. RJ: Vozes, 1975.
- MINICUCCI, Agostinho. *Relações humanas: psicologia das relações interpessoais*. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- MION, Rejane Aurora, SAITO, Carlos Hiroo (orgs.) *Investigação-Ação: mudando o trabalho de formar professores*. Ponta Grossa: Planeta, 2001.
- MOLTMANN, Jürgen. *Teologia da esperança: estudos sobre os fundamentos e as conseqüências de uma escatologia cristã*. São Paulo: Teológica, 2003.

- OLIVEIRA, Admardo Serafim de. *Bibliografia comentada sobre Paulo Freire*. Vitória, [s.n.], 1987. O documento de 164 páginas encontra-se na Biblioteca da EST sob código EC 40-3/F866/26.
- PAULY, Evaldo Luis. *Ética, educação e cidadania: questões de fundamentação teológica e filosófica da ética da educação*. São Leopoldo: inodal, 2002.
- _____. *Mãos à obra: porque Deus nos amou: uma reflexão da teologia prática luterana sobre o assistencialismo*". Disponível na Internet: www.est.com.br/publicacoes/estudos_teologicos/vol42001_2002 Data de acesso: 04.05.2005.
- QUINTANA, Mário. *Nova Antologia Poética*. São Paulo: Globo, 1998.
- RICHARD, Pablo (org.). *Raízes da teologia latino-americana*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- RICOEUR, Paul. *História e verdade*. Rio de Janeiro: Forense, 1968.
- SCHIPANI, Daniel S. & FREIRE, Paulo. *Educación, libertad y creatividad: encuentro y diálogo con Paulo Freire*. San Juan, Puerto Rico: Universidad Interamericana de Puerto Rico, 1998.
- SCHIPANI, Daniel S. *Teologia del ministerio educativo: perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: Nueva Creación, 1993.
- SCHULTZ, Adilson. *Agenciamento teórico-metodológicos para o estudo do lugar do protestantismo no imaginário religioso brasileiro a partir do encontro da teologia com a literatura (na casa de João Guimarães Rosa)*. Disponível na Internet: www.est.com.br/nepp/numero_01/index.htm Data de acesso: 25.04.2005.
- SCHWARZ, Christian A., SCHALK, Christoph. *A prática do crescimento natural da igreja*. Curitiba: Evangélica Esperança, 1998.
- SILVA, Tomaz Tadeu da e GENTILI, Pablo (orgs.) *Escola S.A.: quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo*. Brasília: CNTE, 1996.

- SOBRINO, Jon. *Cristologia desde América Latina: esbozo a partir del seguimiento del Jesús histórico*. 2. ed. México: Centro de Reflexión Teológica, 1976.
- SOUZA, Sócrates Oliveira de (Org.). *Pacto e comunhão*. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa da Convenção Batista Brasileira, 2004.
- STRECK, Danilo R. (Org.). *Paulo Freire: ética, utopia e educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- _____. *Pedagogia no encontro de tempos: ensaios inspirados em Paulo Freire*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- STRONG, Augustus Hopkins. *Teologia sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2003.
- TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. São Paulo: Paulinas, São Leopoldo: Sinodal, 1984.
- TORRES, Carlos Alberto. *Leitura Crítica de Paulo Freire*. São Paulo: Loyola, 1981.
- TRIVIÑOS, A. N. Silva e ANDREOLA, B. Antônio. *Freire e Fiori no exílio: um projeto pedagógico-político no Chile*. Porto Alegre: Ritter dos Reis, 2001.
- WACHS, Manfredo Carlos. *Teologia e pedagogia num pensar conjunto. Estudos Leopoldenses - Educação*. São Leopoldo, v. 2, n. 3, 1998.
- WAGNER, E. Glenn. *Igreja S/A: dando adeus à igreja-empresa e recuperando o sentido da igreja-rebanho*. São Paulo: Vida, 2003.
- WARREN, Rick. *Uma igreja com propósitos*. São Paulo: Vida, 1997.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1967.

SÍTIOS DA WEB CONSULTADOS WWW

www.celulas.com.br

www.jmm.org.br

www.batistas.org.br

Www.celam.org